I—O CARICATURISTA

Raphael Bordallo Pinheiro

DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

COM UM ESTUDO

DE

MANOEL DE SOUSA PINTO

1915

LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.DA, EDITORES
132, Rua Aurea, 138
LISBOA

Ao Snr Moreira d'Alm[eida]

off.

Gustavo Bordallo Pinheiro

Abril 1915

I—O CARICATURISTA

Raphael Bordallo Pinheiro

A seguir:

II—O CERAMISTA

Imprensa Libanio da Silva — Travessa do Fala Só, 24 - Lisboa

I—O CARICATURISTA

Raphael Bordallo Pinheiro

DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

COM UM ESTUDO

DE

MANOEL DE SOUSA PINTO

1915

LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.DA, EDITORES
132, Rua Aurea, 138
LISBOA

NOTA — A morte de Raphael Bordallo Pinheiro deu-se a 23 de Janeiro, e não a 29, como, por lapso de revisão, se lê a pag. LXXXVII.

BORDALLO E A CARICATURA

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

Da capa do *Diario de Noticias Illustrado* Natal de 18[illegible]

Bordallo e a Caricatura

I

O Fundador da Dynastia

M. M. Bordallo Pinheiro

A dynastia insigne dos Bordallo Pinheiro, quê tão fulgentemente haveria de dar á historia artistica portugueza alguns dos seus mais bellos nomes, teve origem no matrimonio do Dr. Manuel Felix d'Oliveira Pinheiro, jurisconsulto abalisado e primeiro presidente da Associação dos Advogados, de Lisboa, com D. Jacinta Adelaide Herculana Bordallo Alvares e Asturias, em cujos appellidos não é difficil entrever reminiscencias de antiquissima nobreza hespanhola.

Dos filhos d'esse casal foi o mais illustre Manuel Maria Bordallo Pinheiro, o qual, reagindo contra a tradicção juridica da familia paterna, deixando em paz codigos e escrivães, abriu novos rumos á sua actividade e á dos seus descendentes, compellindo o gladio justiceiro e a toga derimente dos Oliveiras e Pinheiros a ceder a vez ao lapis jocoso, aos pinceis luminosos, aos magicos bilros, ás deliciosas faianças, á blusa creadora dos Bordallos.

Pintor, esculptor, gravador em madeira, illustrador, figurinista, escriptor, burocrata, amador de musica e amigo de viajar, Manuel Maria

Bordallo Pinheiro evidencía-se no seculo XIX como um dos mais curiosos representantes da arte romantica em Portugal, e á sua obra variadissima vae sendo tempo de a arrancar do olvido que immerecidamente a traz sonegada do exame e contemplação das gerações actuaes.

Não me compete dizer minuciosamente, neste reduzido ensaio, do valor e alcance da producção bastante numerosa, apreciavel e desegual do auctor do *Bibliophilo*, do *Pasteleiro de Belem*, do *Reclamo*, da *Prova do vinho novo*, do *Sapateiro propheta*, da *Chavena de café*, nem seguir o illustrador de Garrett e, com elle, co-fundador do *Jornal das Bellas Artes*, atravez dos multiplos aspectos da sua vida laboriosa de artista, soldado, chefe de familia, funccionario publico e viajante, que, no sentido necrologio do *Antonio Maria*, Guilherme d'Azevedo synthetisou d'este modo: «Contemplar o seu longo trabalho accumulado, é contemplar o homem. Conhece-se logo que foi inspirado pela musa da *bondade*, essa musa sem cathegoria mythologica, mas que é a mais digna do nosso tempo; a musa dos trabalhadores honestos e dos luctadores honrados, a musa dos sabios e a musa dos fortes. E a sua physionomia recompõe-se, anima-se o escopro do artista, a palheta iria-se de côres e nós, em virtude d'uma extranha evocação, continuamos a vel-o n'aquella serenidade cheia de doçura e de modestia, que é caracteristico especial d'uma accentuada organisação artistica que, tendo feito da arte um apostolado, soube viver para ella e morrer com ella, cheio de uma dedicação antiga como os honestos artistas da Renascença!». [1]

O estatuario do busto de Camões que está na gruta de Macau, figura aqui simplesmente como tronco robusto da arvore bordalenga — é de Fialho o adjectivo — cumprindo reconhecer que não constitue a sua menor gloria esse privilegiado tino de suscitador e cultivador de vocações artisticas com que, se os não formou inteiramente, encaminhou, amparou na vacillancia fatal dos primeiros passos, os talentos eleitissimos de tres dos seus filhos.

Nascido em Lisboa a 28 de Novembro de 1815, tendo tido por primeiro mestre o esculptor Feliciano José Lopes, um dos ajudantes do longevo Machado de Castro, passando depois a ser discipulo do miniaturista Luiz José Pereira Resende, e recebendo por ultimo as licções de Antonio Manuel da Fonseca, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, convicto apreciador das virtudes e encantos familiares, casara novo

[1] O ANTONIO MARIA. N.° 36. 7 de Fevereiro de 1880.

com D. Maria Augusta Prostes que, cumprindo santamente a norma conjugal das boas esposas de outrora, lhe deu doze descendentes, dos quaes tres morreram creanças.

Entre os nove restantes houve quatro damas e cinco varões. Chamaram-se as primeiras: D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, a primogenita, futura constructora d'essas subtis maravilhas da renda portugueza que ás mulheres d'hoje competiria amarem como as dos lusos nautas da epopeia devem ter amado a espuma das ondas gloriosas que das remotas aventuras lhos traziam; D. Maria José Bordallo Pinheiro Prostes; D. Philomena Bordallo Travassos Valdez; e D. Amelia Bordallo Pinheiro, casada com o dramaturgo da *Morta* e do *Duque de Vizeu*, Henrique Lopes de Mendonça, e já fallecida. Os filhos foram: Raphael Bordallo Pinheiro, o notabilissimo artista que motiva estas paginas; Feliciano Bordallo Pinheiro, tambem já fallecido; o Dr. Manuel Bordallo Pinheiro; o grande pintor Columbano; e Thomaz Bordallo Pinheiro, illustre professor e delineador de machinas.

Tres artistas do tempo
João Ribeiro Christino, Marcianno Henriques da Silva e M. M. Bordallo Pinheiro, com seu filho Raphael pela mão. (*Desenho inedito*)

Da educação d'essa prole abundante cuidou o affectuoso pae com esmero, diligenciando encarreirar a maioria dos filhos para a arte, a que elle devia os mais estimados galardões e as suas alegrias mais puras, insistindo em lhes communicar o gosto enthusiastico do trabalho, de que toda a sua vida é exemplo constante, e sonhando com que um dos seus herdeiros viesse, na magistratura ou na advocacía, a prolongar os pergaminhos judiciaes dos avôs.

Com respeito á excellencia dos criterios didacticos do Meissonier lusitano, que em 1851 visitara a Exposição Internacional de Londres, de-

morando-se depois em Paris a copiar imparcialmente Ingres e Delacroix, os dois coryphcus rivaes, ha varios indicios concludentes.

Oscillando entre o inveterado amor do antigo e uma palpitante ancia de novidade, cujo justo equilibrio, sem lograr reflectir-se inteiramente na obra do pintor do *Tributo das cem donzellas* e do *Copo d'agua*, determinou, comtudo, no seu espirito esclarecido um sensato e tolerante ecletismo, Manuel Maria Bordallo dispunha de coragem bastante para em 1872, em plena maré viva de credos exclusivistas, traçar, num breve estudo sobre o *Movimento artistico da Peninsula*, ([1]) estas intelligentes palavras: «Mil modos ha para representar a natureza, haja um pensamento feliz realisado sobre a tela, seja elle expressado com sentimento, correcção e harmonia, que importa o mais?»

E no rascunho de uma carta endereçada por elle á Academia das Bellas Artes ácerca de uma projectada reforma do ensino, leem-se os seguintes periodos que, ainda presentemente, certos *magistri* do *ego super omnia* hesitariam em assignar: «Hoje, Ex.^mo^ Sr., as escolas acabaram, cada um faz carreira por si proprio, observando a natureza, e é preciso estudal-a e comprehendel-a. Os nossos artistas hão-de forçosamente representar a sua epoca seguindo o movimento actual.»

Animado d'essas ideias salutares, Manuel Maria Bordallo Pinheiro nunca soube ser o pae tyranno, de moda na epocha assaz ingrata em que veiu ao mundo, impondo á força de palmatoria e auctoritarismo a sua rabugice aos descendentes que o desenhista e gravador do *Panorama*, do *Archivo pittoresco*, do *Museu pittoresco* e do *Jornal Encyclopedico* tratou de deixar revelarem-se por si, facultando-lhes e favorecendo-lhes apenas a indispensavel cultura preparatoria, com processos alliaz modernissimos, como as conferencias litterario-artisticas que organisou na sua residencia da Praça da Alegria n.º 105 — a velha «Alegria de baixo» engulida depois pelo traçado da Avenida da Liberdade — e mais tarde, durante o ultimo periodo da sua existencia, encerrada a 31 de Janeiro de 1880, os serões artistico-musicaes de Alcolena, nome hoje esquecido de uma parte da freguezia da Ajuda.

Em meiados do seculo transacto, o veraneio alfacinha orientava-se de preferencia para as pequenas localidades da margem do Tejo, comprehendidas entre a Junqueira e a Cruz Quebrada. Belem, com a sua feira afamada, era uma estancia quasi celebre, e Pedrouços desfructava as hon-

([1]) *Duas palavras ácerca do movimento artistico da Peninsula* por M. M. Bordallo Pinheiro. ARTES E LETRAS. N.º 3. Lisboa. Março de 1872.

ras de «mansão official da villegiatura burocratica de Lisboa», segundo a classificação de Ramalho Ortigão nas suas *Praias de Portugal*.

Alcolena começou por ser para Bordallo Senior — como lhe chamaram depois do filho Raphael se tornar conhecido — um sitio onde, com os seus, costumava passar alguns mezes do estio, até que, seduzido pela tranquillidade amena do local, se decidiu a lá ficar morando de todo, numa casa modesta de dois pavimentos, sita na Rua da Correnteza 56.

Foi ahi que, para entretenimento das compridas noites invernaes, tiveram logar os patriarchaes serões, cuja tradicção parentes e amigos, exagerando-a um pouco, se encarregaram de nos transmittir. Realisavam-se esses serões na aconchegada sala de jantar do andar terreo da moradia referida, em torno de uma grande meza elyptica, á cabeceira da qual, puxando as fumaças do seu cachimbo predilecto, se sentava numa ampla cadeira de braços esse amphitrião gordo, baixo, de oculos e suissas, que era o bom pae Bordallo, primeiro official da secretaría da Camara dos Pares.

A casa de M. M. Bordallo Pinheiro em Alcolena

Sob a sua presidencia desvanecida, agrupavam-se filhas e filhos, juntamente com alguns moços e donzellas da visinhança, todos entregues á delicada tarefa de desenhar ou aguarellar, até ao toque das dez, hora a que, servido o chá e as torradas de pão saloio, se passava a sacrificar a Euterpe no andar superior, fazendo de ordinario o mestre ouvir aos convidados e discipulos o timbre atenorado da sua voz.

Era assim Manuel Maria Bordallo Pinheiro, amigo de Castilho, de D. Fernando, e do Duque de Palmella que, em 1849, o mandara a Madrid copiar Velasquez e Murillo para o seu palacio.

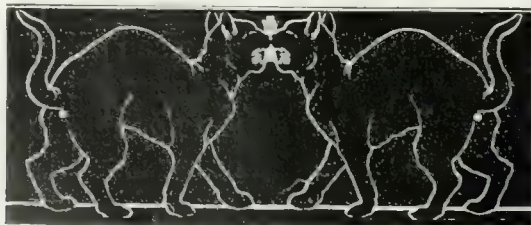
Na historia da arte em Portugal os seus trabalhos não podem ser esquecidos, mas ainda que elle não tivesse produzido certas telas e desenhos que nos legou, o seu nome destacar-se-hia brilhantemente, graças ao valor subido d'essas outras obras que indirectamente o recordam, e são: as caricaturas e as faianças de Raphael Bordallo, os retratos e quadros de Columbano, as rendas e flores de D. Maria Augusta — trindade encantadora que mais facilmente se diria composta de tres artistas

aparentados pelo dom raro do talento, do que de tres irmãos ligados pelo vinculo fortuito da consanguinidade.

Empenhado devotamente em offerecer ás gerações mais novas e em reservar ás vindouras, num volume de attrahente e proveitoso folhear, uma nitida visão do humorismo supremamente plastico e resistente de Raphael Bordallo, metteu Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, seu filho e continuador, hombros á empreza convidativa, mas embaraçosa, de colligir numa centena de paginas escolhidas o que de mais bello, curioso e typico existe na obra opulenta e varia de seu pae: o mais jocundo, sadio clarão de graça, phantasia e alacridade que jámais rutilou no horizonte quasi sempre melancholico ou crispado da alma e da arte portuguezas.

Da opportunidade e alcance de tal emprehendimento, sob todos os conceitos meritorio, saberão decerto aquilatar todos os que não ignoram de quão escamoteante raridade e inacessivel preço se tornaram muitas das publicações devidas ao espirito scintillante do creador do *Zé Povinho*, cuja producção avultadissima muito poucos se poderão gabar de conhecer integralmente.

Oxalá, portanto, que o favor publico corôe dignamente esta honesta tentativa compiladora, para que, apóz se haver visto aqui o insinuante caricaturista manejando o seu lapis dos melhores dias, se consiga apreciar, num segundo tomo que se impõe, o ceramista emerito atravez das peças melhores dos fornos das Caldas da Rainha!

E oxalá tambem seja perdoado á bondade illimitada de Manuel Gustavo o ter escolhido para o exigente encargo de analysar e descrever a fascinante obra paterna alguem que, como attenuante á usurpação illegitima d'este honroso logar, apenas pode allegar a fervorosa admiração que desde muito novo entrou de votar ao preclaro nome celebrado neste livro carinhoso!

De um friso decorativo

Toda a população de calça branca
(Do *Almanach de Caricaturas* para 1875)

II

Primeiras Affirmações

Raphael Augusto Bordallo Prostes Pinheiro nasceu em Lisboa a 21 de Março de 1846, num predio apalaçado da Rua da Fé n.º 33 ([1]) — hoje 47 — pertencente a seu avô paterno, e desde muito creança principiou revelando-se um temperamento insubmisso e voluntarioso, rebelde a toda a dominação e rotina, como frisantemente o demonstra esta anecdota interessantissima.

O Jogo da Marca
Estudo inedito a carvão

Sahido um domingo a passear com o avô, a cuja rispidez ninguem se atrevia a replicar, o pequeno Raphael, encontrando no caminho um outro petiz que lhe não despertou sympathia, entendeu que lhe não devia fallar, motivo pelo qual o severo jurisperito o censurou asperamente, fazendo-lhe ver que um menino bem educado devia cumprimentar todos os conhecidos.

---

[1] Fiados no testemunho, alliaz auctorisado, de Julio Cesar Machado, a maioria dos biographadores de Raphael Bordallo tem copiado do prefacio das *Phrases e Anexins da Lingua Portugueza* a affirmação de que elle nascera na Rua de S. José n.º 47. Esse prefacio do auctor dos *Contos ao luar* é, sem duvida, o mais completo depoimento que sobre a infancia e mocidade de Bordallo possuimos, mas, na parte relativa ao logar do seu nascimento, não condiz inteiramente com a verdade, que, graças á muita amabilidade da familia Bordallo Pinheiro, aqui se restabelece.

Raphael tomou nota, e no domingo immediato, repetindo-se o passeio, desata a certa altura em grandes barretadas, sem que naquella occasião fosse passando alguem.

— Quem está o menino a cumprimentar d'esse modo? — perguntou intrigado o avô, franzindo o sobrolho.

— O avô não me disse outro dia para cumprimentar todos os conhecidos? — inquiriu por sua vez o pirralho.

— Disse, sim senhor.

— Pois está alli um meu conhecido... — respondeu Raphael Bordallo.

E continuando a acenar com o chapéo, apontava um cão vadio que costumava errar por aquellas paragens.

O genio estouvado e insubmisso do filho dava que pensar a Manuel Maria Bordallo, tanto mais que, por ser o seu primeiro descendente na linha varonil, o pae acalentava o projecto de fazer d'elle um doutor em leis como o avô e como o tio.

Matriculou-o para isso no Lyceu das Merceeiras, mas em breve o irrequieto estudante se encarregava de annullar os paternos calculos, manifestando pouquissima disposição para o estudo dos preparatorios e um já incontrariavel pendor para o desenho, que o levava a tentar reduzir a bonecos tudo quanto o impressionava.

Vendedor de palitos e rocas
(Estudo inedito a lapis)

«Apesar das determinações paternas — escreve Julio Cesar Machado no espirituoso prefacio do album de *Phrases e Anexins da Lingua Portugueza* — Raphael Bordallo Pinheiro continuou sempre desenhando tudo que lhe apparecia: e em 1857, pequenote ainda, estando em Cacilhas, fugido da febre amarella com sua familia, pintou um quadrito a oleo... copia de uma lithographia representando uma familia de camponezes á espera de um filho ausente, todos sentados á beira-mar; composição em que se notou desde logo sentimento e gosto...»

Parallelamente a essa precoce, irreprimivel habilidade de desenhista, nutria Raphael Bordallo uma grande paixão pelo theatro: paixão que em toda a sua obra se patenteia exuberantemente.

Facultando-se-lhe, por intermedio de um seu primo, e depois seu

cunhado, Henrique de Carvalho Prostes, o ensejo de pertencer a uma sociedade de amadores dramaticos que então costumava dar algumas recitas num pequeno theatro existente na Travessa do Forno, aos Anjos — o Theatro Garrett — Bordallo entra, radiante, para o grupo, tendo começado, aos quatorze annos, a sua carreira theatral por executar, mediante algumas prévias explicações do pae, os trabalhos de pasta e doiradura de que aquella modesta sala de espectaculos carecia, e affirmando-se depois, nesse Theatro Garrett e no mais luxuoso Theatro Thalia, situado na Costa do Castello, como galã elegantissimo e talentoso, a ponto de João Chagas poder dizer, por occasião da sua morte: «Raphael Bordallo Pinheiro teve, alem d'isso, a aptidão scenica, e teria sido um grande actor, se não tivesse sido um grande caricaturista. Representou em theatros de amadores e elle proprio reconhecia ser «um grande comico mallogrado» ([1]).

O Saloio
Desenho inedito a nankim)

Esse passageiro proposito de ser actor leva-o a inscrever-se como alumno na Escola de Arte Dramatica, transferida do Theatro de D. Maria II para o Conservatorio pelo decreto de 4 de Setembro de 1860, referendado por Loulé, e posta sob a direcção de Duarte de Sá.

Com essa resolução, só consegue assustar mais o pae, já alarmado com a versatilidade e com a irreverencia caricaturante de Raphael, a cujo lapis zombeteiro ninguem se exhimia, o que seriamente desgostava Manuel Maria Bordallo, inimigo declarado da caricatura pessoal, que, tentando demover o filho das suas caprichosas tendencias, busca empurra-lo para o caminho ronceiro da publica empregadoría, obtendo-lhe, sem mesmo lhe dar cavaco, um logar de amanuense na secretaría da Camara dos Pares, onde, como vimos, era empregado.

Por esse logar, para que foi nomeado em 1863, recebia Raphael Bordallo vinte e cinco mil réis mensaes, e alludindo a elle no fim da

[1] *Chronica de Lisboa:* Raphael Bordallo Pinheiro. O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto. 29 de Janeiro de 1905.

vida, costumava dizer que, se o não teem demittido por abandono de serviço quando da sua ida para o Brazil, deveria estar áquellas horas, pelo menos... pelo menos... conselheiro!

A Camara dos Pares foi mais um optimo campo aberto á veia humoristica de Bordallo que, durante as contadas vezes em que, como empregado, lá poz os pés, se entretinha a surprehender em flagrante ridiculo os proceres mais imponentes da conspicua assembleia, mal desconfiados certamente de estarem assim ajudando a crear um extraordinario caricaturista em pleno e augusto seio da representação nacional — esse seio inexgottavel e desavergonhado que elle, dependurando-lhe um cadeado de facil segredo em cada um dos lambuzados mamillos, tão pittorescamente havia de representar numa pagina esplendida dos *Pontos nos ii*.

Uma pagina dos *Pontos nos ii*

«N'isto — falla de novo Julio Cesar Machado — namora-se.

«O amor surge n'aquella existencia como uma claridade subita que vae illuminar tudo. Matricula-se na Academia de Bellas Artes, matricula-se no curso superior de lettras. Estuda? Não sei. Em todo o caso faz caricaturas á ponta de charuto nas paredes d'esses mesmos estabelecimentos do estado, e, os que as vêem, param, riem, vão chamar outros para rirem juntos, vão depois a elle para o abraçar...»

Da sua breve passagem pelos corredores da Academia das Bellas Artes, não ficaram vestigios; da ephemera frequencia do Curso Superior de Lettras, havia pouco instituido por D. Pedro V, restam algumas engraçadissimas caricaturas do professor de grego Antonio José Viale,

com as suas bochechas imberbes de pimpolho, as suas lunetas tremelicantes, o seu ventre turgido de batrachio e os vibriões das suas pernas retorcidas como saccarolhas; mas do amor vehemente, extuante, a que o folhetinista da *Vida alegre* acima allude, e cujas peripecias heroicomicas são todo um capitulo de novella amena, pode dizer-se que marcou na vida de Raphael Bordallo o inicio da sua carreira de pintor e desenhista.

Casado a 15 de Setembro de 1866 com a Sr.ª D. Elvira Ferreira de Almeida, e forçado, portanto, a prover ao sustento do casal, o até ahi despreoccupado estudante-amador, sentindo pezar-lhe sobre os hombros o pezo das familiares responsabilidades, começa de trabalhar com vontade e alegria. O fogacho incendiario de Hymeneu volve-se, para esse noivo ditoso, na aclarante lumieira de Apollo, e mesmo entre as indolencias risonhas da lua de mel, passada na Gollegã, na Quinta da Brôa, pertencente a seu padrinho de baptismo, o opulento lavrador Raphael José da Cunha — de quem esteve por um triz a ser o universal herdeiro — Bordallo arranja tempo e disposição para apontar a lapis, a carvão ou a aguarella, as figuras mais caracteristicas que lhe passam ao alcance da vista, com accentuada preferencia pelos campinos velozes da leziria, elegantes e garridos na polychromia vistosa do seu traje, então ainda castiço, devendo dos exemplares que copiou apontar-se como muito typico o que se intitula: *Campino fazendo meia*.

Campino a cavallo
(Estudo inedito a carvão)

Campino fazendo meia
(Estudo inedito a carvão)

Talvez porque ahi conheceu os primeiros incitamentos indesobedeciveis a um trabalho tão regular quanto o seu feitio indisciplinavel o permittia, a esse repousado solar ribatejano, onde fecundas e doces lhe haviam decorrido as horas nupciaes, conservou Raphael Bordallo por muito tempo uma profunda devoção que, durante os primeiros annos de casado, o levaria a fugir sempre que podia da agitação da capital, para ir, acompanhado de sua dedicada esposa, proseguir em pleno campo os seus estudos de costumes populares.

Em Setembro de 1868 inscreve-se como membro da Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal, e nesse mesmo anno apparece no catalogo da setima exposição organisada por essa collectividade com oito estudos a aguarella: *Vendedeira de queijos, Vendedor de phosphoros, Vendedor de castanhas, Vendedor de palitos e rocas, O Rapaz fumando, O Saloio, O Jogo da marca* e *Cabeça de estudo* — manchas apressadas, incorrectas, tenteantes, cujo maior merecimento reside no pittoresco dos assumptos escolhidos, mas a que, no emtanto, dispensa a critica do tempo elogiosas referencias ([1]).

O Rapaz fumando
(Estudo inedito a carvão)

([1]) Luciano Cordeiro, por exemplo, escrevia a respeito das aguarellas de Bordallo: O «*Vendedor de Phosphoros*», o «*Vendedor de palitos e rocas*», o «*Saloio*» e a «*Cabeça de estudo*», são producções brilhantes, que honram um pincel que mal começa agora a apresentar-se á critica, n'um genero que mal principia a conquistar logar modesto na nossa arte.

O Homem que ri

O Homem rindo muito
(Estudo inedito a carvão)

Embora assim attrahido passageiramente pelas difficuldades e segredos da pintura a aguarella, que elle foi dos primeiros a cultivar em Portugal, não logra Raphael Bordallo — que, alliaz, o não pretende — suffocar o seu ingenito, privilegiadissimo séstro caricatural.

Na sua incipiente producção de pintor, ha, d'onde a onde, pronunciados resaibos de caricatura.

Seria difficil aponta-los nos trabalhos expostos em 1868, mas já não succede o mesmo para os que formaram o seu contributo á subsequente exposição da Promotora, effectuada em 1870. Entre os estudos com que ahi appareceu, contam-se, além de varios typos de Lisboa e do Ribatejo, como *A negaça, O maioral, O campino* e *O espirra-*

«Raphael não tem ainda a suavidade relativa de *tintas* que caracterisa os mestres; os ares são exaggeradamente carregados; emfim o colorista *enragé* do accidente, como diria Veron, lucta com as exigencias e condições do genero.

«O desenho é geralmente indeciso ou mau.

«No «*Jogo da marca*», recente producção do sympathico artista, taes defeitos apparecem attenuados.

«E' uma das melhores *aguarellas* da Exposição». Luciano Cordeiro. SEGUNDO LIVRO DE CRITICA. Porto 1871.

canivetes, alguns outros em que não só se mistura, como predomina a feição comica.

E' o primeiro, intitulado ***Os jogadores de gamão,*** um ensaio de gravura a agua-forte, feito sobre o conhecido soneto de Nicolau Tolentino: *Em escura botica encantoados.*

Constituem os restantes uma serie desdobrada por quatro aspectos do mesmo modelo: *O homem que ri, O homem rindo muito, O homem que riu* e *O homem que não quer rir*, documentos de inapreciavel valor para a psychologia de Raphael Bordallo; pois que, mau grado a incorrecção e o convencionalismo do desenho, se enuncia nessas cabeças, ainda toscamente differenciadas e elementarmente expressivas, toda uma profissão de fé.

Nellas, pela vez primeira, ensaia o artista a sua força mais omnipotente, fecunda e caracteristica: força que, victoriosa atravez de todos os escolhos da sua accidentada carreira, reflectida nas infinitas facetas do polyedrico, scintillante crystal do seu talento, o levou ao triumpho indiscutivel, e era o riso.

Ao declinar de differentes modos o verbo rir na designação d'esses significativos esboços, esse principiante faz mais do que tentar reter uma physionomia em movimento. Sem o pretender, elabora como que um

O Homem que riu
(Estudo inedito a carvão)

O Homem que não quer rir
(Estudo inedito a carvão)

programma de quasi toda a sua obra futura. Professa, sem o suspeitar, todo um credo d'arte.

O riso foi, em verdade, a grande seiva alimentadora do espirito sobremodo alegre de Bordallo. Para a sua arte, houve decerto que crear, entre as musas, outra musa a mais: a musa que na vida risse como Thalia no palco.

O caricaturista glorioso do *Album das Glorias* era, sobretudo, um homem que adorava o riso, gostava de rir, sabia rir como poucos, e conseguiu fazer rir como ninguem. O seu sentido mais apurado não era, nem o da satyra, nem o da ironia, nem mesmo o do que modernamente se convencionou chamar «humor.» Era o do comico.

Se a sua obra não cabe dentro da formula parnasiana da «arte pela arte», a sua arte não deixa de se subordinar, muito a meudo, á norma latina do «riso pelo riso». Algumas notaveis paginas que a tristeza ou a desillusão lhe inspiraram, não bastam para suffocar o gaudio esfusiante de tantas outras, que são verdadeiros Carnavaes.

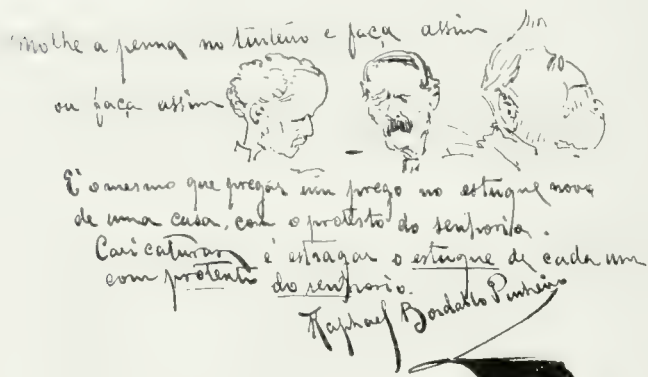
Raphael Bordallo foi um comico incomparavel, mais propriamente um descobridor e orchestrador de motivos risiveis, do que um denunciador de ridiculos, que lembra por vezes Rabelais, e outras lembra Molière, sem quasi nunca lembrar Aristophanes, nem Juvenal, nem Cervantes, nem Gil Vicente.

Dentro do humorismo, destaca-se principalmente pelo bom humor. A' risada, em que o sarcasmo se immiscue e o odio pode explodir, preferiu a sã, desintencionada, incontundente risota, engeitando no geral o escarneo, o remoque, o doesto ou a censura, para portuguezmente optar pela pilheria, pela chalaça, pela troça ou pela galhofa; sempre mais zombeteiro do que zombador; mais divertido do que indignado; mais brincalhão do que impertinente.

Attingida a celebridade, e dado o feitio acolhedor e bondoso do artista, ao qual um «não» fazia engulhos, massacravam-no diversos admiradores conhecidos ou anonymos, pedindo-lhe conselhos e indicações, havendo, entre esses inevitaveis parasitas do genio, quem, como se de uma vulgar formula de unguento ou simples receita culinaria se tratasse, levasse o desplante a supplicar a Bordallo que lhe dissesse como conseguia realisar tão rapida, precisa e admiravelmente as paginas dos seus jornaes?

Importunado com a insistencia de tanto curioso, decidiu-se um dia o artista a acceder aos abusivos rogos, compondo, num pedacito de papel, a famosa receita das suas caricaturas.

Essa receita engraçadissima vae aqui reproduzida tal e qual Raphael Bordallo autographou, e d'ella se extrahe a seguinte formula: *Caricaturar é estragar* o estuque ***de cada um*** com protesto do senhorio.»

Espirituosas na sua despretenção, dão-nos essas desanuviadas palavras uma synthese exacta da maior parte da sua obra, feita mais de beliscaduras do que de ferroadas, mais a piparote do que a murro, mais amiga do raboleva que do azorrague.

A Receita de Bordallo

Não teria, de resto, Bordallo definido inequivocamente essa maneira de ser numa pagina do seu *Album das Glorias?*

É na biographia de *Sua Alteza Real o Infante D. Augusto*, constituida pela palavra *Nasceu*, seguida de uma vintena de linhas em branco, ao cabo das quaes se lê simplesmente: *É Infante e General.*

Pois, para assignar semelhante achado, Raphael Bordallo, ao procurar um pseudonymo symetrico com os de Guilherme de Azevedo, *(João Rialto)*, e Ramalho Ortigão, *(João Ribaixo)*, escolheu este: *Raphael Rimuito.*

Como caricaturista, a estreia de Raphael Bordallo Pinheiro remonta a 21 de Fevereiro de 1870, data em que foi publicada a lythographia commemorativa da primeira representação da comedia em 3 actos *O Dente da Baroneza,* com a qual, por sua vez, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos se estreiava como auctor dramatico, no beneficio do actor Silva Pereira, realisado no Gymnasio a 19 do dito mez.

Apezar de se tratar da sua primeira prova publica, num genero em que haveria de se affirmar como um dos mais notaveis artistas europeus, Raphael Bordallo, deixando sempre tudo para a ultima hora — systema de trabalho de que em muitos pontos a sua obra sensivelmente se resente — teve de executar essa estampa com a maior precipitação, visto que «no dia seguinte ao da primeira representação — informa Julio Cesar Machado — Teixeira de Vasconcellos dera uma noticia que o obrigou a fazer a lythographia em poucas horas, para

que estivesse á venda no dia imediato. Era o seu primeiro trabalho impresso, e agradou, fez bulha, vendeu-se» ([1]).

Exhausta rapidamente a voga d'essa estreia ruidosa, o nome de Bordallo volve de novo a uma relativa obscuridade. Caso curioso, a notoriedade do bohemio difficultava a celebridade do artista!

«Não se calculou por muitos annos—continua Julio Cesar Machado — a força creadora do seu genio. O vêl-o por ahi a toda a hora prejudicava a estima que a sua aptidão devia inspirar. Suppunha-se que não estudava, passava para alguns por moço de alguma habilidade, o que geralmente costuma chamar-se *ter seu geito:* um companheiro de artistas, antes que artista propriamente, um amador com prestimo, especie de curioso attrahido para a arte pelo brilho do talento dos outros.»

O Campino
(Estudo inedito a carvão)

Não passaria, no emtanto, muito tempo sem que esse soberbo talento, que Julio Cesar Machado foi dos primeiros a adivinhar e applaudir, se encarregasse de provar em multiplas demonstrações quanto valia.

A 19 de Maio de 1870 produz-se em Lisboa o estapafurdio movimento que ficou conhecido pela *saldanhada*. Não significando coisa alguma na historia politica portugueza, esse capricho militar do velho

([1]) *Raphael Bordallo Pinheiro.* DIARIO DE NOTICIAS. 4 de Novembro de 1875.

Na breve introducção do volume em que se encontra *O Dente da Baroneza,* não deixou o seu auctor de mencionar a homenagem que Bordallo lhe quiz prestar, dizendo: «... o publico deu aos actores do Gymnasio as maiores demonstrações de agrado, desde a primeira noite em que tanto os applaudiu e me honrou a mim com o generoso favor celebrado pelo affectuoso talento de Raphael Bordallo Pinheiro em graciosa caricatura...» Teixeira de Vasconcellos — COMEDIAS. Lisboa 1871.

Saldanha teve o merito de suggerir a Raphael Bordallo o seu segundo trabalho impresso: *Mercado de Melões* — folha avulsa onde se vê o cachetico dictador, com o traje do emplumado *Bum* da *Grã-Duqueza* e o espadalhão pousado em terra, na pittoresca attitude de cheirar semi agachado, e de costas para a *Tia Ambição,* a extremidade reveladora dos varios melões que, de sob o seu guarda-sol de vendedeira, a nedia *Tia Consciencia* lhe vae passando, divisando-se dentro de cada um dos rotundos fructos a caricatura de um politico do tempo — Carlos Bento, Vallada, Barão de Lagos, etc. — e sendo do Bispo de Vizeu a que o façanhudo general tem collada ao nariz.

Muito typica no arranjo e popular no sabor, essa rapida lythographia representa como que um aununcio das futuras paginas d'*A Berlinda*, onde a maneira de Bordallo tão inconfundivel se patenteia, e que vamos ter em breve occasião de folhear.

O Jogo da Marca
(Estudo inedito a carvão)

Na Parvonia por andar tudo direito, anda tudo ás avessas
Da 6.ª pagina d'*A Berlinda*, intitulada *A Chuadinha*)

III

Do «Calcanhar d'Achilles» ao «Binoculo»

Na chronologia da obra vastissima de Raphael Bordallo Pinheiro, o anno de 1870, que marcou como acabamos de ver a sua estreia, assignala-se por uma fecunda e brilhante actividade, pois que, além das aguarellas e lythographias já citadas, são ainda d'esse anno *O Calcanhar d'Achilles,* as primeiras folhas d'*A Berlinda* e *O Binoculo.*

Vinheta do frontispicio do *Calcanhar d'Achilles*

Graças aos preciosos elementos, na sua maioria ineditos, gentilmente facultados ao auctor d'estas linhas, e entre os quaes seria injustiça não especificar os papeis de seu pae, que Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro tão bizarramente confiou sem reservas á curiosidade do modesto indagador; as valiosas notas fornecidas pelo Sr. Dr. Clemente dos Santos, actualmente medico em Villa Franca, e o mais antigo dos collaboradores litterarios de Bordallo; bem como as informações do illustre escriptor Sr. Gomes de Brito, e a generosidade hospitaleira do Sr. Cruz Magalhães, hoje possuidor da mais rica das collecções de

trabalhos publicados pelo grande caricaturista, pode fazer-se pela primeira vez, neste resumido esboço, a historia exacta das varias publicações de Bordallo, e entre essas a do famoso album *O Calcanhar d'Achilles*, com o qual elle inscreveu na caricatura portugueza uma data de gloria e, diga-se tudo, de panico para alguns, se não para muitos.

Quem se der ao trabalho de tentar um dia a historia da caricatura em Portugal, encontrará, decerto, documentos caricaturaes anteriormente a Bordallo, visto que aqui, como em todos os paizes civilisados, a caricatura é, com maior ou menor voga, uma arte de todos os tempos. D'ella topará incipientes vagidos na esculptura grotesca de cathedraes e claustros; lobrigará esboços interessantes nas placas de azulejo de comico theor, sobre que já tão competentemente dissertaram o mallogrado Rocha Peixoto, no seu esplendido estudo da *Portugalia* relativo a *Uma Iconographia popular em azulejo*, e Manuel Monteiro, na sua desbravante monographia *Azulejos de figura avulsa*, publicada nos *Serões*; descobrirá rudimentos de satyra ou humorismo nas vinhetas dos folhetos de cordel, nesta ou naquella gravura de obra recreativa ou erudita, nas figurinhas por vezes encantadoras dos presepios, ou num que outro motivo decorativo da antiga faiança portugueza; deparando a seguir com a série de caricaturas estrangeiras adaptadas aos acontecimentos nacionaes de principios do seculo XIX.

De então para cá, começam surdindo alguns jornaes que se permittem o luxo de publicar, de vez em quando, a sua allegoria politica ou barbaro desenho jocoso, como *O Procurador dos Povos*, *A Matraca*, com a sua *Galeria pictoresca dos heroicos magnatas da Maria da Fonte*, ou *O Patriota*, com o seu *Supplemento burlesco*, ephemeramente florescente, de envolta com os periodicos semanaes sub-intitulados *burlescos* ou *satyricos*, que entremeiam illustrações em todos os numeros, ou lhes consagram já paginas inteiras, como *O Rabecão*, *O Torniquete*, *Piparote*, *Lucifer*, *O Distribuidor de Carapuças*, *O Democrito*, *Duende*, etc., etc. Mas nem Manuel Victor Rodrigues, nem Bernardino Martins, nem Filgueiras, nem mesmo o gracioso illustrador das *Obras* de Tolentino e do *Jornal para rir*, Nogueira da Silva, em quem o abalisado investigador Sr. Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, no seu incompleto trabalho sobre *A Arte e a Vida de um Caricaturista* (1), quiz ver o iniciador da caricatura

(1) *A Arte e a Vida de um Caricaturista*. Esboço de Raphael Bordallo Pinheiro. ARTE & VIDA. N.os 4 e 5. Coimbra. Fevereiro e Março de 1905.

em Portugal, se podem considerar, a não ser por méra chronologia, como precursores de Bordallo.

A termos de lhe attribuir fatalmente uma ascendencia portugueza — o que me não parece indispensavel — precisariamos então de recordar certos albuns pouco conhecidos de Sequeira, onde algumas estranhas caricaturas, allusivas ao tempo dos francezes, teem o seu quê da violencia aragoneza de um Goya, temperada pela tristeza compassiva de um lusitano.

Quando Bordallo enceta a sua carreira, a caricatura, que já ganhara além-fronteiras algumas das suas mais bellas victorias, é ainda em Portugal, rachitica e balbuciante, uma arte tolerada, que não reconhecida, apezar do real consorte manifestar por ella certa inclinação nas suas muitas horas vagas. Era, portanto, rude a batalha que esse verdadeiro iniciador vinha combater, e *O Calcanhar d'Achilles*, marco inaugural da sua estrada, representa o primeiro documento notavel da caricatura portugueza.

A 31 de agosto de 1869 — data que o Sr. Dr. Clemente dos Santos, a quem são devidos os apontamentos que vou resumir, considera como a do «baptismo de Raphael como caricaturista» — publicava a *Revolução de Setembro* de Rodrigues Sampaio, numa columna da sua terceira pagina, e sob o titulo generico de *Typos*, quatro sonetos assignados *** [1] onde humoristicamente se retratavam quatro vultos em destaque: Luiz de Campos, auctor do drama *Leonor de Bragança*, que tanto daria que fallar no Theatro de D. Maria; Ramalho

[1] Attendendo á sua significação pelo que respeita á obra de Raphael Bordallo, eis aqui os sonetos da *Revolução de Setembro:*

Typos

Fallar de deputado, olhar certeiro,
lastimando o torrão em que vegeta,
passando entre janotas por poeta,
e junto de senhoras por guerreiro;
trazendo no sorrir o deus brejeiro,
mandando em cada olhar aguda setta,
deixando a multidão de amor pateta,
pateta lhe parecendo o mundo inteiro.
Eis o typo terror dos bons maridos
e flagello de todo o ciumento,
que deixa atraz de si sempre gemidos!
É certo que se os paes não tomam tento,
os noivos vão por elle ser corridos
e passa a logar vago o casamento.

Gigante no saber, gigante em tudo,
nas botas, na suissa e no chapeu,
olhando sobranceiro e altivo o ceu
é capaz de *vêr Braga por um canudo.*
Ás bellezas do amor não sendo mudo,
não é raro encontrar n'elle um Romeu;
uma flôr sobre o peito que de escudo
lhe serve, e sabe Deus, se de tropheu!
Amigo! um typo assim é sempre heroe,
que não deixa sequer nem uma *palha*
em descanço ficar com o pé de boi.
Sabe cousas, que aos sabios atrapalha,
e aprendeu em Paris o quer que foi,
— que faz d'um folhetim uma navalha! —

Ortigão, que dois annos depois encetava com Eça de Queiroz a publicação d'As *Farpas;* Manuel Roussado, o chronista pançudo das *Noites de Lisboa;* e o melifluo Eduardo Vidal, das rimas piegas. Devidas á prompta inspiração do repentista D. Luiz de Almeida, «eterno alferes de infanteria e alumno permanente da Polytechnica», essas composições tiveram o condão de suggerir ao lapis galhofeiro de Raphael Bordallo as caricaturas felizes das figuras dos sonetos em questão.

Muito celebradas nos cafés e redacções de jornaes, taes caricaturas foram um primeiro passo para a revelação do nome do seu auctor, e nellas, a conselho do Dr. Clemente dos Santos, então ainda estudante de medicina, e collaborador da ***Revolução de Setembro*** sob o voltaireano pseudonymo de *Micromegas,* se originou o plano de um album destinado a pôr em evidencia «a parte vulneravel ou grotesca de cada cidadão caricaturado» : album em que Bordallo principiou trabalhando desde logo com enthusiasmo, e se chamaria *O Calcanhar d'Achilles.*

Pode ajuizar-se da fertilidade creadora e da rapidez de execução do seu auctor, confrontando essa data de 31 de Agosto com a de 27 de Novembro do mesmo anno, em que, segundo no-lo diz Teixeira de Vasconcellos no prefacio da obra, Raphael Bordallo lhe dava a conhecer os seus originaes. A nossa admiração, porém, subirá de ponto se considerarmos o grande numero de figuras que a maioria das aguas-fortes do *Calcanhar d'Achilles* encerra, o imaginoso achado que, a bem dizer, cada uma d'essas figuras é de per si, e, sobretudo, se se souber que, tal como hoje as podemos apreciar, essas aguas-fortes não passam de metade das que Bordallo delineou e gravou.

As seis estampas publicadas com o titulo de *O Calcanhar d'Achil-*

Gorducho fradalhão, barba cerrada,
respirando bedum por toda a parte,
famoso defensor do disparate
com fumo e pretenção á gargalhada.
Cifrando o seu saber em *meia-assada,*
fazendo um folhetim sobre o tomate,
parece um taberneiro em vez de vate,
ou sublime cantor da *eiroz grilhada.*
Eis um typo de graça e de cosinha,
com ditos de sabor ; arranja um *meio*
se encontra em portuguez alguma espinha.
Arremata a pilheria do passeio,
e vae annunciar uma obrasinha :
Retiro e folhetins com muito aceio!

«Flôres : mais uma flôr, oh, quem pudera
«alegre divagar pelas campinas,
«passear n'um jardim entre meninas,
«trazer o mez de abril á minha espera !
«E eu ser jardineiro ! isso é que era !
«que erradas, santo Deus, saem as sinas ;
«só andar com as mãos sobre as boninas,
vivendo dos verdores da primavera !»
Typo de vate-flor ! chorando apenas
suspiros que lhe vêm d'uma desgraça,
que o triste já cantou em tristes scenas.
Oh, miseria do mundo ; e quando passa
de nariz levantado ás assucenas,
é tomado talvez por cão de caça !

* * *

les não representam, com effeito, senão a primeira parte de um album em dois fasciculos, que Raphael Bordallo desenhou e executou integralmente, encontrando-se, por conseguinte, o segundo fasciculo, cujas chapas, guardadas durante muito tempo na Academia das Bellas-Artes, estão hoje em poder de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, ainda absolutamente inedito, como o leitor poderá comprovar por algumas paginas reproduzidas adeante pela primeira vez.

Ao emprehender a feitura d'*O Calcanhar d'Achilles,* Raphael Bordallo, muito relacionado com os litteratos e auctores dramaticos do tempo, visou de preferencia o mundo das lettras, e que, mesmo nesse meio, a caricatura não era ainda em Portugal uma manifestação artistica livre e corrente como qualquer outra, parece demonstra-lo o facto de Bordallo, antes de entregar ao publico os seus trabalhos, não só os ter dado a examinar aos caricaturados, mas haver sollicitado a cada um d'elles o respectivo consentimento para a sua publicação.

O Calcanhar d'Achilles distingue-se, realmente, dos varios albuns seus similares, por essa assignalavel curiosidade de, como os antigos livros sujeitos á censura canonica ou civil, ser acompanhado pelas licenças impressas da maioria dos vultos que nelle figuram. Interrogando eu sobre o estranho caso um contemporaneo, o consciencioso investigador Sr. Gomes de Brito, foi elle de opinião que, ao proceder d'esse modo, o auctor apenas quizera reforçar com taes documentos o valor da sua obra.

É possivel que fosse intenção de Bordallo essa, originalissima, de conseguir um album de caricaturas collaborado pelos proprios caricaturados. Afigura-se-me, porém, que, contra a engenhosa explicação, militam argumentos attendiveis, como o theor das cartas insertas no primeiro fasciculo, cujos termos concordes não permittem duvidar de que de verdadeiras auctorisações, e não de simples commentarios, se tratava, e o facto de, pela simples birra pueril de um consagrado, o auctor haver truncado uma das suas obras mais originaes e mais preciosas como documento iconographico de todo um periodo da litteratura nacional.

São dezesete os trechos publicados nesse fasciculo, todos — á excepção de um bilhete do Conde d'Avila, a quem Bordallo talvez tivesse pensado em consagrar uma pagina — assignados por escriptores ou dramaturgos: Eduardo Vidal, João de Deus, Manuel d'Arriaga, Alexandre Herculano, Augusto Seromenho, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Francisco Palha, Eduardo Garrido, Ricardo Cordeiro, Ernesto Biester,

Braz Martins, Manuel Roussado, Julio Cesar Machado, Ramalho Ortigão e Bulhão Pato. Entre essas respostas, ha algumas interessantes, como esta de João de Deus:

Cuida então o meu amigo
Que é um caricaturista?
Eu tenho-o para comigo
Na conta de retratista.

Porque não vejo figura
Que não seja caricata:
Hoje efigie a mais exacta
E' uma caricatura!

Ponho a questão nestes termos
Para que o Bordallo intenda
Que me pode pôr á venda
Caricato.
Até nos vermos.

Lisboa — Março, 1870.

João de Deus.

Emquanto Mendes Leal recorre a Horacio: *Licet pictoribus atque poetis,* para conceder «a liberdade que delicadamente manifesta desejar o seu lapis primoroso», Pinheiro Chagas vaticina que «a collecção com que tão brilhantemente se estreia, . . . ha de ser uma das glorias da nossa arte contemporanea»; ao passo que na carta do grave «pae da historia» transparece, com solemnidade, um resaibo de azedume ao resalvar ciosamente a sua dignidade illesa.

«Ainda que para mim seja mais que duvidosa a necessidade que v. suppõe ter de auctorisação minha para publicar uma caricatura que de modo nenhum offende o meu caracter moral, satisfaço os desejos de V. dando-lhe com o maior gosto a permissão que pede.

«Aproveito a conjunctura para agradecer a excellente copia que me remette do seu excellente trabalho, ajuntando a isso sinceros parabens pelas provas que dá de talento n'um genero em que os nossos artistas não me parece terem sido até aqui excessivamente felizes. Sou de V. etc., Val-de-Lobos — Março, 1870. *A. Herculano.*

Numa das paginas do seu volume *No Primeiro Centenario de Alexandre Herculano,* o Sr. Gomes de Brito, confirmando sobre a

questão das auctorisações a opinião atraz exposta, conta-nos como se deu a approximação entre o severo historiador e o jocoso caricaturista: «Quando o insigne caricaturista emprehendeu, em 1870, a publicação do seu Album *O Calcanhar de Achilles,* acudiu-lhe promover o patrocinio aos seus chistosos, e então ainda inoffensivos desenhos, por parte dos proprios caricaturados, obtendo delles escriptos de consentimento, destinados a acompanharem as diversas laminas da publicação. O novel artista lembrara-se, como creio que ha ainda quem o recorde, de figurar Herculano, qual azeiteiro ambulante, com as latas ao hombro, e a panella dos pingos, com o funil competente em uma das mãos, emquanto que, dirigindo-se á mercearia de Jeronymo Martins, dizia, com a outra mão, *adeus* . . . á Academia, a cujo portal se amostravam espavoridos e terrificados diversos academicos, Viale, Silva Tulio, Latino e outros.

Raphael Bordallo em 1870

(Auto caricatura)

«Estava a chapa acabada, e a ponto de entrar no prélo, mas . . . faltava a auctorisação do caricaturado. Prestei-me então a promovêla, apresentando o Bordallo a Herculano, tendo-lhe préviamente pedido para tal a indispensavel permissão, e pondo-o ao corrente do que o joven artista desejava. Obtida que foi, sem observações de especie alguma, uma quinta-feira levei o caricaturista á loja do Bertrand, e realisou-se a apresentação. Raphael Bordallo era então um moço da maior sympathia, com os annellados cabellos côr de azeviche, irrompendo de sob o largo chapeu á Leopold Robert, a tez atrigueirada, os olhos negros scintillantes, e chispando debaixo das sedosas pestanas, o bigodinho quasi buço, o lenço de alva cambraia, de largas pontas, á mercê do vento, o busto fino e elegante, o metal de voz zombeteiro e mordaz. Herculano recebeu-o a primor.

«Após palavras breves, surdiu da pasta dos desenhos do Raphael a audaciosa caricatura, e não me esquecerá nunca a vermelhidão que retingiu, por um instante, o rosto de Herculano, ao lançar-lhe os

olhos... Mas tambem, o que elle riu com a lembrança do endiabrado rapaz! A graça que elle lhe achou aos desenhos! As vezes que elle disse — «Sim senhor! Sim, senhor!» passando o lenço pelo nariz, obrigado da inclinação da cabeça sobre o balcão, onde pousavam as estampas. Prometteu logo a pedida auctorisação, declarando-a, porém, escusada...»

Nem em todos aquelles a que se dirigiu encontrou Bordallo um acolhimento pelo menos egual ao que, visivelmente a contra gosto, Herculano lhe dispensou. O velho Castilho, por exemplo, que a esse tempo punha e dispunha em materia litteraria, deu por paus e por pedras, ao ter conhecimento das tenções de Bordallo. Para o auctor da *Primavera*, costumado á sua intangibilidade de pontifice, revestia o caracter de um intoleravel desacato o facto de um rapaz novo se atrever a apresenta-lo ao publico sob um aspecto menos magestatico. Muito amigo de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, a elle recorreu melindrado, para que fizesse valer a sua auctoridade de pae contra o proposito irreverente do filho. A supplica indignada do poeta echoou favoravelmente no espirito do pintor, e fosse prohibição, fosse rogo, fosse convencimento, o certo é que Raphael Bordallo, annuindo ou obedecendo aos desejos paternos, desistiu definitivamente de publicar a estampa allusiva ao cego bardo.

Castilho
(Desenho inedito)

No primitivo projecto d'essa estampa, com uma corôa de louros posta em volta do seu typico chapéo acarapuçado, de cothurno nos pés, as pernas nuas, tunica curta, manto nos hombros, e o inseparavel caxené enrolado ao pescoço, figurava Castilho como um rhapsodo antigo, talvez Homero, tocando de arco em punho uma lyra convertida em rabeca, e tendo pendente do braço direito por uma aselha o seu bordão de caminheiro, onde se lia a palavra *metro*. Erguia-se ao fundo um templo classico, encimado pela quadriga de Phebo, e da direita accudiam numerosos ouvintes extasiados, trajando á grega, com a cabeça descoberta, emquanto que os da esquerda, entre os quaes se contava o impagavel Viale, ostentavam nos toutiços o gorro caracteristico da Phrygia.

Tal projecto não contentou Bordallo, qne o engeitou, compondo para o substituir a estampa qne o leitor verá adeante reproduzida da

gravura original. Nesta ultima versão, estamos na horaciana Tibur. Sentado na copa de uma arvore, Castilho, vestido á moderna, mas sempre com o seu chapeo pyramidal e a sua manta de borlas ao pescoço, tem na dextra um tabaqueiro e na sinistra a lyra em repouso. Saudando-o, assomam no horizonte, de um lado, Horacio e Molière, do outro, Anachreonte e Ovídio. Em baixo brinca a petizada com as lettras animadas do methodo repentino, e em roda da arvore varios litteratos da epocha, luzindo como anjinhos a sua nudez innocente, saltitam ao bater de suas improvisadas aziculas.

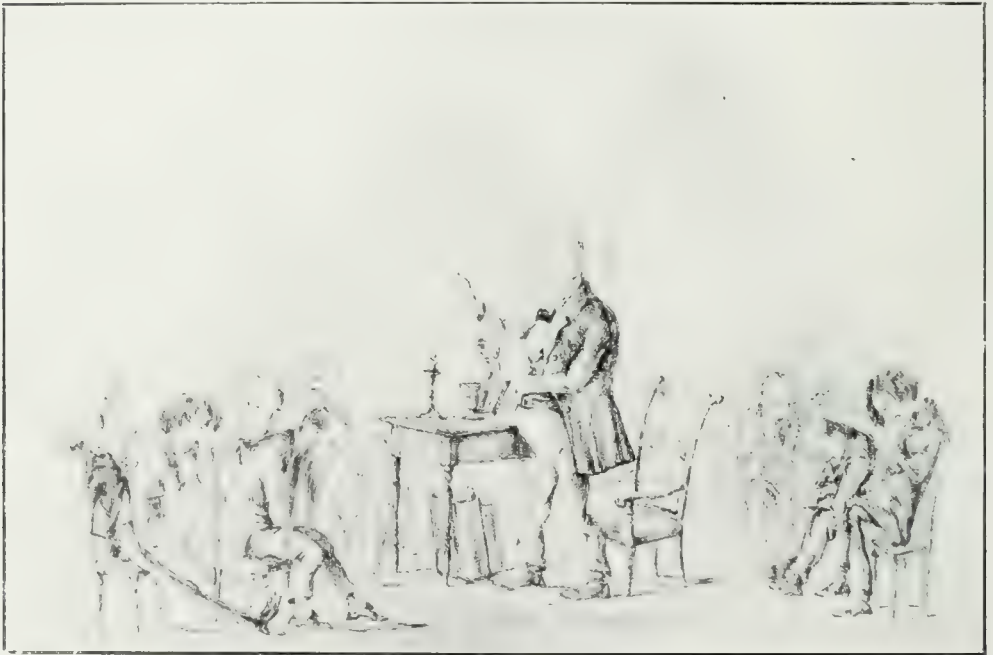
Difficilmente se encontrará, quer num, quer noutro d'esses desenhos, traço ou pormenor que justifiquem a irritação de Castilho, a quem, ingloriamente, assim cabem as maiores responsabilidades no mallogro da publicação do segundo fasciculo d'*O Calcanhar d'Achilles*.

Além de Castilho, deviam apparecer no *Calcanhar d'Achilles*, entre outros, Luiz Augusto Palmeirim, Thomaz Ribeiro, Rebello da Silva, Camillo Castello Branco e Antonio José Viale. Concordaram esses todos com os intuitos inoffensivos do caricaturista? E' hoje impossivel responder á pergunta. As suas auctorisações não figuram entre as licenças colleccionadas pelo artista. Pode logicamente attribuir-se a falta á circumstancia de, arredada a ideia da continuação do album, desistir o seu auctor de sollicitar essas adhesões. Podem ter-se extraviado esses documentos. Pode tambem haver-se dado o caso de, imitando o exemplo castilhiano, terem surgido mais reluctancias.

A primeira estampa d'*O Calcanhar d'Achilles* é consagrada a Teixeira de Vasconcellos, seu prefaciador, ao qual Bordallo, com rasgada mesura, offerece, como cinzeiro, uma caçoula, d'onde, em fumo e por entre arabescos estylisados, sahem em minusculas indicações os desenhos das paginas projectadas. Passam de dezoito as composições assim reduzidas, e de todas ellas se encontraram os originaes ou os esboços dentro de uma velha pasta, podendo por ahi fazer-se ideia de quão vasta era, no projecto inicial, a galeria imaginada pelo caricaturista.

Depois de Teixeira de Vasconcellos, vem Eduardo Vidal, emergindo, de chapeo alto e lyra, da corolla de uma flor. Segue-se Alexandre Herculano, vestido, como já vimos, de azeiteiro. A quarta estampa refere-se ao triumpho de Pinheiro Chagas com *A Morgadinha de Valflor*, vendo-se na seguinte Julio Cesar Machado, Manuel Roussado e Ramalho Ortigão de braço dado, e na ultima, o poeta-caçador Bulhão Pato, declamando de olhos em alvo e espingarda na mão, entre o gaudio atrevido das perdizes e dos coelhos.

A' semelhança do primeiro, o segundo fasciculo d'*O Calcanhar d'Achilles* devia conter outras seis estampas, ás quaes, no alludido prefacio, Teixeira de Vasconcellos se refere minuciosamente. Dizia a primeira respeito a Luiz Augusto Palmeirim, posto no Olympo entre as musas, Camões e o *Veterano*. Viria depois Thomaz Ribeiro, embarcando para a India. Em terceiro logar, teriamos Rebello da Silva, a quem se seguiriam Camillo, o já descripto Castilho, e, finalmente, Antonio José Viale.

Talvez um pouco mais irreverente, esse segundo fasciculo d'*O Calcanhar d'Achilles* excedia o primeiro em phantasia e graça. Se neste temos a caricatura primorosa do solitario de Val-de-Lobos, teriamos naquelle as tres admiraveis estampas de Viale, Rebello da Silva e Camillo.

A Licção de Viale
Pagina inedita d'*O Calcanhar d'Achilles*

O ineffavel Antonio José Viale era representado no momento de dar a sua soporifera aula de grego, do Curso Superior de Lettras, a um curso formado pela maioria dos litteratos do tempo, todos mergulhados docemente no mais beatifico dos somnos: somno contagioso que se propagava á vela que ardia sobre a meza, ao relogio que cabeceava na parede, ao proprio retrato do rei-philosopho, adormecido em sua moldura.

Rebello da Silva, de dedo na bocca e largando a penna, apparecia-

nos com um pé nas lettras e outro na politica. Do lado das lettras, desenhou Bordallo um apontamento interessante da scena capital da *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, que a fama apregoava juntamente com *A Mocidade de D. João V*. Tentando reter o desertor, veem-se, engalfinhadas e desgostosas, as lettras do alphabeto: um R travando-lhe de um braço; um C agarrando-o pela aba do casaco; um P supplicante, de joelhos a seus pés; um S feito serpente, mordendo-lhe o calcanhar. Do outro lado, a Politica, com um farrapo negro atirado sobre a sua nudez repellente, e a sua cabeça panviperina de Gorgona, puxa o escriptor por uma perna, arrastando-o para os seus concorridos dominios, onde se ergue um mastro de cucanha, crivado de marinhantes ambiciosos.

Não era menos feliz a caricatura de Camillo. Escarranchado numa locomotiva, a que serve de valvula de descarga, o fecundo romancista, com um tubo de vapor na cabeça, escreve vertiginosamente, agarrado a duas grandes pennas que molha num enorme tinteiro. Pela chaminé da machina sahem, envoltos em negra fumaceira, muitos volumes: *Annos de prosa, A Engeitada, Sangue, Anathema*, e em redor d'essa resfolegante caldeira litteraria, precipita-se uma multidão apressada, que renhidamente disputa as immensas tiras de papel, já assim preenchidas a vapor. Quer as pennas que o incansavel escriptor maneja com ambas as mãos, quer o seu tinteiro, quer as suas botas, tudo tem rodas para ganhar tempo, e os leitores numerosos — entre os quaes se vê Bordallo, sentado no chão, absorvido pela leitura — cavalgam quasi todos uma especie de velocipedes primitivos de duas rodas eguaes, surgindo, a um canto da pagina, o torrencial Pae Dumas, com as mãos atadas na cabeça perante esse luso rival da sua pasmosa fertilidade.

Desenhados ainda com um certo acanhamento, singelos por vezes em demasia, e noutras sobrecarregados no traço, esses trabalhos denotam o carinho das primeiras obras, revelando já, no arranjo imaginoso, na exuberancia de motivos, na originalidade das ideias, e na parecença das feições, as melhores qualidades do genial caricaturista.

O Calcanhar d'Achilles, que Bordallo gravou todo pelo processo da agua-forte a meia tinta, com a ajuda do estampador da Academia das Bellas-Artes, Antonio Candido Rodrigues, deve ter sido publicado em fins de Maio, principios de Junho. Pois já em Julho do mesmo anno, o seu auctor se abalança a nova tentativa. A 5 de Julho de 1870 sahe o primeiro numero d'*A Berlinda*.

A Berlinda ainda não é bem um jornal. A sua collecção, hoje raris-

sima, compõe-se de sete grandes folhas ou *paginas*, lythographadas só de um lado e sub-intituladas: *Reproducções d'um album humoristico ao correr do lapis.*

Alludiam as duas primeiras — *Os Fossadores de patriotismo* e *Ainda os fossadores de patriotismo* — aos acontecimentos politicos posteriores ao 19 de Maio, ou sejam a constituição e vicissitudes do ministerio Saldanha.

A terceira pagina intitulava-se: *Mappa da Europa — Fervet opus em 1870.* Acompanhado de algumas quadras devidas ao Dr. Clemente dos Santos *(Micromegas)*, o *Mappa da Europa* ficou celebre, produzindo grande sensação á data do seu apparecimento, e tornando-se conhecido mesmo além-fronteiras.

A primeira folha d'*A Berlinda* exgottara-se rapidamente, obrigando a nova tiragem. Da *Carta burlesca da Europa* fizeram-se nada menos de tres edições, trazendo a terceira — *correcta e augmentada pelo auctor* com a data do 1.° de Setembro — a traducção do titulo em francez: *Carte satyrique de l'Europe pour 1870,* o que sufficientemente comprova o facto d'essa curiosissima allegoria ser tambem procurada no estrangeiro.

Ao contrario das restantes, tiradas todas a negro, a famosa pagina é realçada com alguns fundos a cor, tendo-se Bordallo cingido aos contornos geographicos dos diversos paizes europeus, para dentro d'elles inscrever uma ou varias figuras allusivas á situação politica internacional.

Assim, Portugal, sob o aspecto de um velho de venerandas barbas, apparece-nos afiando a espada da sua autonomia na pedra da paciencia. Na Hespanha, Prim, D. Affonso, D. Carlos e o Duque de Montpensier disputam a corôa de Izabel, emquanto, ao norte, Castellar, de gorro phrygio, empurra a revolução. Em França, Rochefort, Pelletan, Fabre, assestando molierescos canudos, impellem o terceiro Napoleão, que um esqueleto acompanha, contra a Allemanha, onde Bismarck escancara a fauce e Guilherme ameaça tragar a Hollanda e a Belgica. A Dinamarca é uma lagosta. A Scandinavia um bacalhau. A Corsega um pequeno Bonaparte, ao qual Thiers despacha de França um pombo correio. A Inglaterra reveste o aspecto de um marujo ebrio vomitando esquadras. A Russia, o de um immenso urso coroado, esmagando com uma das patas a mosca que é a Polonia. Na Austria, o imperador derreado repousa de Sadova. Na bota da Italia, a que falta a Sicilia, divisam-se Garibaldi, Mazzini e o Papa. Com o caranguejo da Grecia

agarrado a um pé do sultão, a Turquia encolhe orientalmente os hombros a todo esse jogo.

Apezar do grande exito alcançado pelo *Mappa da Europa,* Bordallo interrompe por um tempo *A Berlinda,* volvendo as suas attenções para a actualidade theatral, que tão assignalada sympathia sempre lhe mereceu.

Com uma soberba caricatura do emprezario do antigo Circo Price, posto, de casaca e rodeado pelos seus artistas, pelos seus cavallos e pelos seus macacos, sobre uma caneca de cerveja da pipa, sahia a 29 de Outubro de 1870 o primeiro numero d'*O Binoculo,* «hebdomadario de caricaturas», consagrado a «espectaculos e litteratura».

Cabeçalho d'*O Binoculo*

Entre os collaboradores litterarios d'*O Binoculo,* figurava o actor Leoni, da Trindade, e na introducção do primeiro numero, manifestamente inspirada por Bordallo, dizia-se:

«*O Binoculo* fez-se para os *typos,* como a canga para os bois.

«A' vista desarmada, os *typos* ou não se vêem, ou não se vêem bem, ou não se vê o que elles fazem.

«*O Binoculo* é imparcial.

«E é imparcial porque se dirige a todos.

«E com a mesma força.

«E com a mesma intenção. É ella vulgarisar, corrigir sem offensa, castigar sem maldade.

«Vingar emfim as arranhaduras que auctores e actores fazem na arte.

«A quem esgatanha, cortem-se-lhe as unhas, dizia S. Lucas.

«*O Binoculo* é pois thesoura; mas thesoura d'unhas, que não d'alfayate.

«E não se confunda a missão do *Binoculo* com a do critico.

«*Suum cuique.*

«E' outra a sua missão, muito outra a sua indole.

«Os criticos (nomeadamente os que tem o ferrão comprido), levam bastantes vezes couro e cabello.

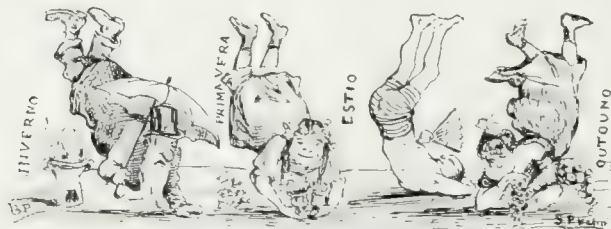
«O *Binoculo*, quando chegue a atacar o couro, respeitará sempre o cabello.

«E a razão é obvia — no theatro (e fóra d'elle) o cabello é muitas vezes postiço; se é postiço, pertenceu a um morto; e o *Binoculo,* primeiro que tudo, respeita os restos mortaes de quem quer que seja.

«Eis pois o nosso programma.»

O Binoculo, que, segundo Julio Cesar Machado, «foi o primeiro jornal que se vendeu dentro dos theatros», constava originariamente de uma pagina impressa e outra lythographada. No terceiro numero augmentou de mais uma pagina impressa, mas morreu logo no numero immediato, precisamente quando alargava o formato, tendo Bordallo perdido com a tentativa algum dinheiro.

Desapparecido *O Binoculo* a 4 de Dezembro, reata o infatigavel caricaturista a publicação d'*A Berlinda,* cuja quarta pagina, representando uma pedra lythographica partida em pedaços, é de 7 de Janeiro de 1871, e se intitula: *Retalhos da Companhia dos Caminhos de Ferro do Leste apanhados e cerzidos por uma victima para espelho dos frequentadores.*

Esta folha teve como collaborador litterario M. Cordeiro Feyo, que tambem assigna as duas seguintes: *A Hysopada (mistiforio politico)* e *A Chiadinha (ultimas scenas do ultimo Carnaval),* bem como a setima — *Conferencias democraticas* — esplendida satyra á prohibição das celebres conferencias do Casino, e com a qual Bordallo encerrou definitivamente a curta, mas brilhante série d'*A Berlinda.*

As estações de pernas para o ar
(Do *Almanach de Caricaturas* para 1875

PREPARATIVOS PARA A PARADA DE 24 DE JULHO

Rei Antonio resolve, para infundir maior respeito e cauzar uma agradavel surpreza ao seu povo, ir á parada — em vez de pintado de preto, pintado de branco, — da côr do seu cavallo. A agua circassiana resigna-se e os *pretos* começam a *escaiandar*.

Da *Lanterna Magica*)

IV

Das «Bodas d'aldeia» á «Lanterna Magica»

— Uma carta d'ella! Arde por dentro e por fóra! Oh! que amor!

De *Il Mundo Comico*)

Desgostado com as condições do meio, pouco favoravel á existencia, mesmo precaria, de um jornal de caricaturas como elle o ambicionava, Raphael Bordallo, em seguida ao mallogro d'*A Berlinda* e d'*O Binoculo,* planeia um quadro de vastas dimensões, *Bodas d'aldeia,* para o qual mais uma vez se inspiraria numa scena caracteristica do seu predilecto Ribatejo.

E, no terreiro copado de uma igrejola alpendrada, a sahida de um prestito nupcial que, terminada a cerimonia, se dispõe a regressar á aldeia distante. De sobre os seus cavallos, noiva e noivo conversam ternos. Montados em gericos, seguem-nos os paes e o celebrante, indo á frente, de sobrecasaca e muito folgazão, o padrinho, que, de cima da pouca altura do seu burro, corresponde com o chapéo alto ás acclamações dos espectadores, em-

quan[illegible] [illegible]do, um camponio em mangas de camisa deita ao ar mais um foguete dos que um garoto carrega.

O quadro, ou mais propriamente o estudo, para cujas principaes figuras serviram de modelos alguns parentes do auctor, tem a data de 1871 e foi executado com destino á grande exposição realisada nesse anno em Madrid.

Entre os artistas portuguezes que concorreram a essa exposição, contava-se Manuel Maria Bordallo Pinheiro, em cuja companhia o filho visitou então a capital do visinho reino, para onde, além das *Bodas d'aldeia,* que obtiveram premio, mandou algumas aguarellas.

Em Portugal, as *Bodas d'aldeia,* de que existe uma lythographia executada no Brasil, foram expostas na nona exposição da Promotora em 1872, comprando-as o Conde de Casal Ribeiro pelo preço marcado no catalogo: quarenta e cinco mil réis[1].

Desenhado a carvão numa simples folha de papel, o quadro, que é, quanto ao tamanho, o mais importante dos trabalhos de Raphael Bordallo, soffreu successivos rasgões, estando hoje em poder do carinhoso colleccionador Sr. Cruz Magalhães, que, tendo-o adquirido pela quantia de cem mil réis, o mandou reparar o melhor possivel, pondo-o definitivamente a coberto de novos estragos.

E' curioso que o talento de Bordallo, obrigado a luctar durante muito tempo para se impor na sua patria, facilmente obteve em Hespanha um bom acolhimento. Pouco depois da sua estada lá, as melhores revistas madrilenas não só lhe abrem hospitaleiramente a porta, como sollicitam a sua collaboração.

Na *Ilustracíon española y americana* figuram alguns trabalhos de Bordallo, como *O Vendedor de palitos e rocas* e os *Jogadores de petisca,* e iniciando-se em Madrid, sob a direcção de Pellicer, a publicação de um semanario humoristico no genero dos de Grévin, *El Mundo comico,* logo no primeiro volume, relativo a 1872-73, apparece o nome do caricaturista portuguez entre os dos collaboradores hespanhoes: Luque, Perea, Ponzano, Gimenez, Cubas, Urrutía, etc.

São, ao todo, cinco os desenhos remettidos por Bordallo para

[1] No catalogo d'essa exposição, são ainda de Raphael Bordallo Pinheiro os seguintes «estudos a aguarella»: *A vendilhoa de carapau, O vendedor de palitos e rocas, O vendedor de castanhas, Saloio dos arrabaldes de Lisboa, Vendedor de phosphoros* e *Uma cabeça,* bem como dois «esboços a carvão»: *O cantador d'aldeia* e *Um enterro n'aldeia (Penultima estação).*

El Mundo Comico (1), mas o facto de quatro d'esses desenhos haverem merecido as honras coloridas da primeira pagina attesta da consideração dispensada ao artista lusitano, que, por essa epocha, publicava, num folheto que teve duas edições, a celebre e impiedosa critica á viagem de D. Pedro II, do Brasil: *Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a picaresca viagem do Imperador de Rasilb pela Europa*.

Frontispicio do folheto sobre a viagem do Imperador do Brasil

Apezar dos passageiros triumphos conseguidos de quando em quando, os primeiros tempos da carreira artistica de Raphael Bordallo confirmam a velha sennteça popular de que «ninguem é propheta na sua terra». Convem mesmo frisar, desde já, que, se no coração do privilegiado desenhista do *Album das Glorias* não pulsasse tão intenso o amor do pequeno paiz onde vira a luz, e se, dispondo, como dispunha, da universal linguagem do seu lapis, o tivesse querido abandonar de vez, Raphael Bordallo se teria notabilisado e enri-

(1) O primeiro d'esses desenhos, que conservam as legendas em portuguez, foi publicado no N.° 21, correspondente a 23 de Março de 1873, e representa um namorado romantico, lendo á luz de uma vela, que a vae queimando, uma carta da sua mais que tudo. Os restantes constituem uma pequena série de *Typos de Lisboa: A Coscovilheira, A Ovarina, Os Fadistas* e *O Andador das almas*. El Mundo Comico. N.os 24, 35, 48 e 90. Madrid 1873-74.

queceria grandemente em qualquer dos mais importantes centros artisticos da Europa. E não são sequer de suspeitar as maravilhas que, liberto das preoccupações materiaes de todos os instantes, posto em condições de regalar a sua exigente phantasia com os estimulos mais appeteciveis, elle, se o oiro o houvesse servido com maior largueza e a gloria o tivesse amparado sem desfallecimentos, nos legaria ao morrer!

João Anastacio Rosa, o Rosa pae, grande amigo de Raphael Bordallo, e portanto conhecedor da sua prodiga generosidade, vaticinara-lhe um dia, ao ver a imprevidente despreoccupação com que elle inventava emprezas sobre emprezas, sem d'ellas tirar proveito algum:

— Tu has-de sempre ser como esses gallos arrogantes que vão, á frente da ranchada, debicando a terra com espalhafato, e não fazendo mais, afinal, do que deixar de comer para os que vêm atraz!

Nas palavras do illustre actor, está resumido de um pittoresco modo o feitio incauto e leviano de Bordallo como homem de negocios a quem a fortuna sorriu por vezes, mas jámais protegeu duradoiramente.

Para o artista incipiente que, a bem dizer, Bordallo ainda era ao tempo em que nos encontramos, deve ter representado um dos melhores sorrisos da deusa esquiva a inesperada incumbencia de que o encarregaram. Havia guerra em Hespanha, e estando de passagem em Lisboa, Ingram, redactor e depois co-proprietario de *The Illustrated London News,* procurou descobrir aqui alguem capaz de desenhar para o seu periodico alguns aspectos da lucta entre carlistas e liberaes. Segundo Julio Cesar Machado, foi Thomaz José da Annunciação quem lhe suggeriu o nome de Raphael Bordallo, e o certo é que a 25 de Março de 1873 Bordallo e Ingram partiam para a Andaluzia, de onde o inglez em breve ganhava Londres.

Feito correspondente de guerra, como actualmente se diria, Raphael Bordallo envia para Inglaterra varios admiraveis desenhos de costumes hespanhoes, que, em breve, lhe valem um convite para se transferir para Londres ao serviço da grande revista: convite a que Bordallo não accedeu, preferindo voltar para Lisboa [1].

[1] Além da *Ilustracíon española y americana, El Mundo comico* e *The Illustrated London News,* Raphael Bordallo collaborou em mais duas revistas estrangeiras: *Ilustracíon de Madrid* e *L'Univers illustré,* segundo elle proprio o declara numa carta publicada n'*O Mosquito* em resposta a uma critica desfavoravel. Não consegui ainda folhear estas duas publicações, ignorando por isso qual o numero e importancia dos trabalhos que o artista lá deixou. Veja-se *O Mosquito.* N.º 341. Rio de Janeiro 12 de Fevereiro de 1876.

Não foi essa, de resto, a unica vez que Raphael Bordallo desprezou o ensejo de se fixar no estrangeiro. Para o provar, anteciparei a transcripção de um documento que, por muito valioso, não deve continuar inedito.

Enthusiasmado com o talento de Bordallo, e ferido pela desproporção entre a grandeza do artista e a estreitez do meio que as suas brilhantes paginas lhe retratavam, Joaquim Nabuco, o insigne orador e estadista brasileiro, então ministro em Londres, escrevia-lhe em 1892 a seguinte carta:

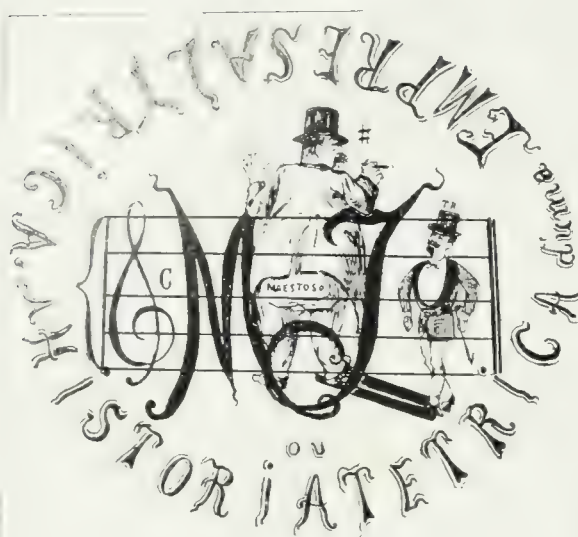
19 Brook Street, Hanover Square
Londres, 10 de Novembro de 1892

Meu caro e distincto Amigo:

Ha muitos annos que cresce em mim a convicção de que o seo destino artistico e jornalistico seria um dos mais brilhantes da nossa epoca se, em vez de estar fechado em Portugal, o seu talento tivesse uma área tão vasta como Londres lhe offerece.

E' realmente pena, mesmo no ponto de vista das idéas liberaes que o seu lapis tão poderosamente tem servido, que a sua fama não seja universal. O De Martino que foi seo amigo no Rio está n'este momento ao meu lado, e pensa commigo que o seo futuro a todos os respeitos, com gloria, influencia, posição e dinheiro, seria brilhantissimo se V. Ex.ª viesse installar-se em Londres ou fundar um jornal. Londres está tão perto de Lisboa que mesmo para Portugal lhe seria facil trabalhar aqui e para o Brazil poderiam tambem ir obras suas. É em Londres mesmo porém, entre os Inglezes, que nos parece certo o grande porvir que lhe auguramos.

Diga se quer que eu me empregue de alguma forma para facilitar-lhe os meios de bem avaliar os resultados provaveis de um passo tão importante. Estou prompto a consultar diversas pessoas entendidas sobre o successo da nossa idéa. Posso mandar-lhe sempre os trabalhos de caricatura mais apreciados na Inglaterra e peço-lhe que me remetta os seos proprios para que se faça idéa aqui do poder do seo lapis. Um jornal mais ou menos cosmopolita, que servisse em Londres a causa do liberalismo no mundo inteiro, n'essa lingua da caricatura politica entendida em toda a parte, e escripto por alguns dos bons talentos Inglezes, parece-me uma empreza digna de Bordallo Pinheiro. Esta carta é apenas uma lembrança do seo

Amigo e Admirador
Joaquim Nabuco.

Frontispicio do folheto *M. J. ou A Historia tetrica d'uma empreza lyrica*

Ao lado de Bordallo caricaturista, não pode passar-se em silencio o delicioso illustrador que elle por vezes se mostrou. Linhas atraz, vimo-lo triumphar, logo de entrada, com as scenas hespanholas que desenhou para *The Illustrated London News*. D'esses seus *Sketches in Spain* merece destacar-se, pelo menos, um: *A Sunday Amusement at Madrid,* que, representando um combate de gallos, é, quanto á composição, um verdadeiro quadro, digno de confronto com uma obra celebre, de identico assumpto: *O Combate de gallos* de William Hogarth. E visto que citei o nome do grande mestre inglez, frisarei que entre Hogarth e Raphael Bordallo existem pontos de contacto.

Não começou em *The Illustrated London News* a carreira de Bordallo como illustrador. Já em 1870, como o deixei referido, elle expuzera na Sociedade Promotora um ensaio a agua-forte allusivo a um soneto de Tolentino: ensaio que marca a sua estreia no genero. Pouco depois, em 1871, faz para as *Paizagens* de Bulhão Pato a sua primeira capa, e, no anno immediato, desenha a portada e diversas vinhetas da revista *Artes e Letras,* illustrando, a

Illustração para um romance de Pérez Escrich

Gravura de Severini

seguir, varios romances como *O Demonio do ouro*, de Camillo, e as lacrimosas novellas de Pérez Escrich: *Casamentos do Diabo, A Mulher adultera, O Cura d'aldeia, As Obras de misericordia, Os Comicos ambulantes,* etc.

Embora o caracter sentimental dos textos brigasse com a indole alegre do desenhista, algumas d'essas illustrações tinham certo caracter e pittoresco, mas tudo perderam com a desastrosa passagem á madeira: o que devia desesperar Bordallo, pois consagrara á arte da gravura serios cuidados, tendo collaborado no album de J. Pedroso sobre *A Gravura em madeira em Portugal* e realisado, com o professor José Julio Rodrigues, as primeiras experiencias de zincographia no laboratorio da Escola Polytechnica, devendo-se-lhe tambem a vinda para Portugal do gravador hespanhol Severini.

Capa do *Almanach de Caricaturas* para 1874

Pela phantasia, pelo bom gosto, pela sua facilidade em variar indefinidamente uma mesma figura, e pelos seus extraordinarios achados decorativos, Raphael Bordallo poderia ter vindo a salientar-se como um illustrador emerito. Havia nelle qualquer coisa de um Gustavo Doré, menos infernal e menos grandioso, sem duvida, mas muito mais observador, e capaz de se cingir ao desenho de costumes, como o demonstram algumas das obras já citadas, e ainda, abatidas as deformações da gravura, as engraçadas illustrações que acompanham as *Scenas de Lisboa* de D. Thomaz de Mello, cuja capa colorida representa o escriptor e o desenhista.

Até á *Lanterna Magica,* publicada em 1875, são numerosos os [illegible]s de Bordallo, quer como caricaturista, quer como illustrador. Na impossibilidade de os mencionar pormenorisadamente, citarei como principaes a engraçada troça em dois fasciculos: *M. J. ou A Historia [illegible]rica d'uma empreza lyrica,* allusiva ás difficuldades e precalços de uma temporada de S. Carlos, os dois volumes do *Almanach de Caricaturas* para 1873 e 1874, e a admiravel collecção de lythographias consagradas a actores e actrizes. Feitas por occasião do beneficio de cada um dos artistas assim celebrados, e vendidas á noite nos respectivos theatros, essas estampas são, quasi todas, verdadeiros modelos de espirito e de execução.

Capa do *Almanach de Caricaturas* para 1875

A primeira, datada de 13 de Dezembro de 1873, dá-nos, flagrante de verdade, o grande Taborda. As outras são dedicadas a Theodorico, Delfina, João Anastacio Rosa, Antonio Pedro, José Carlos dos Santos, Rosa Damasceno, João e Augusto Rosa, havendo mais uma, estranha ao theatro, com a caricatura de um celebre bilharista, o advogado Dr. Mattos.

Quanto á de Theodorico Baptista da Cruz, convem dizer que Bordallo, graças á sua maravilhosa retentiva, foi a unica pessoa que, seja nessa soberba lythographia, seja nos *Theatros de Lisboa* ou no *Almanach de Caricaturas,* seja num apontamento feito no funeral de Emilia das Neves [1], conseguiu transmittir-nos as feições do popularissimo actor, que, talvez desgostoso com o seu physico desagra-

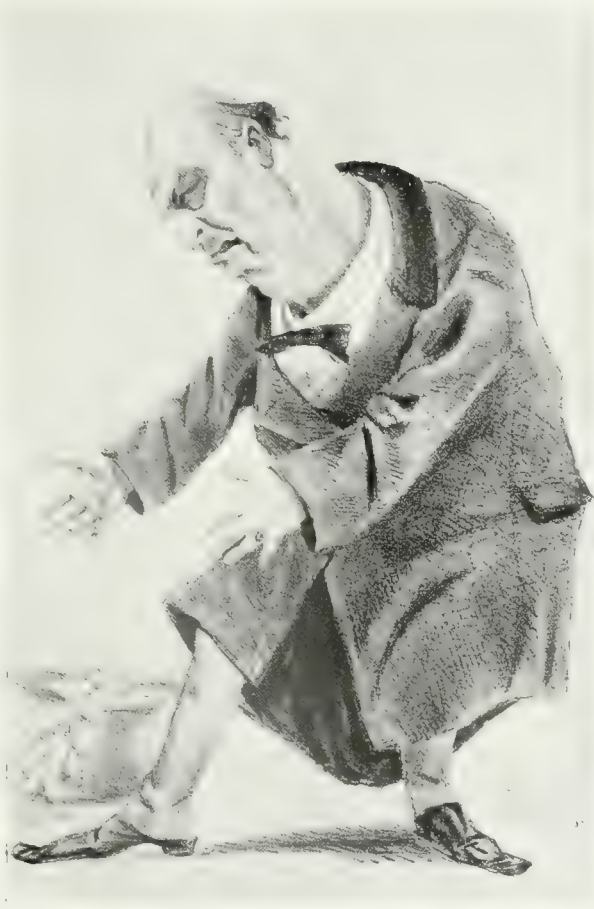
[1] Esse desenho foi reproduzido em A Illustração. 2.º anno. Vol. II. Paris 20 de Abril de 1885.

davel e com a sua herculea cachaceira, jámais consentiu em se deixar retratar.

E que, muito antes da invenção dos *kodaks*, Raphael Bordallo dispunha de uma retina que, no tocante a fidelidade e rapidez, nada tinha que invejar ás mais aperfeiçoadas e instantaneas objectivas photographicas, como, alliaz, de um modo inaudito e oneroso o reconheceu a Fazenda publica. Com effeito, tratando-se de apanhar Bordallo na rêde da contribuição industrial, tributaram-no como «retratista». E o caso foi que, não se dando o novo contribuinte por achado, veiu a ter de pagar ao Estado, bastantes annos depois, uma respeitavel somma, engrossada ainda por cima com todas as alcavalas e juros de relaxe.

Theodorico Baptista da Cruz
Lythographia

A' obra destacavel das lythographias de artistas dramaticos, e sem abandonar o seu campo favorito dos theatros, fez Bordallo seguir, em 1875, as interessantissimas vinhetas do livro *Os Theatros de Lisboa*. Assignado na parte litteraria por Julio Cesar Machado, esse volume é das melhores producções do caricaturista. A prosa fluente e anecdotica do folhetinista e o commentario galhofeiro do desenhador, bem como a commum predilecção d'ambos pelo mundo dos bastidores, faziam uma excellente liga.

Referindo-se a Raphael Bordallo e a Guilherme d'Azevedo, Ramalho Ortigão disse nas *Farpas* que «não seria facil encontrar duas naturezas que mais perfeitamente do que estas duas se adaptassem, não justapondo-se, mas completando-se uma pela outra, como no apologo

do cego e do paralytico». Ainda melhor do que Guilherme d'Azevedo, Julio Cesar Machado me parece ter sido o collaborador mais idoneo de Bordallo, como já em 1874 o reconhecera Antonio Ennes: «Eu diria, pois, a Raphael Bordallo que renunciasse a aguarella pela pintura a oleo, se tambem fosse licito dizer a Julio Machado que redigisse um tratado de philosophia; mas assim como não quizera ficar sem folhetinista nem philosopho, temo que se perca a espontaneidade do aguarellista na empreza infeliz de contrafazer a indole. Acceito-o, por tanto, qual é, e acceito-o sem depreciação. Não foi desastradamente que o approximei de Julio Machado: teem logares

Capa para o livro *Os Theatros de Lisboa*
(Desenho inedito)

Fadista de fóra de portas
(Desenho a nankim)

analogos nas officinas de que são operarios. São ambos observadores perspicazes e narradores chistosos, a ambos captiva o pittoresco dos typos e dos costumes populares, e creio que as notas da carteira de um podem ser transcriptas pelo outro no seu album. Os *fadistas* de Bordallo parecem illustrações dos folhetins de Machado, tão intelligentes e conscienciosas que até hajam reproduzido com o pensamento, a elegancia, a correcção e a naturalidade do estylo do texto. Do ***aragonez,*** a melhor das aguarellas expos-

tas, podia crêr-se que fosse uma impressão commum de viagem a Hespanha, e as margens brancas do quadro estão a pedir o cursivo do escriptor, como commentario á imagem animada do pintor. Estão em afinação tão perfeita que deviam collaborar, e quando algum d'elles queira saber com verdade o conceito que merece da critica, só tem que fazer-se critico e julgar do outro» (1).

Este interessante parallelo encontra-se num artigo de Antonio Ennes sobre a decima exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes, que foi a ultima a que Bordallo concorreu, expondo as seguintes aguarellas: *Grupo de fadistas (o cantador), Cabeça de estudo, O fadista de fóra de portas, O fadista do Bairro-Alto, O aragonez, O campino, A mulher dos queijos e O rapaz dos phosphoros,* com as quaes parece ter encerrado de vez a sua breve carreira de pintor.

A primeira pagina da *Lanterna Magica*

A 15 de Maio de 1875 publica-se o primeiro numero da *Lanterna Magica* por *Gil Vaz.* Como muitos não ignoram, o acutilante pseudonymo de *Gil Vaz* occultava os nomes de dois poetas que eram tambem dois humoristas de talento: o caustico Guerra Junqueiro, em quem a veia satyrica sempre se mostrou notavel, e o espirituoso Guilherme d'Azevedo, futuros auctores da famigerada *Viagem á roda*

(1) *Decima exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal* por A. Ennes. ARTES E LETRAS. 3.ª serie n.º 5. Lisboa 1874.

da [illegible], prohibida pela auctoridade apoz uma unica e tormentosa representação no Gymnasio.

Além d'esses dois, fazia parte da redacção da *Lanterna Magica* um pernambucano de estylo leve e ironico, Luiz d'Andrade *(Julio Verim)*, que lá encetou uma serie de *Caricaturas em prosa,* titulo com que depois baptisou um seu volume.

Quanto á parte artistica, o novo jornal annunciara desenhos de Arthur Loureiro, Manuel de Macedo e Raphael Bordallo Pinheiro. Não encontrei o nome consagrado de Arthur Loureiro em nenhuma das suas paginas. Manuel de Macedo apparece lá com varios trabalhos. A grande maioria das illustrações pertence, porém, a Raphael Bordallo, que na *Lanterna Magica* deu pela primeira vez vida ao seu impagavel *Zé Povinho,* a mais gloriosa creação da caricatura em Portugal.

Moldura da primeira pagina da *Lanterna Magica,* como folha diaria.

Neste desenho a figura do *Zé Povinho* começa a affirmar-se como um dos motivos predilectos da arte de Bordallo.

O interesse suscitado pelos primeiros numeros da *Lanterna Magica* parece ter sido grande, visto, logo no oitavo numero, correspondente ao 1.º de Julho, a publicação ter augmentado de formato, e, reduzindo de oito para quatro o numero de paginas, haver passado a sahir todos os dias, com excepção das segundas-feiras,

publicando-se primeiro á noite, e do decimo oitavo numero em deante, de manhã.

A tentativa de um jornal de caricaturas diario seria ainda hoje, e mesmo num meio tão fertil como Paris ou Londres, de um resultado mais que problematico. Em Lisboa, e nos tempos de Bordallo, um tão arrojado commettimento não podia passar de um sonho, condemnado de antemão a durar pouco. Tardou um mez a cumprir-se a sentença inevitavel. A 31 de Julho, no seu trigesimo terceiro numero, *A Lanterna Magica* dava a alma ao creador.

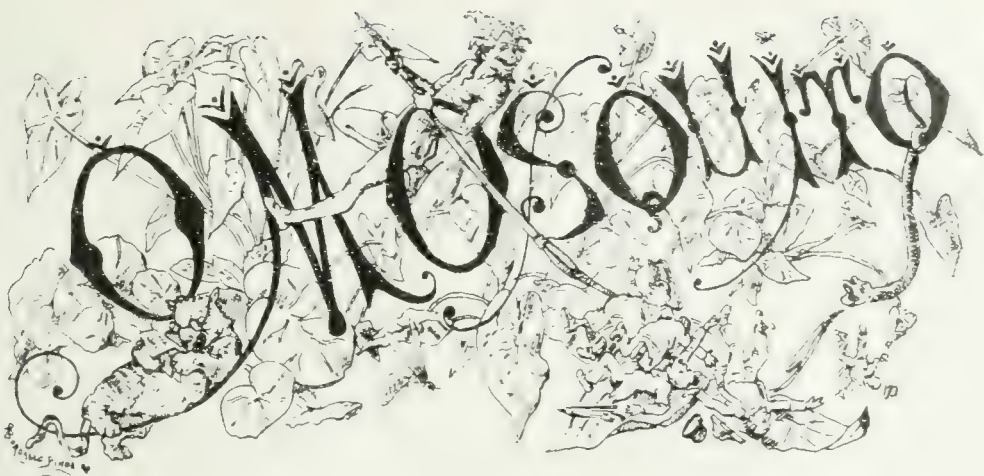
Frontispicio do album de *Phrases e Anexins da Lingua Portugueza*

Morta *A Lanterna Magica*, Raphael Bordallo não tardou tres semanas em ir procurar no Rio de Janeiro uma situação mais desafogada. Da sua obra brasileira occupar-me-hei no capitulo immediato; resta, portanto, dizer aqui que, durante a ausencia do caricaturista, ainda varias vezes o seu nome appareceu em trabalhos editados em Lisboa, como o *Almanach das Artes e Letras* para 1876 e o *Almanach da Senhora Angot* para 1876 e 1877.

Tambem só em 1876 viu a luz o album de *Phrases e Anexins da Lingua Portugueza*, que, tanto quanto se pode avaliar dos desenhos atravez a rudeza da sua reproducção em madeira, parece delineado algum tempo antes.

Assignam as gravuras Severini, Alberto e Pastor, sendo apenas [illegible] estampas reunidas sob um frontispicio egualmente devido a Bordallo, que, para a composição das suas pequenas scenas, baseadas em proloquios e locuções populares, foi provavelmente buscar os themas a um exemplar, que possuia, da collecção de ***Adagios, Proverbios, Rifãos, e Anexins da Lingua Portugueza*** publicada em 1780 por Francisco Rolland.

Valorisa esse album, cheio de portuguezissimo sabor, o excellente prefacio de Julio Cesar Machado, cuja importancia para a biographia de Raphael Bordallo Pinheiro já assignalei, e visto que fui de novo levado a escrever a par os nomes do fluente prosador e do fertil desenhista, citarei ainda a traducção da ***Pepita Jimenez*** de Juan Valera, feita em 1875 por Luciano Cordeiro. O modesto volume é acompanhado de uma introducção de Julio Cesar Machado e de quatro illustrações, uma das quaes de Emilio Pimentel e as tres restantes de Bordallo.

Sr.as Escolas Primarias
(*Da Lanterna Magica*)

Cabeçalho do *Mosquito*

V

Bordallo no Brasil

Chego e qual o meu espanto! Oh! ceos!
(Do *Mosquito*)

A um redactor do *Dia* que, por occasião da grande homenagem promovida pela Associação dos Jornalistas de Lisboa, lhe perguntava se tinha o curso da Academia, Raphael Bordallo, cuja educação artistica se fizera, como vimos, um pouco ao acaso, respondeu:

«— Tenho o curso da Rua do Ouvidor... Cinco annos... — e, bruscamente, concluiu: — Eu canto d'ouvido...» (1).

Assim dizendo, pretendia Bordallo alludir á sua estada no Rio de Janeiro, durante a qual o vamos seguir neste capitulo.

Não obstante o bom-humor de quasi toda a sua obra e as gargalhadas saborosas em que disparava ao mais futil pretexto, Raphael Bordallo nunca se mostrou isempto d'essa dolorosa inquietação que faz da vida dos verdadeiros artistas uma continua alternativa de desa-

(1) *Raphael Bordallo Pinheiro. Nas vesperas da homenagem.* O Dia. Lisboa 4 de Junho de 1903.

nimos exagerados e desproporcionadas esperanças. Inimigo de estar só, incapacitado de se isolar no sonho pelas tentações da bohemia a que não podia resistir, carecendo, como reagente, do convivio dos amigos, das jantaradas e das conversas noctambulas até de madrugada, o seu curioso temperamento, perdido num meio estreito, que lhe inviava os mais bellos planos, fê-lo conhecer dias negros de aborrecimento e desesperação.

Julio Cesar Machado, que foi, quanto a mim, quem mais claro leu no espirito complicado de Raphael Bordallo, deixou-nos este seu retrato fiel:

«É esbelto, de uma pallidez interessante, tem bons olhos, bom cabello, elegancia desaffectada no porte e nas maneiras. Insinua-se: produz effeitos graduados, como os *crescendo* musicaes; ao principio, emquanto não está a seu commodo, n'um rancho, falla pouco, ri baixo, parece deixar-se ficar ali um instante por condescendencia, entretendo a alegria alheia com um sorriso que resuma a tempo o assumpto da risota e da conversação, e entremeiando-a de ditos graciosos como quem entremette rosas nos laços!

«Assim vae indo, primeiro em observações monosyllabicas; dando tempo de se pensar n'elle e de poder cada um pensar entre si que aquelle sujeito tem uma intelligencia superior, que, mesmo sem querer, e sem que talvez até elle dê por isso, se revela e se denuncia . . .

«A pouco e pouco vae-se animando. Como na adivinhação dos jogos de prendas «quente, quente», já a graça, a alegria, o riso, a critica se lhe chegam . . . Vem uma observação, d'ali a nada uma malicia, duas ironias, uma gargalhada, tres epigrammas . . . E «agora me lembro» e «querem os senhores saber?» e «a proposito d'isso» e rompe para ali tudo quanto ha em casos, as ratices de fuão, a satyra de beltrano, e «Oiça o meu amigo agora isto» e «Vamos d'ahi ao Martinho» e «Passemos ao camarim d'aquella Talma» e «Já agora não trabalho hoje; vamos cear! vamos fumar e rir!»

«Isto não era gosto de entregar-se ás occupações da preguiça, como poderia cuidar-se, como alguns pensariam talvez. Precisava gastar tempo de vez em quando, como quem o perde; não o perdia, porém; creava n'essas altas, n'essas demoras, n'essas paragens mais ou menos justificadas, a força que só assim encontrava para depois fechar-se em casa, e trabalhar de dia e de noite. Era feito assim. Não podia soffrer outro modo de trabalhar, nem de viver. Philosopho pratico, entendia que, no sitio em que estava bem, devia estar mais

tempo e não se arredar de lá tão cedo. Esse tempo, porém, essas conversações como que perdidas, as manhãs do Chiado, as tardes aqui ou ali, as noites de camarim, de café, de loja de livreiro ou de simples palestra pelas ruas, ao luar e sem luar, e com chuva até, tudo isso para elle era estudar, observar, e ir depois para casa com alguma novidade, que, a seu tempo, vinha a ver a luz.

«Artista. Em tudo e de tudo artista. Organisação nervosa, inconsequente, caprichosa. Sensibilidade finissima; um temperamento de mulher. Ora exaltado, ora abatido, muitas vezes sem razão; susceptivel de grandes rasgos, heroico por vezes na lida, na ancia do trabalho e da gloria, mas dado a enfados, mudando de animo facilmente, tendo os enthusiasmos e os desvios, a generosidade, o desinteresse, e tambem os despeitos subitos, a inconstancia febril, de artista!

«E um verdadeiro talento.

. . . .

«Podem alguns dos seus trabalhos ser menos cuidados que outros, e até menos bem inspirados, — porque é loucura pretender que um talento seja sempre egual, e que, logo que o publico estabeleça differença nas suas obras, julgando umas sublimes, outras mediocres, ou mesmo más, a culpa seja do publico que prove com isso não estar no caso de as apreciar. Com a fortuna! Não ha espirito que seja sempre egual; e muitas vezes acontece que qualquer causa, por mais leve, baste para o perturbar, para o paralysar, e, pelo contrario tambem, para o excitar. Em Bordallo Pinheiro se dava isso frequentemente. Tinha dias de uma melancholia, de uma desconsolação, de uma irritabilidade, que eu proprio, que fui um de seus amigos mais intimos, chegava a inquietar-me por elle.

«Todavia, por entre sombras e tristezas, continuava a ver em tudo assumpto para caricaturas; coisas que escapavam á observação de toda a gente, saltavam aos seus olhos. Quando trabalhámos no livro dos *Theatros de Lisboa* succedia perguntar-lhe eu n'alguns pontos da escripta:

«— Isto dá-te uma caricatura?

«— Isso? Dá quantas se queira. Isso é uma mina!» [1]

Segundo já o fiz notar, a perspectiva de pôr o seu talento ao serviço de uma alheia nacionalidade jámais lhe sorriu. Portugal, porém,

---

[1] *Raphael Bordallo Pinheiro* por Julio Cesar Machado. Diario de Noticias. Lisboa 4 de Novembro de 1875.

tem, por [illegible], para lá do Atlantico, um gigantesco prolongamento, perto de cem vezes maior que a sua superficie, e onde o portuguez mais apegado ao torrão nunca poderá sentir-se completamente um estranho. Quando o tedio e o desalento mais forte o assaltavam, tambem Raphael Bordallo volvia os olhos d'alma para esse immenso paiz, de ha seculos olhado, d'aquem-mar, como um fascinador Eldorado.

«Durante muito tempo — recorro mais uma vez a Julio Cesar Machado — a sua preoccupação era que deviamos ir ambos para o Brazil. Chegou a pedir-me isso como um favor de irmão para irmão, com uma insistencia obstinada, a que nem me deixava responder. Estimei-o sempre muito, e chegava a custar-me ter de dizer-lhe que não. Mas os nossos caracteres, semelhantes n'alguns pontos, divergiam essencialmente n'outros. Elle tinha ambição, e eu não; elle despeitava-se com o mundo, e eu não penso n'elle; elle não podia trabalhar em não lhe correndo as coisas bem, e eu trabalho sempre haja o que houver; elle abatia-se com os revezes e os desdens, a mim os desdens e os revezes deram-me sempre maior força de vontade e um gosto de orgulho ao sentir-me só». [1]

Capa do *Mosquito*

[1] Julio Cesar Machado. Prefacio do Album de Caricaturas: *Phrases e Anexins da Lingua Portugueza*. Lisboa 1876.

Foi *A Lanterna Magica* que forneceu a Bordallo o almejado ensejo de se transferir para o Brasil. Em 1875 publicavam-se no Rio de Janeiro tres jornaes illustrados, de indole predominantemente caricatural: *O Mosquito, Vida Fluminense* e *A Semana Illustrada*. Fundado em 1869, o primeiro tinha como proprietario e director um commerciante dado ao jornalismo, Manuel Carneiro, a quem os desenhos da *Lanterna Magica* levaram á facil intuição do realce que o lapis de Bordallo poderia imprimir ao seu jornal. Ignora-se se eram boas ou más as condições do contracto que Manuel Carneiro se apressou em propor para Lisboa. Independentemente das possiveis vantagens que nella se contivessem, a proposta acertou, porém, de vir no momento opportuno, pois que o desafiado annuiu em se expatriar sem delongas.

A 31 de Julho deixava de publicar-se *A Lanterna Magica*, e logo a 19 de Agosto, Raphael Bordallo embarcava para o Brasil, a bordo de um vapor inglez baptisado com este nome de bom augurio: *Potosi*, encetando, poucos dias depois de chegado, a sua collaboração no *Mosquito*, com uma retumbante pagina, em que, consoante uma formula muito da sua sympathia, desenrolava numa série de pequenos desenhos as impressões da viagem, contando das suas apprehensões durante a travessia, dos seus erroneos conceitos sobre a patria brasileira e dos deslumbramentos que ella lhe reservava.

Numa das legendas d'esse trabalho repassado de sincero enthusiasmo, Bordallo exclamava: *Que alegrão!* — justo *introibo* do periodo verdadeiramente aureo que então se inaugura para esse excepcional immigrante, não só no que diz respeito aos progressos sensiveis da sua arte, mas tambem pelo que se refere ás condições da sua vida.

Apoz a bohemia desendinheirada de Lisboa, elle conheceu uma epocha de relativo desafogo financeiro, de prestigio e de agradaveis triumphos, ao calor dos quaes a sua exuberante *vis comica* se requintou com audaciosa arrogancia.

Confortavelmente installado numa «republica» da Rua Nova das Laranjeiras n.º 6, por elle fundada com mais onze companheiros — entre os quaes Arthur Napoleão, Cyriaco de Cardoso e o seu dedicado amigo sr. Cunha Vasco, em cujo poder existem importantes documentos sobre as duas estadas do caricaturista no Brasil — Raphael Bordallo não se limita a deslumbrar o Rio com a graça irresistivel dos seus trabalhos. No pleno viço dos seus trinta annos insinuantissimos, dá egualmente brado pelo janotismo estridente e pelas endiabradas façanhas que praticou.

Arreliado pelas troças de Bordalo, o Barão do Lavradio lembrou-se um dia de pedir, no Senado, medidas repressivas contra os estrangeiros que não hesitavam em violar o respeito devido aos representantes da nação que os hospedava, alludindo em especial a certos portuguezes que iam para o Brasil, de jaqueta de trinta botões, ganhar fortuna a dizer mal dos politicos do imperio. Quando soube do ataque, o alvejado não se desconcertou. Mandou fazer um jaquetão azul, fechado por tres ordens de dez escandalosos botões de madreperola, pôz umas calças brancas, e, assim vestido com as cores da sua patria, fez o giro das principaes ruas da cidade: rasgo esse que provocou maiores applausos do que os que saudaram a pagina central que no *Mosquito* consagrou ao seu censor, e que é a mais pittoresca illustração do popular estribilho brasileiro: ***Não facilite!***

Bordallo collaborador do *Mosquito*
(Auto caricatura)

Uma das auto-caricaturas que acompanham este capitulo apresenta-nos Raphael Bordallo com o patriotico traje agora descripto, tendo na cabeça um altissimo chapéo á moda do tempo, sobre o qual pousa um mosquito como symbolo do jornal em que trabalhava, e ostentando na mão direita uma especie de nodosa móca, que, á primeira vista, poderia ser tomada pela clava de um Hercules. No emtanto, nada de menos mythologico do que esse levissimo cacete, com que o seu portador, dando-se ares de athleta, apenas pretendia zombar, pelo susto, dos que se não cansavam de lhe recordar a cada momento a sua qualidade de portuguez, ou fosse de «gallego», que era o termo empregado pelos brasileiros para desdenhar dos seus irmãos lusitanos. A atemorisante maça não passava de um grosso talo de couve gallega, e, alem d'essa tronchuda bengala, outras occorrencias felizes teve Bordallo para responder aos remoques impertinentes de alguns invejosos ou despeitados, como a de, no ***Psit!!!,*** se inculcar como agente de um fabricante alemtejano de salpicões, paios e murcellas, num annuncio rematado por estes dizeres: — ***Tambem encarrega-se de tirar retratos a oleo, crayon, lapis, e faz por disfastio algumas caricaturas. Tudo á vontade do freguez.***

Com esse propositado ar de desafio, Raphael Bordallo procurava, certamente, baldar as arremetidas malevolas ou grosseiras dos que tentassem comprometter-lhe a carreira no novo meio que se propuzera

conquistar. Quando o provocam, retruca espirituoso, ás vezes mesmo embravecido, como na formidanda diatribe com que encheu as oito paginas de um supplemento intitulado: *O Besouro de chicote.*

O chicote foi, porém, utensilio de que só muito excepcionalmente lançou mão. No Brasil, como em Portugal, esses momentos de colera são rarissimos em Bordallo, cujo riso sadio facilimamente dilue as acrimonias do rancor. Apezar de pretender: *que não ha manifestação artistica sem finalidade moral* ([1]), a quasi totalidade da sua obra, isempta de fel, visa, antes de mais nada, a divertir.

Primeira pagina do *Psit!!*

Não pode negar-se o grande ideal de liberdade e emancipação que fez d'elle, quer em Portugal, quer no Brasil, um esforçado demolidor de privilegios e um dos mais bem succedidos propugnadores da forma de governo hoje adoptada nos dois paizes. Em politica, Bordallo é fundamente republicano, em materia religiosa irreductivelmente anticlerical, e como cidadão, sinceramente egualitario e amigo dos humildes; mas o odio faccioso não o domina, nem a paixão partidaria lhe obscurece o animo, ou o impede de rir no imperio de D. Pedro II como no reino de D. Luiz e de D. Carlos.

([1]) *Ao folhetinista do «Jornal do Commercio».* O MOSQUITO. N.º 341. Rio de Janeiro 12 de Fevereiro de 1876.

Querido a principio pela maioria dos brasileiros e dos portuguezes, com a bolsa quente e o espirito encantado por uma terra e uma sociedade de ineditos aspectos, a arte de Bordallo robustece-se, aperfeiçoa-se, descobre em si novas opulencias.

Um dos mais illustres collaboradores de Bordallo no Brasil, o vigoroso polemista José do Patrocinio, escreveu, poucos momentos antes de morrer, um artigo para *A Noticia*, do Rio de Janeiro, no qual, pranteando a morte recentissima do summo caricaturista portuguez, alludia ao seu modo irregular de trabalhar:

«. . . Que diabo! não era possivel obrigar o espirito á hora certa de uma citação judicial! . . . Não achas tu, hein? Isto vem, não está ás ordens do patrão, como um carro de aluguel, homem; e mesmo quando já cá dentro, não está para cada momento, como um bico de gaz, a que basta dar uma volta á torneira e chegar-lhe um phosphoro.

« — Mas olhe que hoje é quinta-feira e o jornal tem de sahir sabbado . . .

« — E então?! Pensa você que a vida social pára, como o sol de Josué, para que eu tenha o assumpto palpitante da semana, desenhando agora . . . E as 24 horas que seguem, homem? Vocês calumniam o espirito humano, tirando-lhe a espontaneidade.

«Só á ultima hora, quando só dispunha do tempo strictamente necessario para desenhar, mettia mãos ao trabalho, tirando o jaquetão inglez e atirando-o sobre uma cadeira, murmurando entre dentes:

« — Anda, Sysipho; toca para a pedra . . .»

Temos, portanto, que os habitos de Bordallo, como jornalista, foram no Brasil os mesmos que contrahira em Portugal. Muitos dos seus trabalhos nasceram de improviso sobre a pedra lythographica. No emtanto, é força confessar que outros lhe mereceram maiores esmeros de factura, e até alguns uma seria preparação, de que existem provas nos esboços e variantes dos seus cadernos.

A languidez perturbadora das fluminenses e o petulante trajar das Niniches de importação inspiram-lhe paginas de jornal e paginas d'album que lembram, algumas, a elegancia frivola de certas avelludadas lythographias de Gavarni e, outras, a mollicie arabisante de um Georges Clairin.

Os pacatos estadistas do modesto soberano, o proprio imperador bonacheirão, cujo improtocolar á-vontade Bordallo deixou immortalisado, os episodios da politica, as aspirações extremes dos abolicionistas, a que a lei da «emancipação do ventre escravo» não impuzera silencio,

e, sobre todas, a questão religiosa, então vivamente debatida no Brasil, jámais o encontram indifferente.

Os animados Carnavaes do Rio, as grandes festas cariocas, as solemnidades mundanas, os concertos, os saraus de beneficencia, as touradas, teem nelle um commentador amavel: pontualissimo, como sempre, em tudo quanto á actualidade theatral se prendia.

A propria febre amarella, que elle pinta como um esqueleto vestido á moda, não lhe embota a phantasia. Ainda não de todo convalescente, desenha, para *O Mosquito*, uma d'essas paginas que foram um seu segredo: *Delirios febris (Sonho)*, na qual celebrava a execução da *Missa de Requiem* de Verdi num concerto dirigido por Arthur Napoleão. Ao alto, erguendo a batuta cuja extremidade reluz, o vulto do afamado maestro emerge do conjuncto nutrido dos musicos e dos cantores, attentamente escutados por um publico numerosissimo, á frente do qual se vê o imperador, a côrte e o ministerio. Sobem a algumas centenas as figuras assim agrupadas a bico de agulha, e se o metter tanta gente num tão pequeno espaço já não seria dado a quemquer, raia no prodigioso a habilidade com que o desenhista conseguiu tornar reconheciveis muitas das minusculas cabeças d'essa pagina, onde, á esquerda, Raphael Bordallo, de cama e com muitos frascos de remedio á cabeceira, assesta o binoculo para toda aquella liliputiana multidão.

Primeira pagina do *Besouro*

Antes de Bordallo, Callot, com *A Feira de l'Impruneta* por exemplo, chegara a inscrever numa superficie minima um sem numero de figuras, no que depois, com as suas *kermesses*, os flamengos tambem se exercitaram; mas ficou sendo uma especialidade do auctor do desenho da sala de S. Carlos ([1]) e outras obras similares o estupendo virtuosismo com que soube justapor, numa pollegada de papel, dezenas e dezenas de retratos parecidissimos. Talvez esses trabalhos, que parecem desenhados á lente, não tenham muito que ver com a grande arte; dentro do desenho microscopico, porém, são verdadeiras maravilhas de paciencia, de facilidade e de rapidez.

Como em toda a obra de Bordallo, na sua producção brasileira tambem não escasseiam as paginas de homenagem aos nomes mais illustres dos dois mundos. Raros espiritos se terão entregado com a mesma generosa assiduidade ao corajoso prazer de admirar. Entre essas paginas commemorativas, ha uma, publicada no *Mosquito* em memoria de Borgomainerio, que reveste singular importancia para o estudo das predilecções artisticas de Bordallo.

Luiz Borgomainerio foi um caricaturista italiano que, havendo-se transferido, como Bordallo, para o Rio de Janeiro, ahi publicou na *Vida Fluminense*, e depois no *Figaro*, muitos trabalhos de valor. Raphael Bordallo aprendeu com elle alguma coisa. Na pagina referida chama-lhe «meu querido mestre e amigo», e desenhando num medalhão o retrato de Borgomainerio, rodeou-o de outros, consagrados aos artistas que mais admirava: Daumier, Hogarth, Goya, Gavarni, Holbein, Ortego, Grandville, Monnier e Leech. Se a esses accrescentarmos Busch e Cham, creio que teremos indicado as maiores devoções de Bordallo como caricaturista.

Ao numero das suas paginas commemorativas pertence ainda aquella que, ao receber participação da morte de sua mãe, offereceu ao pae. Intitula-se *Um olhar para o passado*. Encostado a uma varanda e dando a mão á esposa, sentada em frente da filhita, que sobraça uma boneca, o artista fita, por cima do mar, o céo da sua terra, onde, em nevoas de sonho, se evocam scenas familiares. Com o *Dia de Finados*, publicado no *Besouro*, e representando, á porta do Cemiterio,

([1]) Constitue uma das illustrações da obra: *O Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até á actualidade* por Francisco da Fonseca Benevides (Lisboa 1883), cuja capa a cores é tambem de Raphael Bordallo Pinheiro.

um pobre engeitado vendedor de jornaes, com a legenda: *Aquelle que não tem o direito de chorar como nós*, é essa uma das poucas paginas tristes sahidas, alem-mar, do lapis de Bordallo, que, como caricaturista politico, deu ao Brasil algumas bellas composições, das quaes, não podendo, a pezar meu, alludir a outras, citarei essa em que, por occasião da visita do imperador á exposição de Philadelphia, elle figurou a Princeza Isabel, deante de uma partitura a que o Conde d'Eu se prepara a voltar a folha, regendo, de sceptro em punho, *A Grande Orchestra* dos ministros e dos politicos.

Frontispicio do primeiro volume do *Besouro*

Exceptuadas algumas lythographias avulsas, como as dedicadas a Furtado Coelho e a Eduardo Brazão nos *Engeitados* de Antonio Ennes, a obra brasileira de Raphael Bordallo comprehende-se toda nos tres mencionados jornaes: *O Mosquito, Psit!!!* e *O Besouro,* que tiveram como redactores ou collaboradores litterarios, alem de José do Patrocinio, e de Luiz d'Andrade, a quem já me referi ao fallar da *Lanterna Magica,* Arthur Azevedo, Lino d'Assumpção, Alberto de Oliveira, Fontoura Xavier, Ferreira d'Araujo, Lucio de Mendonça, Affonso Celso, Filinto de Almeida, Henrique Chaves, Dermeval da Fonseca, Thomaz Alves Junior, Arthur Barreiros, Alfredo Camarate, Simão da Motta, Julio Xavier, Generino dos Santos, etc.

No primeiro d'esses jornaes, os trabalhos de Bordallo alternaram durante muito tempo com outros, assignados na maior parte por Faria, um habil lythographo, que depois veiu a distinguir-se em Paris pelos seus cartazes. Mais tarde, sobrevindo desintelligencias entre Manuel

Carneiro e Raphael Bordallo, d'ahi resultou ficar este com a propriedade do *Mosquito*, de que passou a encher todos os numeros até á morte do jornal, succedida em 1877.

Em Setembro d'esse mesmo anno sahe o «hebdomadario comico» intitulado *Psit!!!*, com «illuminuras» *(sic)* de Bordallo Pinheiro, e onde, jogando com a palavra *Pistarola*, elle tentou crear dois typos contrastantes: o *Psit!* ou *Pist!*, elegante e espirituoso — «o Botafogo» — e o *Arola*, pé de boi e apalermado — «o Canal do Mangue».

Ao *Psit!!!*, de que só se publicaram nove numeros, succede, a 6 de Abril de 1878, *O Besouro*, «folha humoristica illustrada e satyrica», para a qual o depois Conde de S. Salvador de Mattosinhos forneceu capitaes. Foi no *Besouro* que Bordallo deu vida a mais um typo da sua galeria: o *Fagundes*. O nome d'essa personagem parece haver sido suggerido ao caricaturista por um candidato a deputado, ou coisa que lhe valha, João José Fagundes de Rezende e Silva, mas d'onde ella deriva em linha recta é do *Primo Bazilio* de Eça de Queiroz, que provocara grande celeuma no Brasil, tendo Bordallo consagrado á obra e ao auctor varias paginas do *Besouro*. Com as suas suissas ralas, o seu collarinho muito aberto, a sua sobrecasaca amarrotada e o seu bengalão retorcido, *Fagundes* é uma especie de Conselheiro Accacio traduzido para brasileiro.

O *Pist!* e o *Arola*

Achada uma vez a figura, Bordallo, como era sua norma, aproveitou-a de varios modos e feitios. Uma das melhores scenas em que ella nos apparece chama-se: *Abertura das Camaras*. De pé no throno e

paramentado de imperador, o monarcha do *Já sei, já sei!*, resumindo a solemne falla inaugural, diz para um parlamento todo constituido por um mesmo *Fagundes* de casaca ou farda: «Srs. Deputados, digo-lhes o mesmo que o anno passado: Estão abertos os *fagundes*. — Fallem os *fagundes*. — Legislem os *fagundes*.»

Com essa e outras paginas do *Besouro*, cuja publicação terminou em Março de 1879, desencadeou o caricaturista varias animosidades deploraveis, que, tendo-se brasileiros e portuguezes dividido a proposito das operas *O Guarany* e *Eurico*, de Carlos Gomes e Miguel Angelo, chegaram a armar o braço de um *capoeira* para uma facada nocturna, felizmente sem consequencias graves.

Frontispicio do folheto *No Lazareto de Lisboa*

Por um lado, o odio despeitado de certos politicos, por outro, as ameaças de alguns credores exigentes, e, talvez, ao cabo de quatro annos de ausencia, a nostalgia do seu Portugal tão querido — á qual os brasileiros davam o typico nome de «morrinha gallega» — tornaram desagradavel, senão impossivel, a permanencia de Bordallo no Brasil.

Sinceramente grato aos amigos que o haviam acarinhado ou protegido, mas bastante resentido com o meio, como se infere do folheto *No Lazareto de Lisboa*, em que compendiou as suas recordações sobre a patria de Pedro II, por elle chrismado em *Pedro Malas-Artes ou Mala-ás-Costas*, e onde, segundo seus dizeres, «os papagaios voavam no ar e os commendadores voavam na terra», Raphael Bordallo regressa então a Lisboa, que em breve tinha, com *O Antonio Maria*, sobejos motivos para se regosijar com a volta d'esse filho prodigo e notavel.

O resentimento de Bordallo pelas desfeitas que, de parte de varios portuguezes facciosos e de alguns brasileiros susceptiveis, recebera no Rio não durou muito, e nunca o impediu de lembrar com agrado os quatro annos incompletos que lá passara trabalhando e gozando. Logo na primeira pagina do *Antonio Maria*, elle evocava, ao lado do *Zé Povinho*, que nascera na *Lanterna Magica*, os tres principaes typos da sua galeria brasileira: o *Pist*, o *Arola* e o *Fagundes*.

Como havemos de ver no volume dedicado ao ceramista, Bordallo tornou ao Brasil em 1899, com o fim de collocar a *Jarra Beethoven*, que não conseguira encontrar comprador em Portugal. Para essa grande peça, abriu então uma rifa, e não tendo ella cabido no sorteio a nenhum dos bilhetes vendidos, o artista, empenhado em que a obra ficasse no Brasil, offereceu-a ao Sr. Dr. João do Rego Barros, que muito se interessara pelo auctor, e que, por seu turno, a offereceu ao Palacio do Cattete, séde da Presidencia da Republica.

Cabeçalho da capa do *Besouro*

Cabeçalho da capa do *Antonio Maria*

VI

«O Antonio Maria» e o «Album das Glorias»

Eis-nos em frente das duas mais bellas obras de Bordallo: *O Antonio Maria* e o *Album das Glorias!* Feitas a par uma da outra, essas duas publicações são do melhor que a caricatura tem produzido em todos os tempos. Especialmente quanto á primeira, talvez não exista, em paiz nenhum, outro jornal que, desenhado por um só artista, constitua uma tão profusa, inexgottavel, maravilhosa feira de typos, nem um tão variado, extraordinario, admiravel repertorio de situações comicas ou alegremente tragicas.

Bordallo em 1880

Por qualquer lado que a encaremos, a primeira série do *Antonio Maria* subsistirá, inexcedivel, como a obra-prima da caricatura pessoal e politica em Portugal: tão opulenta de graça, phantasia e imprevisto, que, cotejadas com ella, a maioria das estampas do *Album das Glorias,* bastantes só por si para salientar um humorista, parecem luzir menos, chegando algumas a apagar-se deante de certas paginas do semanario, onde as mesmas figuras nos surdem.

Comparado com *O Antonio Maria*, o *Album das Glorias* representa a projecção fixa dos vultos de que aquelle nos dá a projecção animada. O segundo é, portanto, apenas a lanterna magica, ao passo

que *O Antonio Maria* é já o cinematographo, ou, se o anachronismo nos repugna, uma d'essas divertidas camaras escuras que, collocadas dantes ao centro de um local concorrido, invertiam sobre uma meza de marmore o espectaculo do que cá fóra se passava.

Marcada pela galhofeira anamorphose a que o seu jovial espirito a submette, toda a sociedade lisboeta do reinado de D. Luiz alli se move, sob o lapis de Bordallo, como num animado baile de mascaras, de que elle fosse o regente infatigavel.

É certo que o tempo, anonymisando para os vindouros muitas das personalidades fixadas no *Antonio Maria,* diminuirá sensivelmente o interesse da grande parte anecdotica dos seus volumes. Nelles, porém, não ha só o transitorio da actualidade politica ou individual. Ha muita pintura de costumes, muitas bellezas de composição, e arte que sobre para tornar mais do que curioso, perpetuamente ensinador e fascinante, o exame d'esses seis tomos magnificos do esplendido theatro comico de Bordallo.

ANTONIO MARIA
LISBOA 12 DE JUNHO DE 1879

Primeira pagina do *Antonio Maria*

No intuito de valer ao desconhecimento com que o futuro ha-de olhar muitas d'essas paginas, Theophilo Braga, segundo corre, já pensou em elaborar um indice explicativo de todas as caricaturas nellas contidas. Seria essa, na verdade, uma meritoria tarefa; mas, embora o generoso intento se mallogre, um meio sempre haverá de identificar algumas das principaes figuras do *Antonio Maria,* como o transparente Anselmo Braamcamp, o condecoradissimo Duque d'Avila, o tigrino Arrobas, o façanhudo General Macedo, e varios outros.

Consiste esse meio, muito simplesmente, na compulsa do *Album das Glorias,* que é, até certo ponto, um indice parcial dos volumes do

Antonio Maria, fornecendo-nos em consagradora synthese o que o outro nos ministra em flagrantissimas analyses.

Effectivamente, salvas algumas estampas de maior alcance, como a da *Carta* e a da *Universidade,* vemos no *Album das Glorias,* comicamente embalsamadas, as mesmas falladas creaturas que, com dissecante humor, no *Antonio Maria* se anatomisam; sendo, por isso, licito considerar aquelle como um pantheon, solemne apezar da troça, e comparar o segundo a uma vasta barraca de pelotiqueiros, a cuja porta, chamando a concorrencia com estrondo, se nos depara o Fontes, convertido agora pittorescamente no homem dos sete instrumentos, e logo desmembrado nas differentes partes de um polichinello de engonço.

O homem dos sete instrumentos (Fontes)

O vapor *Valparaiso,* que trouxera Bordallo do Rio de Janeiro, chegou a Lisboa em 29 de Abril de 1879. Mez e meio depois, a 12 de Junho, vespera de Santo Antonio, apparecia o primeiro numero do *Antonio Maria,* cujo titulo correspondia, como é notorio, aos dois primeiros nomes de Fontes: Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

O Fontes e o *Zé Povinho* iam passar a ser, aquelle até ao numero dos *Pontos nos ii* de 27 de Janeiro de 1887, todo consagrado ao seu funeral, este até á morte do seu creador, os dois grandes heroes da obra de Bordallo.

No *Antonio Maria,* como na politica da epocha, Fontes é rei. Pondo-lhe, de um certo momento em deante, uma corôa na cabeça, o artista, que já o caricaturara na *Lanterna Magica,* desenha-o de todos os modos, feitios e maneiras: qual Bismark de capellista; como novo Cánovas; como grande turco; como Gargantua e Pantagruel reunidos;

como o ponto da scena portugueza; como Rei da Madureza; qual outro Mineiro; com o rei na barriga; e como boneco de sabugo, a que serve de bola de chumbo a cabeça do monarcha: da qual, numa lembrança felicissima, faz chancella do poderoso ministro, cuja imagem multiplica ás vezes na mesma pagina, como na *Procissão politica* do primeiro numero e, ainda melhor, na impagavel composição relativa á abertura das Côrtes em 1882.

Na primeira, vê-se Saraiva de Carvalho, então demissionario, com a sua pasta de ministro e o seu immenso casacão, sobre cujas abas, estendidas até ao portico da Sé, desfilam solemnes, á laia da procissão

Rhetoricas Constitucionaes e Chapas Parlamentares
(Do *Besouro*)

do Corpo de Deus, desde os pretinhos de Vaz Preto ás basilicas Patriarchaes, que são Rosa Araujo e o futuro Conde do Restello; do S. Jorge, que é o adiposo D. Luiz, ladeado por varios moços de estribeira com a figura de Braamcamp, ao escudeiro do santo, que é o enorme D. Augusto. Além de ser «o homem de ferro», o Fontes apparece ahi sob os mais diversos aspectos: soldado, fadista, ama de leite com Rodrigues Sampaio ao collo, velha, menina, janota, e até como vendedor de limonadas.

Quanto á segunda composição, intitulada *A situação politica,* representa a sala da Camara no momento da leitura do discurso da corôa:

thema este que Bordallo glosou com a mais saborosa fertilidade. O rei, o infante, os ministros, os pares do reino, os deputados, ecclesiasticos, militares, paizanos, um archeiro, os homens e as senhoras que estão na galeria, bem como os morcegos negros que esvoaçam perto do lustre, constituido por uma albarda, todos teem a cara de Fontes, que o caricaturista só se não atreveu a substituir á da rainha.

Esse desenho, á margem esquerda do qual, *Zé Povinho* guia uma fileira de patos, e o desenhador jaz por terra, *cançado d'abrir Fontes,* mas ainda com uma cabeça de Fontes a cahir-lhe da ponta do

A Marcha do Governo
Do *Antonio Maria*

carvão, recorda, pela inspiração, um outro allusivo ao mesmo assumpto, e que, ao fallar da sua obra brasileira, deixei apontado relativamente ao *Fagundes.* Como elle, outras paginas ha no *Antonio Maria* que, ainda mais directamente, descendem de certas paginas do Brasil. Citarei duas, que são verdadeiras replicas: uma, de 1880, *Episodios do «Cotillon» no baile da Associação Naval,* reproduz quasi exactamente o *Delirio da Valsa* publicado no *Mosquito;* chama-se a outra *A marcha do Governo*, e, apenas com personagens differentes, rãs em vez de gansos, e o palacio da Ajuda em logar do de S. Christovão, é

copia da pagina do *Besouro* intitulada *Rhetoricas Constitucionaes e Chapas Parlamentares.*

Numa obra tão copiosa como a de Bordallo, não devem causar surpreza essas repetições conscientes. Determinava-as, no geral, a urgencia jornalistica, e com ellas nada se amingua a feraz imaginação do auctor, que, obrigado a encher semanalmente quatro paginas, pelo menos, do jornal, de mais dois processos soía lançar mão, quando á ultima hora — que era a sua hora habitual de trabalhar — os assumptos da semana lhe não suggeriam ideias novas. Nesses dias, Bordallo recorria á transposição para a politica dos numeros mais applaudidos do circo, ou das scenas mais populares do theatro, e á parodia de quadros celebres.

O circo principalmente forneceu-lhe optimos motivos. Em havendo no programma do Price, do Real Colyseu, e mais tarde do Colyseu dos Recreios, uma qualquer novidade ou excentricidade de maior sensação, era certo ir vê-la e aproveita-la depois no jornal.

Entre as parodias de quadros celebres que figuram no *Antonio Maria,* podem apontar-se: a da *Transfiguração* de Raphael, a proposito do advento do ministerio Fontes em 1881, *A Real Pesca Milagrosa,* bebida tambem em Raphael, relativamente á distribuição de premios da Real Sociedade Humanitaria feita por D. Luiz no Palacio de Crystal, do Porto, nesse mesmo anno, a da *Ceia*, de Leonardo, e a da *Resurreição de Lazaro*, de Rembrandt.

Como paginas inspiradas pelo theatro, temos, por exemplo, a do *Lohengrim politico*, ou a dos *Sinos do Syndicato,* parodiada, como o titulo o está dizendo, dos *Sinos de Corneville.*

Os numeros de circo são os que mais abundam, desde o *Circo Price,* onde Barros Gomes, de saia curta, faz um volteio sobre a albarda da Fazenda, ao *Magrini dos Cães,* que é o Fontes; dos trabalhos do chinez Ling-Look, que engulia facas e bengalas, até aos equilibrios funambulescos de D. Luiz, convertido em Spelterini.

Ao lado de Fontes, de quem chega a faze-lo irmão siamez, D. Luiz foi um dos alvos predilectos de Bordallo, que, depois de o pintar como o primeiro caricaturista portuguez, o apresenta, ora como domador de leões com gaiola na Ajuda, ora a jogar a cabra-cega com os politicos, ou como um «Joven Lilio, solitario e delirante, passeiando em seu jardim», ora qual outra Filippa de Vilhena, armando os filhos cavalleiros com «a vara da injustiça» e a «lei das rolhas». Numa pagina esplendida, *Shakespeare e a Carta — A Ultima Versão,* ridicularisam-se as veleidades litterarias do monarcha-traductor; noutra, *O Assalto,* a mania

musical do violoncellista; noutra ainda, *O Realejo da Monarchia,* o gordo soberano, que, segundo o caricaturista, *soletra mas não bracceja,* moe a estafada aria constitucional.

Da real familia, quem mais sympathias merece a Bordallo é a rainha, que elle proclama como «o vulto mais sympathico da realeza», cuja mão oscula na pagina dedicada ás *Festas do real anniversario,* e contra a qual só muito de raro em raro investe, como no dyptico *É assim...,* onde a figura viajando, sacando e endossando como um anjo, ou na *Caridade em monopolio* do ultimo numero do *Antonio Maria,* todo elle, de resto, marcado pelo azedume proveniente da cessação subita do jornal.

A Redacção do *Antonio Maria*

D. Fernando não podia tambem queixarse. Quer o figure de capa de asperges no *Lava-pés politico,* quer vestido de chinez, offerecendo o chá que plantara na Pena, Bordallo trata-o amavelmente, pois as suas preoccupações d'artista lhe mereceram sempre o respeito que, nos *Pontos nos ii,* lhe protestou por occasião da morte.

Com D. Augusto, já o mesmo não succedia. O menos que lhe chama é *Hercules aza de mosca,* recorrendo de uma vez, para o retratar, ao simples contorno calligraphico de alguns dos nomes e aos muitos etc., etc. da sua interminavel lenga-lenga onomastica, que lhe sugere este commentario: *Levou mais tempo a baptizar do que a chegar a general.*

D. Carlos, o «Principe Simão», começa no *Antonio Maria* a tentar o lapis de Bordallo, que o desenha aqui como aprendiz de sapateiro, a estender a massa da popularidade durante a curta ausencia do pae, e mais além, como um *morgado feliz*, muito espantado com os innumeros *cães* do seu patrimonio.

Em seis annos de existencia, a primeira série do *Antonio Maria*, graças á instabilidade ministerial que sempre, mais ou menos, tem caracterisado a politica portugueza, atravessou varias situações regeneradoras e progressistas, gozando hoje da mais ampla liberdade de crítica, para ámanhã se vêr crivado de querellas.

De todas essas alternativas politicas, ha o perfeito reflexo no jornal de Bordallo, que, apezar do seu brilho e do seu exito, nunca logrou ter vida perfeitamente desafogada. «... com o *Antonio Maria* — escreveu Mariano Pina na *Illustração* — dava-se um caso curioso. Hoje os *progressistas* applaudiam-no ás mãos ambas — porque era o sr. Fontes que estava no poder. No dia immediato ia para lá o sr. Braamcamp, e os *progressistas* pediam a forca para Raphael Bordallo! Quasi se pode dizer que havia na administração do jornal dois grandes turnos d'assignantes — *regeneradores* quando os *progressistas* estavam em cima; e *progressistas* quando em cima estavam os *regeneradores*» (¹).

Contempladas hoje, muitas das caricaturas do *Antonio Maria* parecem-nos inoffensivas. Bordallo poucas vezes transgrediu a norma estabelecida na *Introducção* do segundo volume: *Piparotes nas instituições, cartuchos de pós nos poderes constitucionaes, mascarrando com cortiça queimada — todas as vezes que se offerecer ensejo — os altos poderes do estado.* Isso não impedia que se desvirtuasse inteiramente o caracter, o significado e o alcance da sua arte: arte admiravel que, não obstante a sua excellencia, muitos, a quem só a intriga politica interessava, começavam por não reconhecer ou suspeitar.

Lamentando o desapparecimento do *Antonio Maria*, por elle justamente considerado «uma obra d'arte», e anathemisando o estulto mal-entendido da opinião portugueza a seu respeito, Ramalho Ortigão encarregou-se de dizer alguma coisa sobre o agrado que certas suas paginas, referentes a personagens estrangeiras, haviam merecido lá fóra: «Onde ninguem sabe o nome do sr. Fontes, nem do sr. Braam-

---

(¹) A ILLUSTRAÇÃO. Vol. II. N.° 4. Paris 20 de Fevereiro de 1885.

camp, nem do sr. José Dias Ferreira, no *foyer* da Opera em Paris, no *foyer* da Comédie Française, no *foyer* do Palais Royal, em Covent Garden, em Londres, no Scala de Milão, em Florença e em Roma, em S. Petersburgo, em Stockolmo, em Vienna, em Amsterdam, em Bruxellas, em New-York, na Havana, o *Antonio Maria* tem sido visto e folheado entre sorrisos e applausos pelos primeiros artistas de theatro de todo o mundo.

«Não ha côrte onde alguma vez, ou fôsse levado por um principe, ou fôsse levado por um embaixador, elle não entrasse, o não vissem, e não procurassem solettrar o seu nome.

«Em todas as academias e em todas as bibliothecas da Europa ha, mais ou menos completa, noticia de que elle existe.

«Em pequenas e obscuras tabernas inglezas, onde nunca penetrou outra qualquer palavra da nossa lingua, encontra-se affixado na parede o titulo do *Antonio Maria,* ou o do *Album das Glorias,* sobreposto á caricatura do principe de Galles ou da rainha de Inglaterra.

«Ao passo que o sr. Bowles, do *Vanity Fair,* me escrevia de Londres, pedindo-me as caricaturas da familia real portugueza, feitas por Bordallo, para o famoso jornal inglez, o sr. Virchow, na primeira pagina de uma memoria apresentada á Sociedade de Anthropologia de Berlim, exprimia-se nos seguintes termos, litteralmente traduzidos do original allemão: *Ás pessoas que não conhecem os membros do congresso, recommendo os n.os . . . do* Antonio Maria, *espirituosa folha litteraria, a qual, em caricaturas de um exito fóra do commum, relata as circumstancias e os pormenores do congresso com uma liberdade de exame de que nós outros, apesar do successivo desenvolvimento da nossa imprensa, não temos por emquanto exemplo algum*» (1).

Simultaneamente com os homens de governo, Braamcamp, Lopo Vaz, Hintze Ribeiro, «o homem que não ri», José Luciano de Castro, Julio de Vilhena, Rodrigues Sampaio, Barros e Sá, Manuel d'Assumpção, Sanches de Castro, João Chrysostomo de Abreu e Souza, Antonio Augusto d'Aguiar, Thomaz Ribeiro, Marianno de Carvalho, etc., Raphael Bordallo caricatura os homens da opposição e os homens do nascente partido republicano.

Por temperamento e convicção, Raphael Bordallo ama e defende a Republica, trabalhando por ella, como nas eleições de 1881, em que

---

(1) Ramalho Ortigão. As FARPAS. (2.ª edição). Tomo IX.

publicou tres numeros de uma especie de lista republicana, intitulada *O Voto Livre*, com os retratos de Magalhães Lima, Manuel d'Arriaga e Silva Lisboa.

No emtanto, elle é, antes de tudo, um artista, e só excepcionalmente sabe vergar-se ás exigencias disciplinares de um partido, seja elle qual fôr. Pregoando a liberdade, não abdica da sua livre opinião.

No programma do *Antonio Maria* consignava-se muito claramente: «. . . deve confessar que não vem possuido do extremo desejo de derribar as instituições vigentes ainda este mez, não só porque isso faria algum transtorno ás referidas instituições, mas tambem porque lhe faz conta que ellas assignem primeiro».

20 reis — 20 reis

O VOTO LIVRE

por BORDALLO PINHEIRO

MAGALHAES LIMA

Com todo o enthusiasmo, toda a sinceridade, toda a honradez, toda a persistencia d'um rapaz compenetrado d'uma ideia nobre e elevada!

Um numero do *Voto Livre*

E numa pagina prophetica, *A Grande Obra*, representando o rei e os politicos a esculpirem, cada um, a sua estatua da Republica, o artista desenhou-se a um canto, amassando do barro do *Antonio Maria* um modesto busto de gorro phrygio, com esta declaração: *Não a faço, nem a desfaço, antes pelo contrario.*

Por isso, ao lado de desenhos que foram das mais efficazes paginas de propaganda democratica que em Portugal se compuzeram quer pelo lapis, quer pela penna, outras ha, no mesmo *Antonio Maria*, onde o caricaturista se mostra um pouco sceptico, senão já desgostado, com o excessivo palavreado dos demolidores, a que consagra a memoravel *Rethorica — Phyloxera da Politica.*

Para Bordallo, os politicos monarchicos eram «animaesinhos azues e brancos andando ás arrecuas». Por maiores louvores que os politicos d'outra cor lhe merecessem em muitas paginas de fervorosa homenagem, era para o povo que elle invariavelmente appellava. O protagonista das grandes paginas republicanas de Bordallo, como *O que pode ser, Amor da patria, O dia de Reis, O movimento eleitoral*, etc., nunca

deixa de ser o *Zé Povinho*, em cujo ponta-pé libertador elle mostra confiar mais esperançosamente do que nos tropos redundantes dos tribunos.

Ao typo glorioso do *Zé Povinho*, conto poder referir-me em capitulo especial. Por conseguinte, e para concluir esta resenha do *Antonio Maria*, accrescentarei que Bordallo fez nelle a chronica pittoresca, não só da vida politica, como da vida social e artistica portugueza.

Nenhum dos grandes ou pequenos acontecimentos do periodo que vae de 1879 a 1884 ficou sem registo: os centenarios de Camões e de Pombal, a visita do rei de Hespanha a Lisboa em 1882, a Exposição agricola da Tapada em 1884, o projecto da Avenida da Liberdade, a canalisação do Alviella, etc.

A despedida de Bordallo ao Fontes no ultimo numero do *Antonio Maria*

Algumas interessantissimas paginas concernem ás lettras ou ás artes, como as que se referem a Camillo, á Princeza Rattazzi, ao *Mandarim* de Eça de Queiroz, a João de Deus, ao centenario de Calderon, á Exposição de arte ornamental, ao *Portugal Contemporaneo* de Oliveira Martins, ou á estada de Julio Verne em Lisboa.

Relativamente aos theatros, é raro o numero em que se lhes não reservam paginas inteiras, desde Antonio Pedro a Virginia, de Delphina a Rosa pae, de Tony Grice á Paladini, do Tamagno a Sarah Bernhardt, da nariguda Borghi-Mamo á endiabrada Judic, da De Reské ao Gayarre.

Como sabemos, *O Antonio Maria*, que na sua primeira série teve como principaes collaboradores litterarios Guilherme d'Azevedo, a cuja morte Bordallo assistiu em Paris, Ramalho Ortigão e *Pan-Tarantula*, encetou a publicação em 12 de Junho de 1879. Em Abril de 1881, sahia o primeiro numero do *Album das Glorias*, a cujo valor artistico já fiz referencia, e que, com grande irregularidade, se arrastou, por trinta e seis numeros, até Janeiro de 1883.

Em Janeiro de 1885, Bordallo, decidindo continua-lo, funde-o com

O Antonio Maria, que, recomeçando a numeração, passou a denominar-se *Antonio Maria-Album das Glorias*, mas d'esta segunda phase do album e do jornal apenas se publicaram tres numeros, com as estampas a cores de Fides Dévriès, Silva Lisboa e D. Carlos. No terceiro numero Bordallo resolveu intempestivamente abandonar o jornalismo.

Motivara essa deliberação o facto de, numa reunião de jornalistas, elle haver proposto que, em signal de protesto contra a prohibição do bando precatorio organisado pela imprensa a favor das victimas dos terramotos da Andaluzia, todos os jornaes deixassem de se publicar durante oito dias. Houve então alguem que se lembrou de dizer que, sendo semanal, o jornal do proponente era o unico que não ficaria prejudicado com o alvitre. Tanto bastou para que, desejando provar como sabia esquecer os seus interesses, Raphael Bordallo sacrificasse, de um dia para o outro, *O Antonio Maria*, que mais tarde, como veremos, haveria de resuscitar.

O gato do *Antonio Maria*

Da capa do *Diario de Noticias Illustrado* Natal de 1899

VII

Dos «Pontos nos ii» á «Parodia»

Vinheta da capa dos *Pontos nos ii*

A cessação intempestiva do *Antonio Maria* obedecera a um simples capricho de occasião. Aplacado o momentaneo resentimento, não passaram quatro mezes sem que Bordallo tornasse ao jornalismo, pois o comico desfiar da actualidade politica, theatral ou citadina, e o contacto semanal com o grande publico constituiam, para elle, uma verdadeira necessidade, a que só a contra-gosto se furtava.

Tem a data de 7 de Maio de 1885 o numero-programma dos *Pontos nos ii,* cuja apresentação dizia assim:

«Ora aqui me teem outra vez.

«Sou a *Maria,* a viuva do *Antonio,* aquelle que ha tres mezes deitou nariz comprido, enviesou os olhos e morreu embisoirado e triste como o sr. Hintze Ribeiro ou como o homem da laranja da China.

«Pobre *Antonio!* Eu bem me cancei de lhe aconselhar que deixasse correr o marfim e fosse rindo de tudo e de todos, porque o contrario seria o mesmo que querer indireitar as pernas aos cães...

«Mas elle tinha aquelle maldito vicio de *indireita* encasquetado no miolo — e lá o levou para a cova, sem indireitar cousa nenhuma...

«Agora que já vão passados os tres mezes de luto rigoroso — porque eu, na minha qualidade de accionista dos Recreios, não devo pagar senão meio preço ao tributo da saudade — agora, já posso atirar para as costas

> O veu de negro lemiste
> Com que, n'um pezar profundo,
> Andava a fingir-me triste
> E quasi posta na espinha,
> — Como faz por esse mundo
> Tanta gentil viuvinha...

«Tristezas não pagam dividas, e estou portanto resolvida a fazer hoje sósinha o que, durante uma lua de mel de seis annos e meio, fiz na companhia do meu rico *Antoninho:* rir, rir sem descanço, de bocca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos que por ahi fervilham como formigas n'um assucareiro.

Primeira pagina dos *Pontos nos ii*

«*Pontos nos ii* é a minha divisa; mas *pontos nos ii* como eu os entendo, isto é, admiração ingenua pelos poderes constituidos e estupefacção capital pela pessoa do sr. Fontes, que tem dado tanto lustro ao paiz como o engraxador da travessa da Assumpção costuma dar nas palhetas dos freguezes!

«Aquelle idiota do meu marido, que Deus haja, não pensava senão em patriotismos, ao ponto de me parecer ás vezes que tinha mettido em casa o Lobo da *Patriota,* ou a D. Filippa de Vilhena armando os filhos cavalleiros!

«Ora isto de patriotismo vae n'uma tal *aegringolade,* como se diz na terra do snr. Paulus (não confundir com o Paulos de Belem) que eu resolvi não mostrar o meu patriotismo se não no dia em que o *Povinho* tiver outra vez nas unhas a *pedreneira* da *Maria da Fonte*...

«D'aqui até lá vou passar a vida a rir; e tão arreigada me creio n'este proposito que, se alguma vez sentir encrespar-se-me o sobrolho, corto o mal pela raiz, chamando o barbeiro da esquina para me rapar as sobrancelhas á navalha...

«É n'estas galhofeiras disposições que hoje me vêem «na presença do publico illustrado», a quem peço venia para patenteiar — em doses o mais homœpaticas possivel — todos os patuscos acontecimentos de que tomei nota no canhenho do meu *Antonio*, desde o dia em que elle foi chamado a baixo.

«E, sem mais,

MARIA
Uma sua creada»

Com excepção do titulo, *Os Pontos nos ii* são, em tudo o mais, uma verdadeira continuação do primeiro *Antonio Maria*, e nelles figuram algumas paginas admiraveis de graça e de intenção, como as que se intitulam *O Cyrio progressista, A Romaria, Sempre a mesma musica, A Gaita do imposto, A Morte de Goliath, Uma partidinha de assalto, A Ama do Bébé, etc.*

Fontes, D. Luiz, Mariano de Carvalho, o Marquez de Vallada e o *Zé Povinho* apparecem ahi em inolvidaveis attitudes.

Vallada fornece o thema á *Aurora do Bailio em Braga,* inspirada em Guido Reni, e a mais chistosa de quantas imitações de obras celebres Raphael Bordallo realizou.

Bordallo e o seu gato
Dos *Pontos nos ii*

Com a sua fleugma e o cigarrinho brejeiro ao canto da bocca, Mariano de Carvalho revive flagrantemente, quer na *Confissão,* aos pés de D. Luiz, quer como *Peixeira da Casa Real,* ou como chapeleiro eleitoral, quer ainda na significativa allusão *Como se vinga um rei*. Fardado de conselheiro, o brilhante jornalista do *Diario Popular* ouve a sua penna lamentar-se d'este modo: — *Ai que pena! dis a penna; já te não sirvo para*

não . . . Agora, só se me utilisares enfeitando commigo o teu chapeu armado . . .

Uma das sinas dos *Pontos nos ii* foram as commemorações funerarias: em 1885, a de D. Fernando, a proposito de cujo testamento Bordallo pintou toda a real familia a ver navios; em Janeiro de 1887, a do Fontes, que, mezes antes, o caricaturista desenhara como tendo ido marcar o seu logar em Runa; em 1889, cabe a vez a D. Luiz, e a proclamação do novo monarcha origina a famosa pagina *D. Carlos I, o ultimo.*

A Revolta do Porto
(Do ultimo numero dos *Pontos nos ii*)

Durante a publicação dos *Pontos nos ii* vae Bordallo deixando-se attrahir cada vez mais por outra das actividades artisticas em que marcou primacial logar: a ceramica.

Não entra no plano d'este ensaio o estudo do faiancista e do louceiro, mas sempre direi que a derivação do desenhista para esse novo campo nada tem de illogico. Se, para o esculptor, o homem é de pedra, para o caricaturista não deve passar de barro. Que muito, portanto, que a argilla seduzisse irresistivelmente esse grande constructor de bonecos?

Já anteriormente, Honoré Daumier, que elle tanto admirou, levava para a Camara Franceza humidos pedaços de barro a que vigorosamente tratava de imprimir as feições dos parlamentares mais em evidencia, que depois litographaria ainda com mais vigor.

Os *Pontos nos ii* são contemporaneos da fundação e do desenvolvimento da fabrica das Caldas da Rainha, e dava-se, com essa circumstancia, o facto inevitavel dos que mais se arreceiavam do lapis do caricaturista começarem a tentar pôr do seu lado o ceramista.

Para o Bordallo das caricaturas, o Bordallo das louças das Caldas, necessitado de zelar os interesses da sua nascente industria, constituiu

sempre um perigoso inimigo, pelo tempo que lhe roubava e pelas contemplações a que, pouco ou muito, o obrigava. Isso explica a menor intensidade do seu trabalho no jornal, onde seu filho passou a collaborar assiduamente.

Muitas das paginas dos *Pontos nos ii* resentem-se até da circumstancia do seu auctor as desenhar nas Caldas, tendo Manuel Gustavo de as transpor depois para a litographia, de modo que, apezar do religioso respeito com que essa missão era cumprida, o traço resultava um pouco equivoco e impessoal, perdendo, forçosamente, a espontaneidade e a frescura tão caracteristicas dos bons desenhos de Bordallo.

Primeira pagina do *Antonio Maria*
(2.ª série)
(Desenho de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.)

Á phantasia exuberante do oleiro audacioso consorciava-se a do inventivo decorador. D'ahi provieram varias decorações apreciadissimas, como, em 1889, a do pavilhão de Portugal na Exposição de Paris, archivada num numero especial dos *Pontos nos ii.*

Nesse mesmo anno de 1889, a questão com a Inglaterra entrou de escurecer o horizonte nacional, e o vibrante patriotismo de Bordallo reaccende-se, indignado, não só no jornal, como na illustração de varios opusculos anti-britannicos, entre os quaes *A Marcha do odio,* de Junqueiro, sendo tambem obra de Bordallo o emblema da commissão da grande subscripção nacional.

A 31 de Janeiro de 1891 produz-se a revolta do Porto, cujo mallogro o caricaturista commenta numa pagina desanimada do ultimo numero dos *Pontos nos ii.* Sahido em 5 de Fevereiro, esse numero era o 293, precisamente o mesmo em que terminara a primeira serie do *Antonio Maria.* Motivou a cessação o artigo de Fialho d'Almeida *(Irkan)* intitulado *Gloria aos vencidos,* e incurso, pelo calor do seu protesto, nas penalidades da censura.

Um mez depois, a 5 de Março, resuscitava, com o n.º 294, *O Antonio Maria*. O seu programma, onde humoristicamente se relatava o succedido com as duas publicações precedentes, finalisava com o seguinte *post-scriptum*, que diz bem dos propositos moderados de Bordallo:

«*P. S.* — Relendo o que deixamos escripto, acode-nos a ideia de que já com esta é a terceira vez que annunciamos ao publico que vamos rir e que nunca nos havemos de zangar. E acabamos sempre por nos zangar, convencidos de que poucas vezes chegámos a rir. Pedimos, pois, aos acontecimentos a fineza de nos fazerem cocegas, ao menos uma vez por mez.»

Musa inspiradora
Do *Antonio Maria*

Neste segundo periodo, que se protelou até Julho de 1898, *O Antonio Maria* teve uma existencia irregularissima, havendo annos em que não chegou a publicar-se um numero cada mez. Ainda assim, a collecção das duas séries comprehende 473 numeros, o que, por emquanto, é caso unico numa publicação humoristica em Portugal.

No segundo *Antonio Maria*, Raphael Bordallo, cada vez mais preoccupado com a sorte atribulada da sua fabrica de faianças, evita bastante as alusões á politica, de que parece sentir-se fatigado. São raras as paginas d'esse caracter que lá deixou.

Em compensação, ha algumas magnificas composições de homenagem, dedicadas, sobretudo, a grandes artistas theatraes, como Sarah Bernhardt, Novelli e Duse.

Para Eleonora Duse, desenhou tambem Bordallo o cabeçalho de um numero unico que lhe foi offerecido em 1898; desenho esse aproveitado depois por Luigi Rasi, para abrir o seu livro *La Duse*.

Apoz o curto intervallo de pouco mais de um anno, o caricaturista, que, pouco havia, regressara da segunda viagem ao Brasil, lança o ul-

timo dos seus jornaes — *A Parodia* - cujo primeiro numero sahiu a 17 de Janeiro de 1900, e onde collaboraram numerosos desenhistas, entre os quaes Celso Herminio, sendo seus principaes redactores João Chagas, Julio Dantas e Camara Lima.

Era o seguinte o seu programma:

«Os portuguezes são essencialmente conservadores. Por muito que esta opinião possa suprehender o nosso collega Magalhães Lima, não é menos certo que se nós mudamos com frequencia de fato, nos recusamos obstinadamente a mudar de idéas, o que faz com que em Portugal a fortuna sorria mais aos alfayates como o sr. Amieiro do que aos evangelistas como o sr. Theophilo Braga.

Primeira pagina da *Parodia*

«Se somos inquestionavelmente um paiz de janotas, estamos longe de ser um paiz de reformadores.

«Assim, o nosso primeiro embaraço ao emprehender esta publicação é familiarisar o publico com a idéa de que já não se chama o *Antonio Maria* o jornal que tem agora na mão, porque o publico, conservador e rotineiro, quereria ver perpetuado no tempo e na galhofa, aquelle titulo que ficou pertencendo a uma epocha que desappareceu e que por isso fez o seu tempo.

«Porquê? — o que era o *Antonio Maria?*

«O *Antonio Maria*, meus senhores, foi a Regeneração, o Fontes e a sua Agua Circassiana, o Avila e o seu *cache-nez*, o Sampaio e os seus pamphletos, o Arrobas e os seus editaes, o Passeio Publico e o lyrismo do sr. Florencio Ferreira, a sr.ª Emilia das Neves, a «Judia» e os Recreios Whitoyne, mundo findo, mundo morto, de sombras, espectros, mumias, onde só poderiamos estar á vontade sob a condição de termos desapparecido com elle, o que não é evidentemente um facto.

«Ficarmos dentro do *Antonio Maria* seria ficar dentro de um museu, na situação de um velho guarda mostrando á curiosidade do seu tempo os despojos de uma epocha passada.

«*A Parodia* é outra coisa, como o tempo é outro.

«O *Antonio Maria* foi um homem. Quando muito, foi uma familia.

«*A Parodia* — dizemol-o sem receio de ser immodestos — somos nós todos.

«*A Parodia* é a caricatura ao serviço da tristeza publica. É a Dança da Bica no cemiterio dos Prazeres».

Já um pouco fatigado de tanto labutar, Raphael Bordallo declarava ter fundado *A Parodia* para seu filho, mas o certo é que, nessa sua derradeira affirmação, o talento do grande mestre se nos ia mostrar sob um novo aspecto, e dos mais interessantes.

Um dos ultimos desenhos de Bordallo: *A Mamã do Janeiro*
Do *Primeiro de Janeiro*

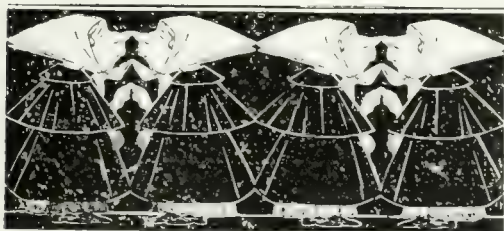
A primeira pagina da *Parodia,* em que, com *A Grande Porca* (A Politica), elle inaugura a curiosa serie de equivalencias zoologicas, a que pertencem, do seu punho, *O Grande Cão* (A Finança), *A Gallinha choca* (A Economia), *O Grande Papagaio* (A Rhetorica parlamentar) e *A Grande Toupeira* (A Reacção), é logo como que um symptoma da phase descoroçoada, ironica, um pouco melancholica e mais profunda, a que devemos paginas tão bellas como *A Ultima Mascara, Confiteor* ou *Ao que chegámos!*

Com a publicação da *Parodia,* haveria Bordallo de realisar a sua despedida da arte, e incontestavel é que o fez com serenidade, elevação e belleza dignas do seu altissimo valor, como quando, em 1903, por occasião da enthusiastica consagração que a Associação dos Jornalistas lhe promoveu, traçou, a seu proprio respeito, a formosissima composição, *Vinte annos depois,* onde se vê o artista já encanecido da *Parodia* pedir, de chapéo na mão, ao desenhista arrogante do primeiro *Antonio Maria* o favor de lhe emprestar o seu lume.

Tambem em 1903, deu-se a fusão da *Parodia* com *A Comedia Portugueza,* fundada por Marcelino Mesquita, havendo Bordallo no

anno anterior tentado, com tres novos numeros, a continuação do *Album das Glorias*.

A Parodia só viria a terminar de vez, com a dictadura franquista, em 1908. O seu fundador, porém, não lhe presenciaria o fim.

Tendo ido ao Porto combinar umas decorações para o futuro Carnaval dos Fenianos, Bordallo voltou de lá adoentado, vindo a fallecer, no seu segundo andar do Largo da Abegoaria, a 29 de Janeiro de 1905.

Da capa do *Diario de Noticias Illustrado* Natal de 1909

NOTA — Segundo o promettido no Capitulo VI, devia seguir-se a este um capitulo especial sobre o *Zé Povinho*. A impossibilidade de exceder mais o espaço previamente marcado a este estudo preliminar forçou, porém, o auctor a, por agora, desistir do seu proposito, que espera poder um dia realisar em separado.

Indice

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

DESENHOS ESCOLHIDOS

I — O Dente da Baroneza — 1870

(Além de Teixeira de Vasconcellos, o auctor da peça, figuram nesta lythographia: á esquerda, Julio Cesar Machado, Dr. Thomaz de Carvalho, Luiz Augusto Palmeirim, Eduardo Coelho e Rodrigues Sampaio; á direita, Ramalho Ortigão, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Gervasio Lobato, Eduardo Vidal, Ernesto Biester e Luciano Cordeiro Ao centro vê se Francisco Palha, que expulsa Offenbach.)

MERCADO de MELÕES.

II — MERCADO DE MELÕES — 1870

O Duque de Saldanha escolhendo ministerio, apoz o golpe d'estado de 19 de Maio

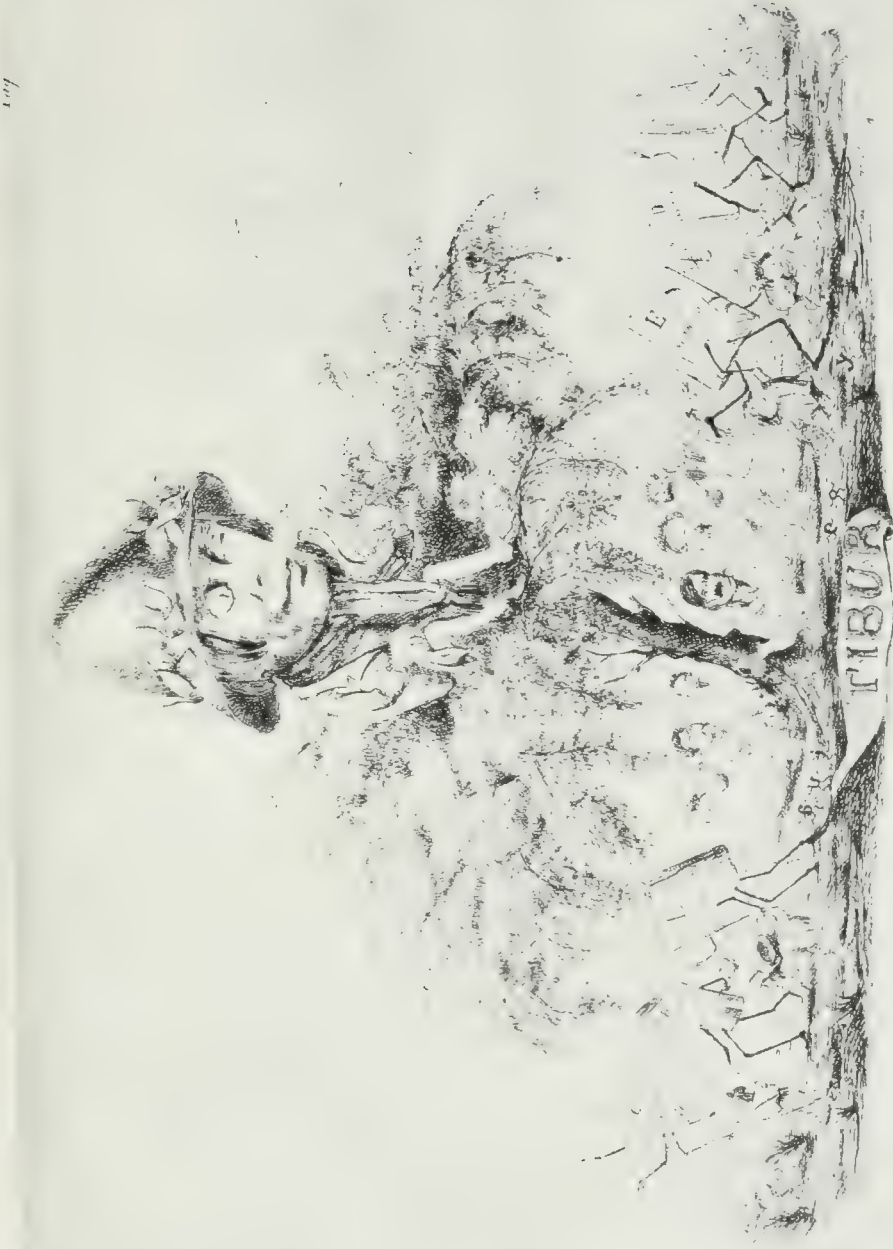
O Calcanhar d'Achilles

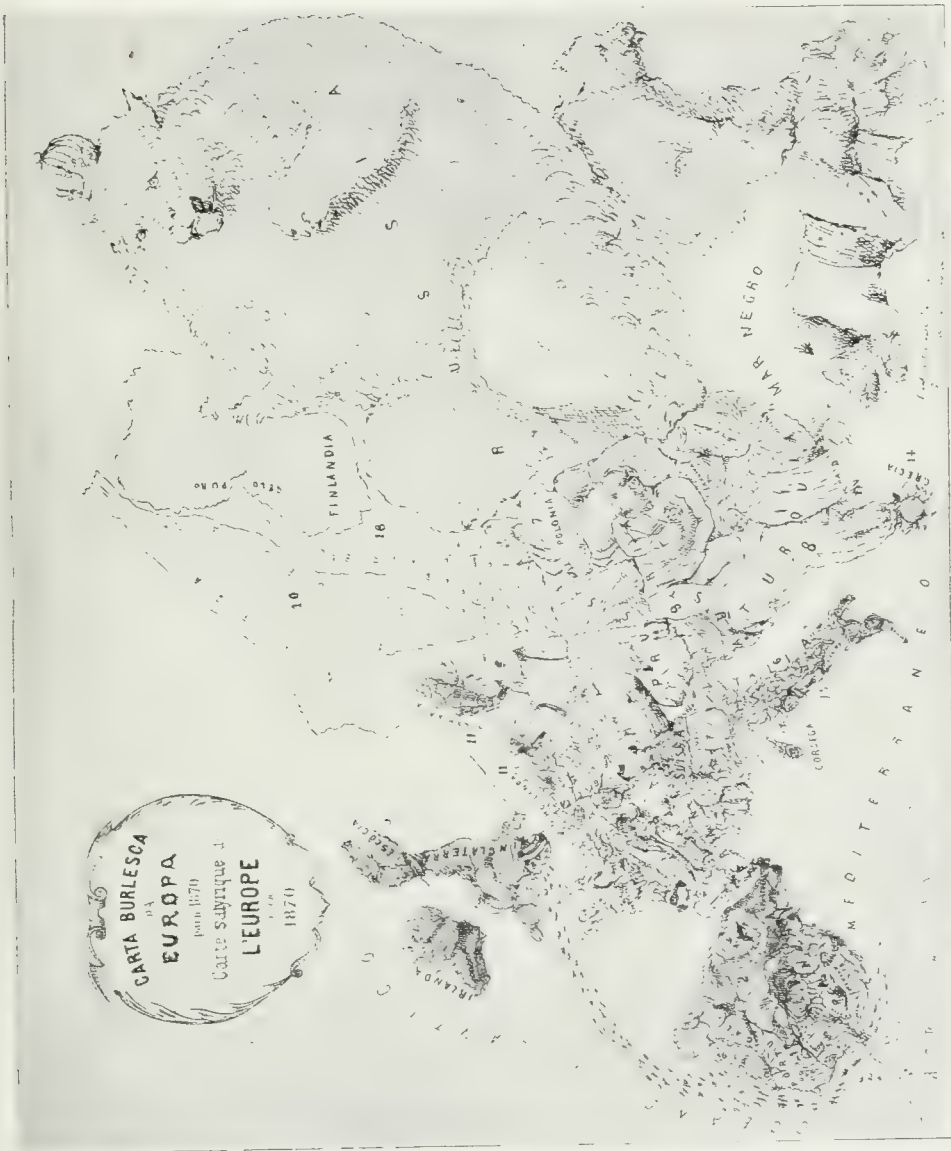
— III Alexandre Herculano despedindo-se da Academia — 1870

Pag 41

IV — Luiz Augusto Rebello da Silva — 1870
(Inedito)

O Calcanhar d'Achilles

V — CAMILLO CASTELLO BRANCO — 1870
(Inedito)

VI — Antonio Feliciano de Castilho — 1870

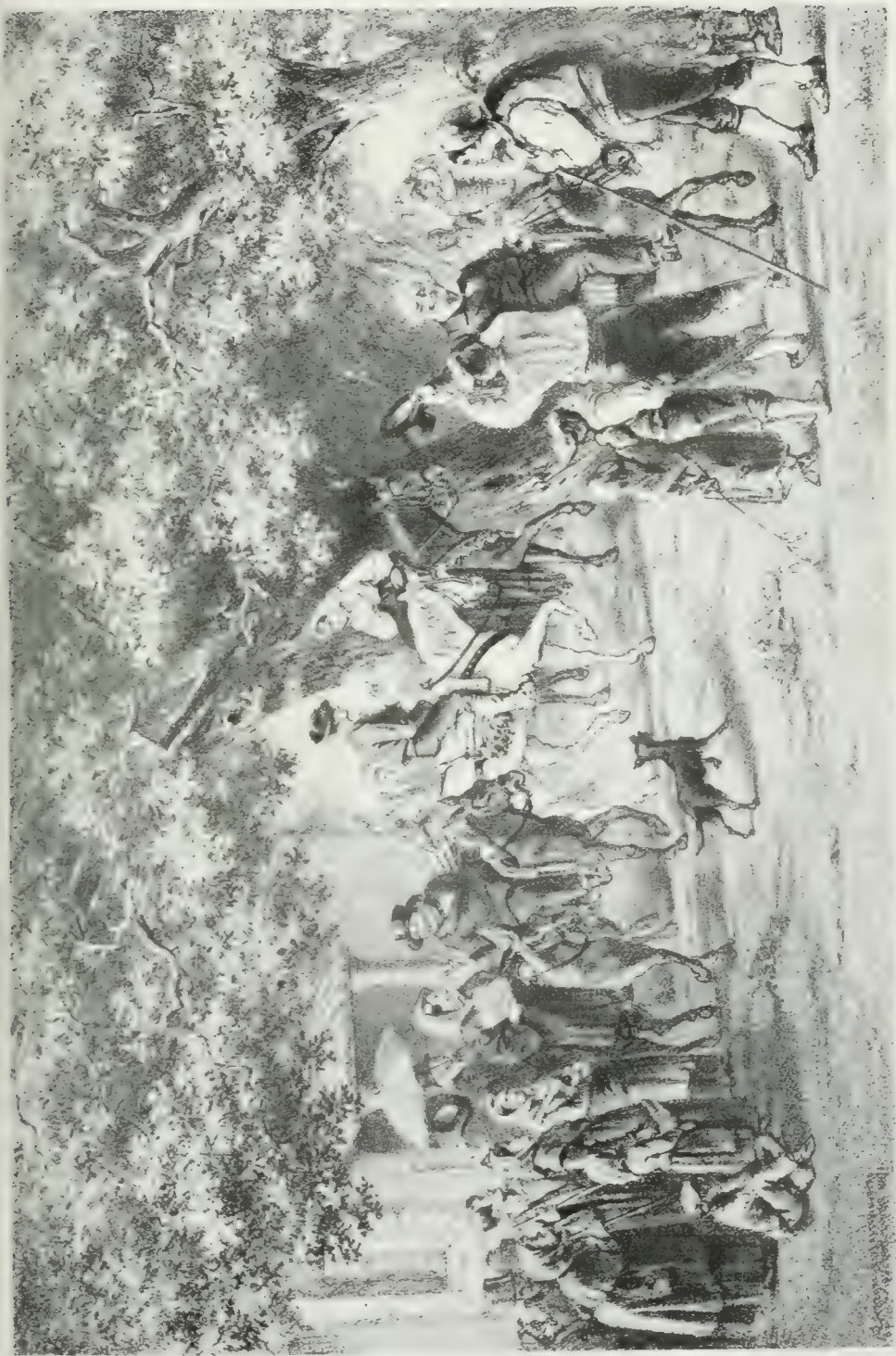
(Inedito)

A Berlinda

VII — Mappa da Europa — 1870

O Binoculo

VIII — PRICE E O SEU CIRCO — 1870

IX — Conferencias democraticas do Casino — 1871

X — BODAS D'ALDEIA — 1871

(Lythographia)

N.º 24 — Madrid 13 de Abril de 1873 — Año II.

EL MUNDO CÓMICO.

SEMANARIO HUMORÍSTICO

Director literario, M. Matoses — Director artístico J. L. Pellicer

TIPOS DE LISBOA. — por Bordallo Pinheiro.

XI — A Coscuvilheira — 1873

NÚM. 90 — AÑO III.

EL MUNDO CÓMICO

RICARDO SEPULVEDA — JOSÉ LUIS PELLICER

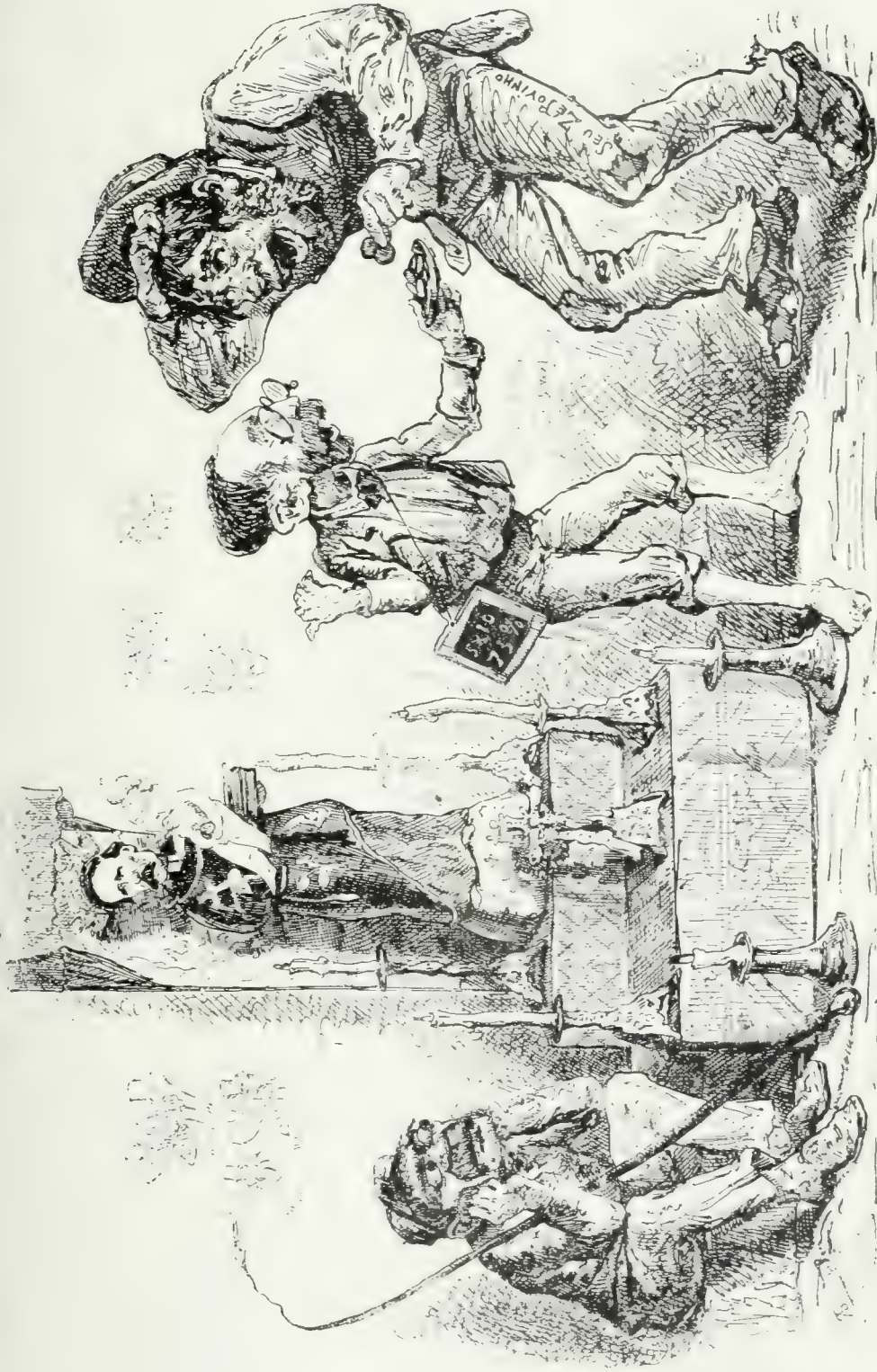
TIPOS DE LISBOA

XII — O Andador das almas — 1874

XIII — Delphina do Espirito Santo — 1873
(Lythographia)

XIV — Rosa Damasceno — 1874
(Lythographia)

XV — João Anastacio Rosa — 1874

XVI — Antonio Pedro — 1874

CALENDARIO PORTUGUEZ

Santo Antonio de Lisboa: — P'rá cêra do Sant'Antó . . .

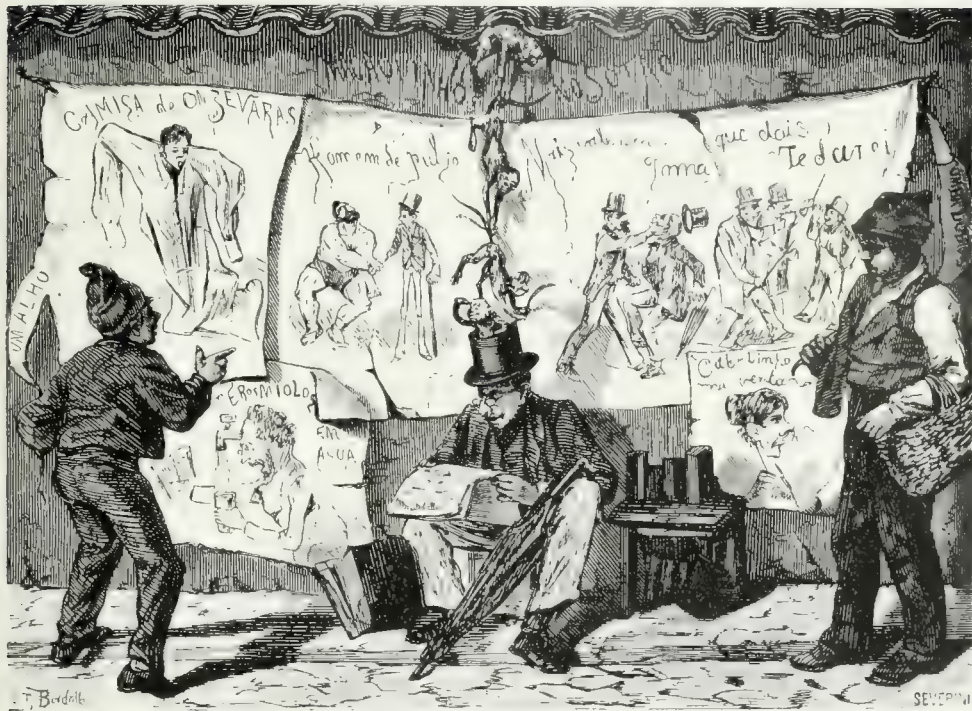
XVII — O PRIMEIRO ZÉ POVINHO — 1875

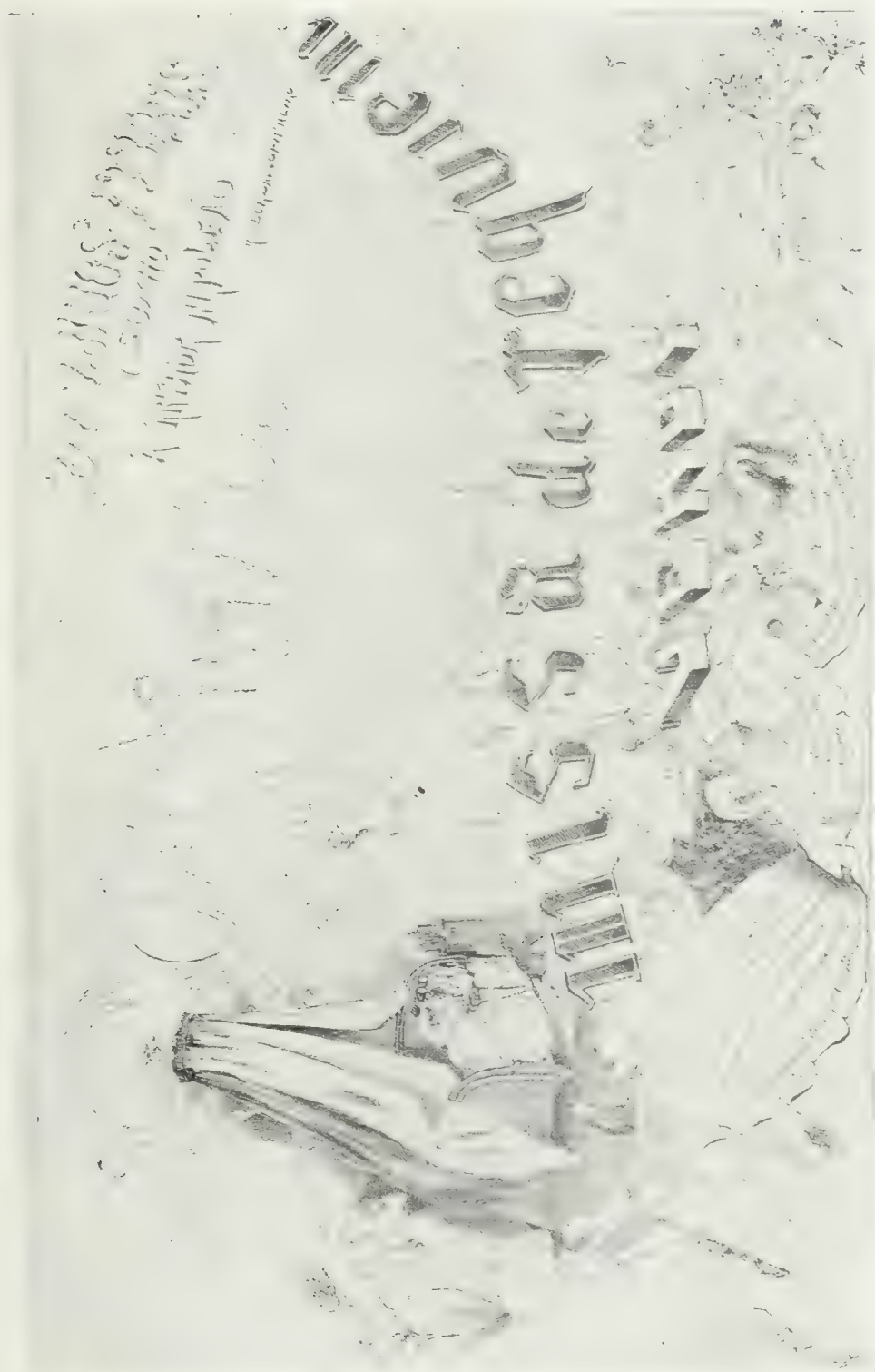
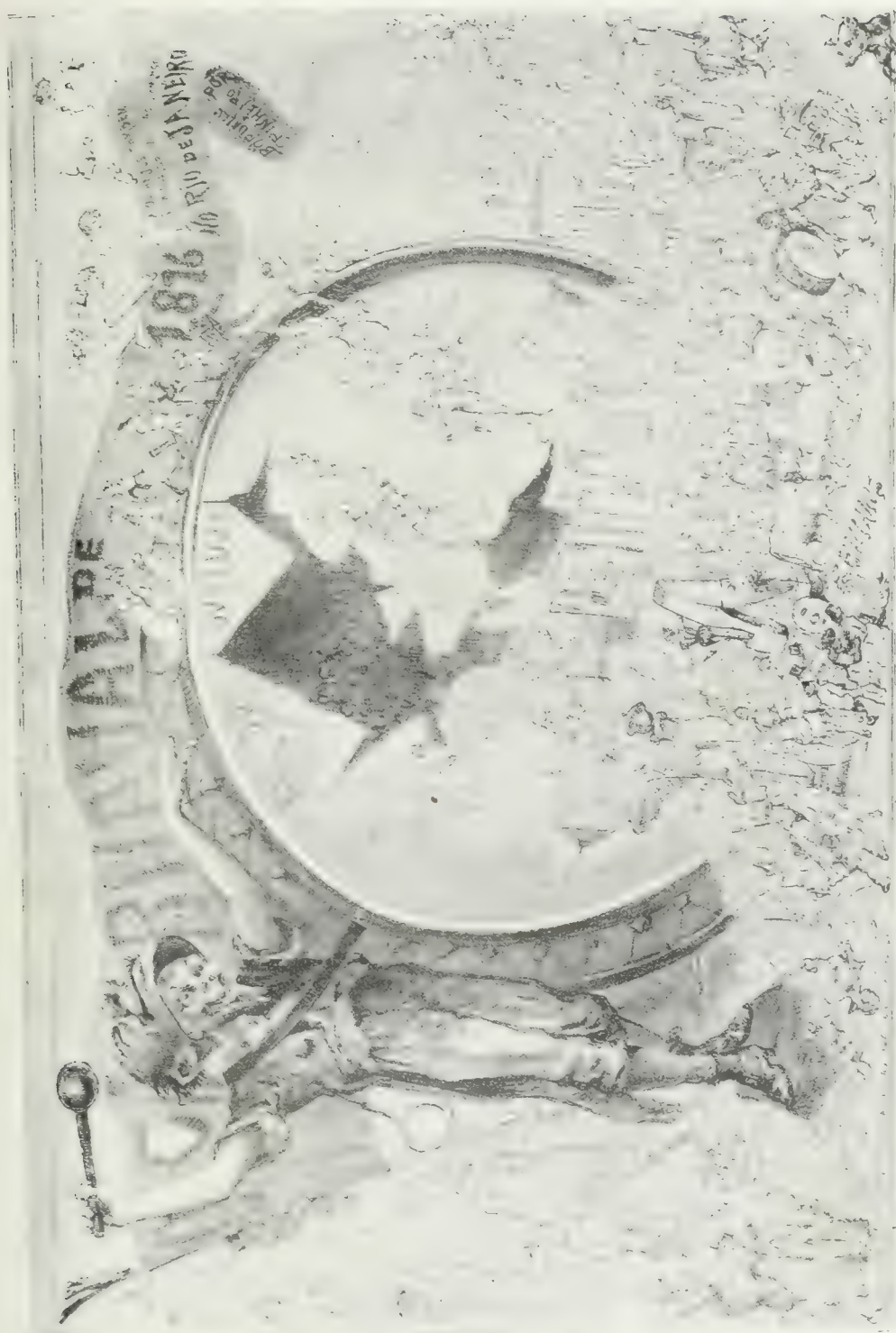
XVIII — «Zé Povinho» Junior — 1875

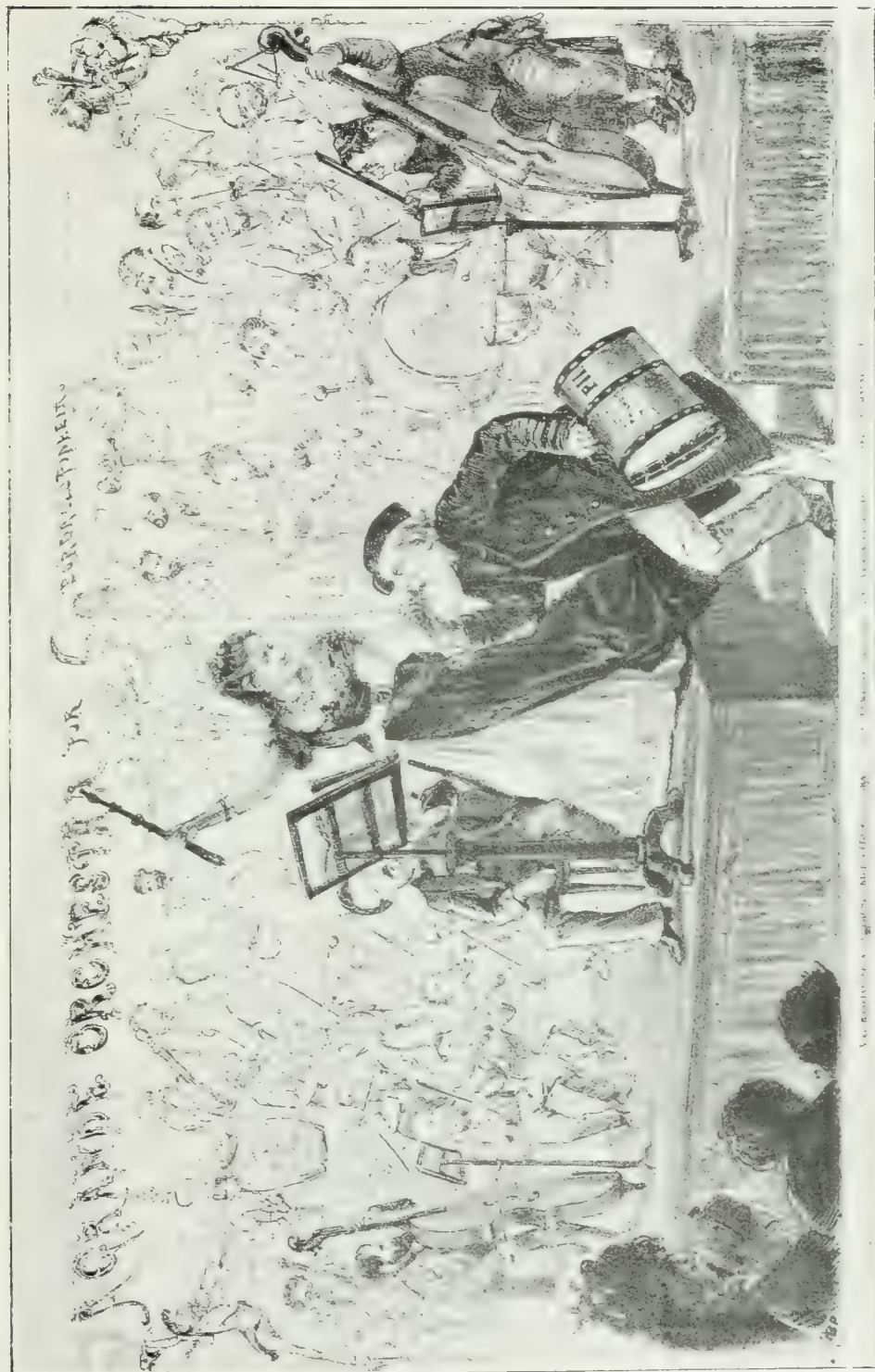
A Lanterna Magica

XIX — O Bispo de Vizeu — 1875

XX — O feroz examinador Padre Amaro — 1875

Phrases e Anexins da Lingua Portugueza

XXI — Macaquinhos no sotão — Um alho — Camisa de onze varas — Homem de pulso — Mais vale um toma, que dois te darei — Tomba-lobos — Ter os miolos em agua — Cabelinho na venta — 1876

XXII — Largar uma piada — Dois pobres a uma porta — Dá Deus nozes a quem não tem dentes — A mulher de bom recato enche a casa até ao telhado — 1876

XXIII MISSA DE REQUIEM 1876

O Mosquito

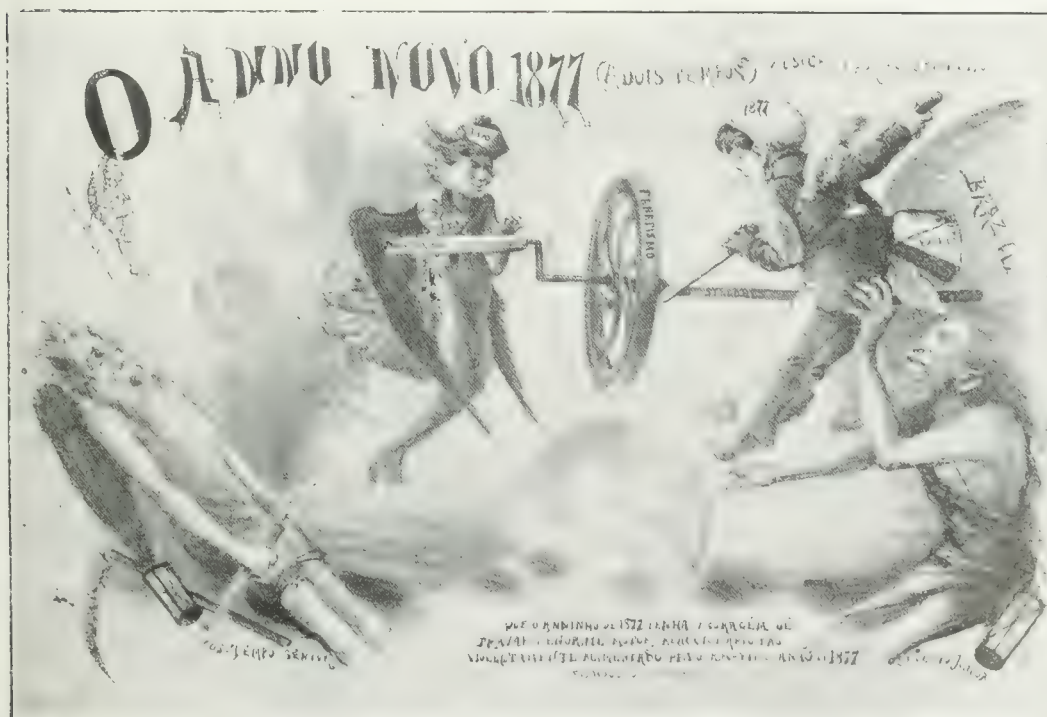
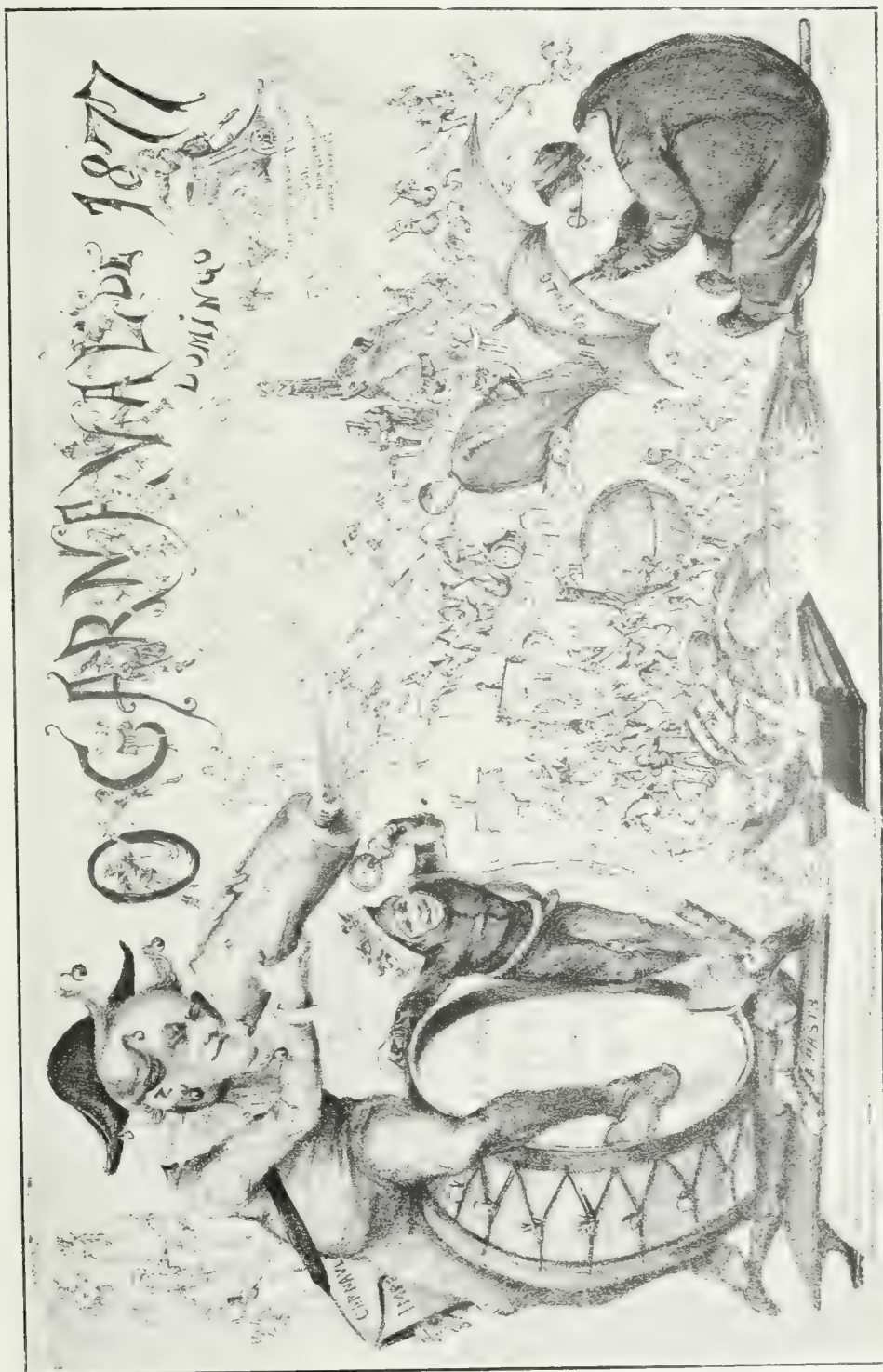
XXIV - CARNAVAL DE 1876

O Mosquito

XXV — A Grande Orchestra — 1876

O Mosquito

XXVI — Um olhar para o passado 1876

O Mosquito

XXVII — A Reacção — 1876

XXVIII — O Anno novo — 1877

O Mosquito

XXIX — CARNAVAL DE 1877

Psit

XXXI — Cyriaco de Cardoso — 1877

XXXII — Volta da Penha — 1877

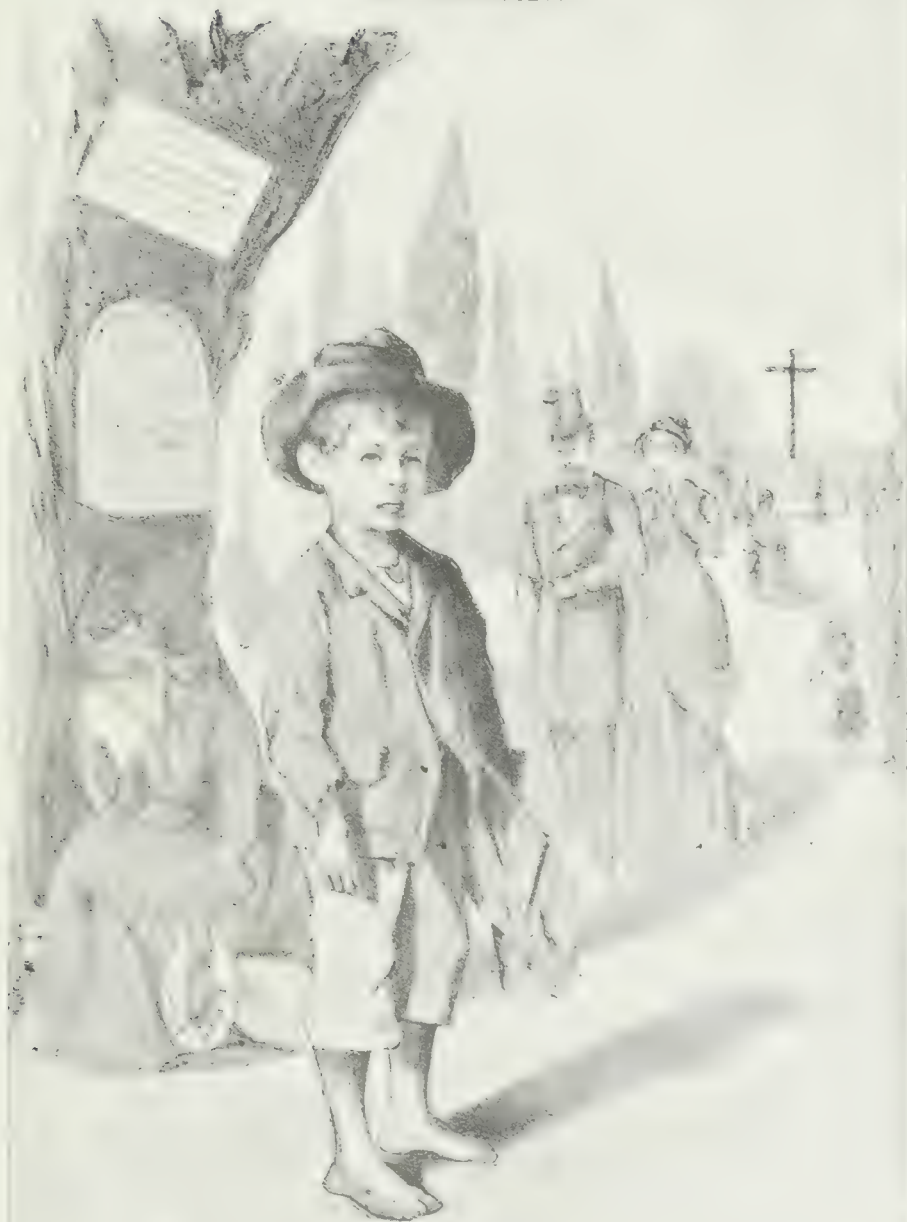
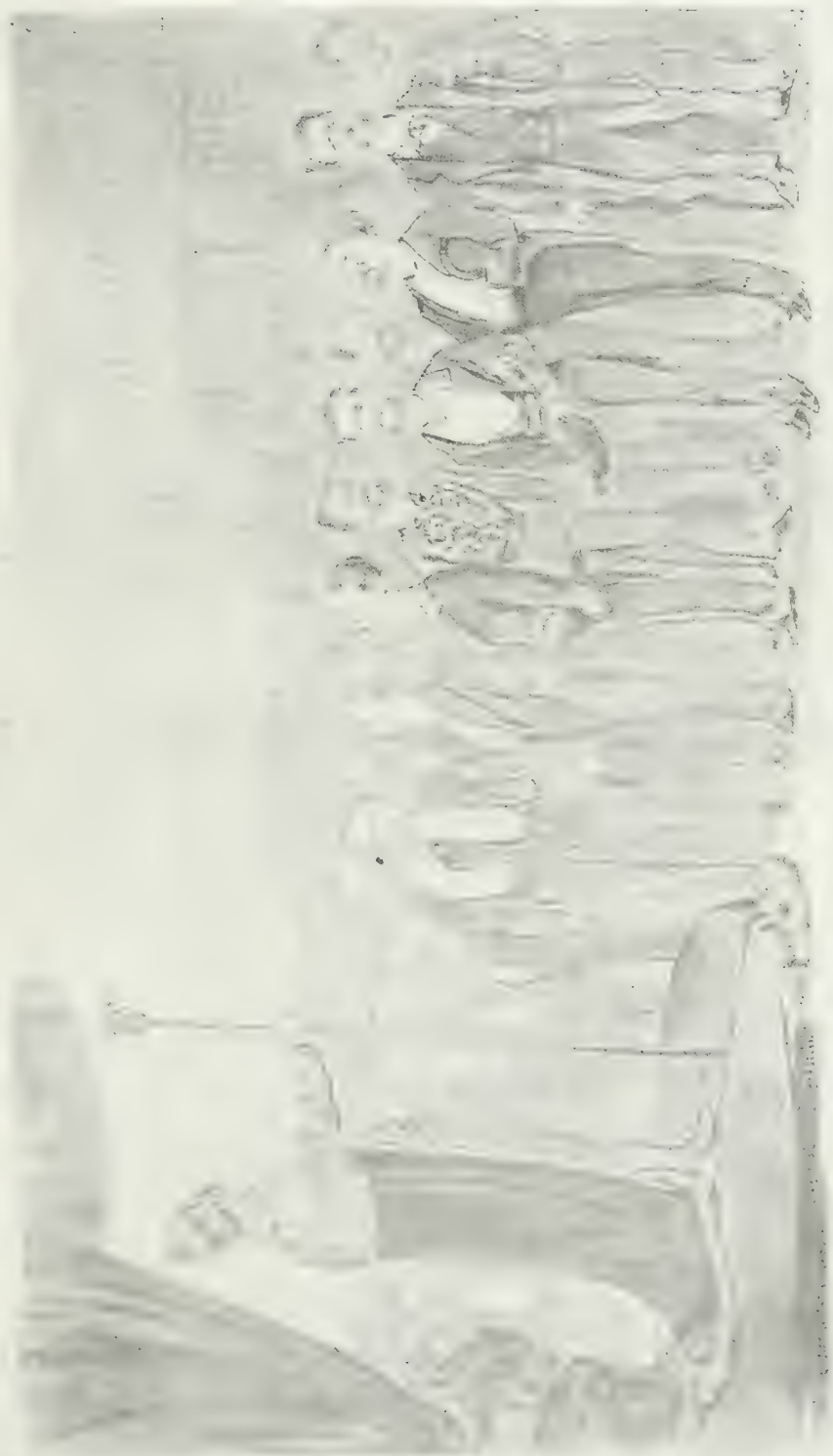
O Besouro

XXIII — Entre o palito e a banana — 1878

O Besouro

XXXIV — A TENTAÇÃO — 1878

O Besouro

XXXV — Dia de Finados — 1878

XXXVI — Abertura das Camaras — 1878

O Besouro

XXXVII — Em casa de Niniche — 1879

XXXVIII — Carnaval — 1879

O Antonio Maria

XXXIX PAGINA CENTRAL DO PRIMEIRO NUMERO — 1879

O Antonio Maria

XL — O QUE É — 1880

11 DE MARÇO DE 1880 — O ANTONIO MARIA — 89

O QUE PÓDE SER

O Zé Povinho transforma-se em Raio atirando com os *apparelhos* ao ar

N. B. — Esta pagina não é dedicada aos frequentadores de S. Carlos

XLI — O QUE PÓDE SER — 1881

O ANTONIO MARIA — 189

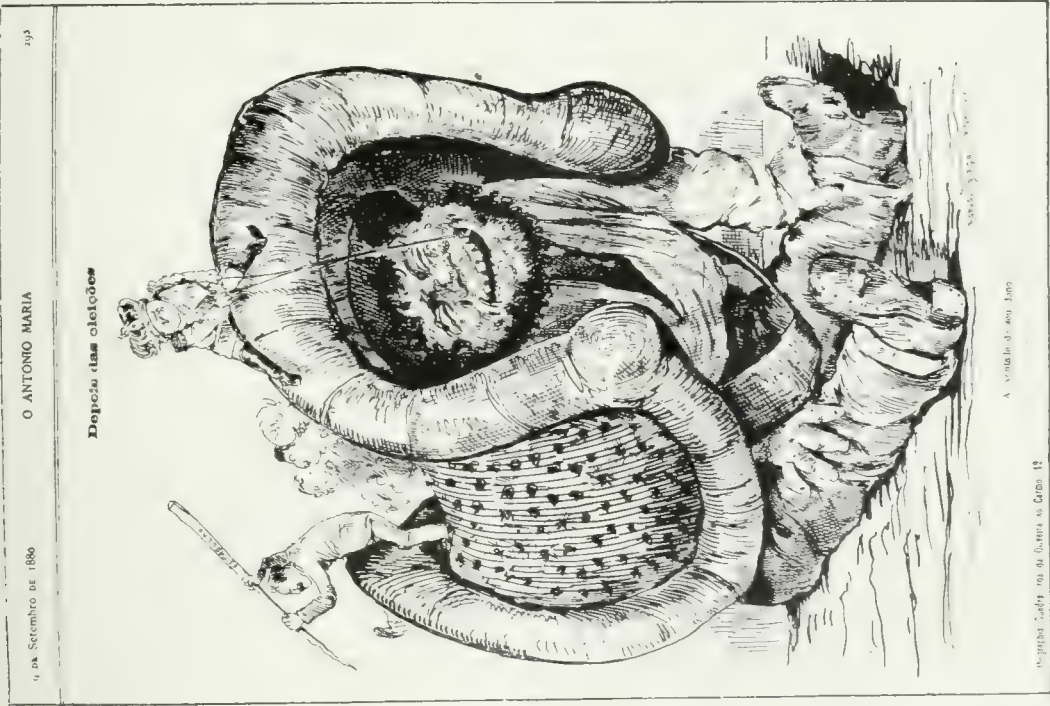
O TRICENTENARIO

Zé povinho chega quasi a convencer-se de que os *Lusiadas* deve ser uma coisa talvez um pouco superior ó

O ANTONIO MARIA

CHRONICA DO CENTENARIO

Camões agradece aos altos poderes do estado não terem ido á sua procissão e terem-n'o feito republicano o que muito ganhou a idea

XLII-XLIII — Paginas allusivas ao tricentenario de Camões — 1880

O Antonio Maria

XLIV Á VONTADE DE SEU DONO — 1880

XLV SUA MAGESTADE O SENHORIO — 1880

XLVI — LEVANTAR-SE-HA? — 1881

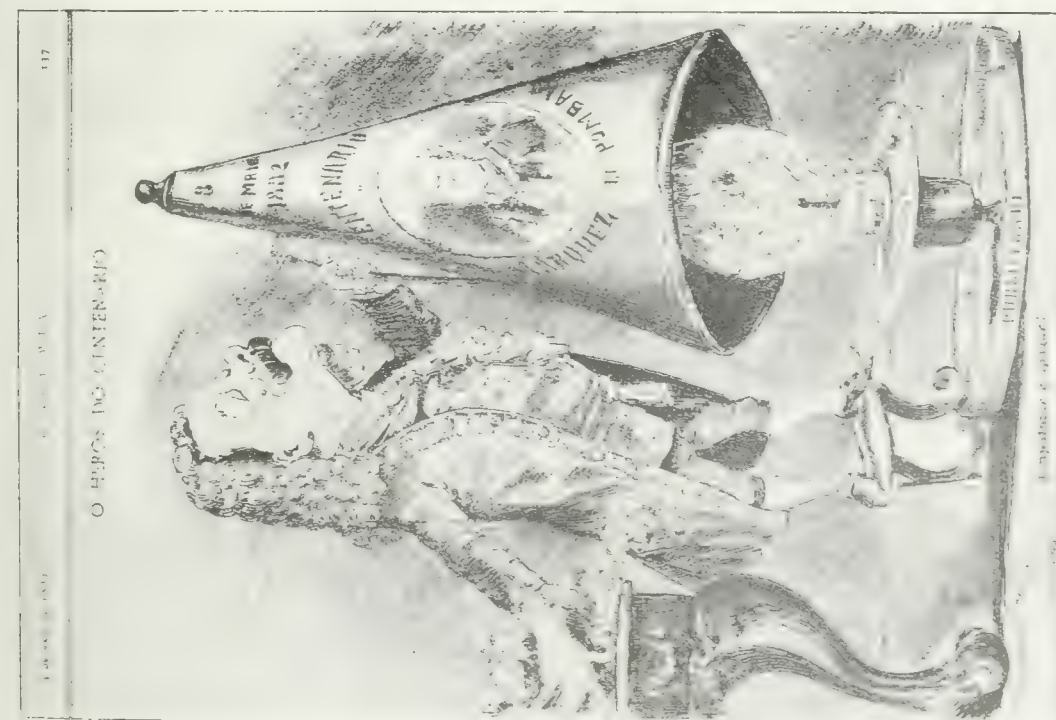
O Antonio Maria

XLVII — Depois das eleições — 1881

O Antonio Maria

XLVIII — Shakespeare e a Carta — 1881

O Antonio Maria

XLIX — O MOVIMENTO ELEITORAL — 1881

L — O Heroe do Centenario — 1882

LI — Nosso Senhor — 1882

LII A GRANDE OBRA' 1882

O Antonio Maria

LIII — A Rethorica — Phyloxera da Politica — 1882

O Antonio Maria

LIV — Amor da Patria — 1882

O Antonio Maria

LV — A Mão de Nabos — 1883

LVI—A MARGEM!... —1883

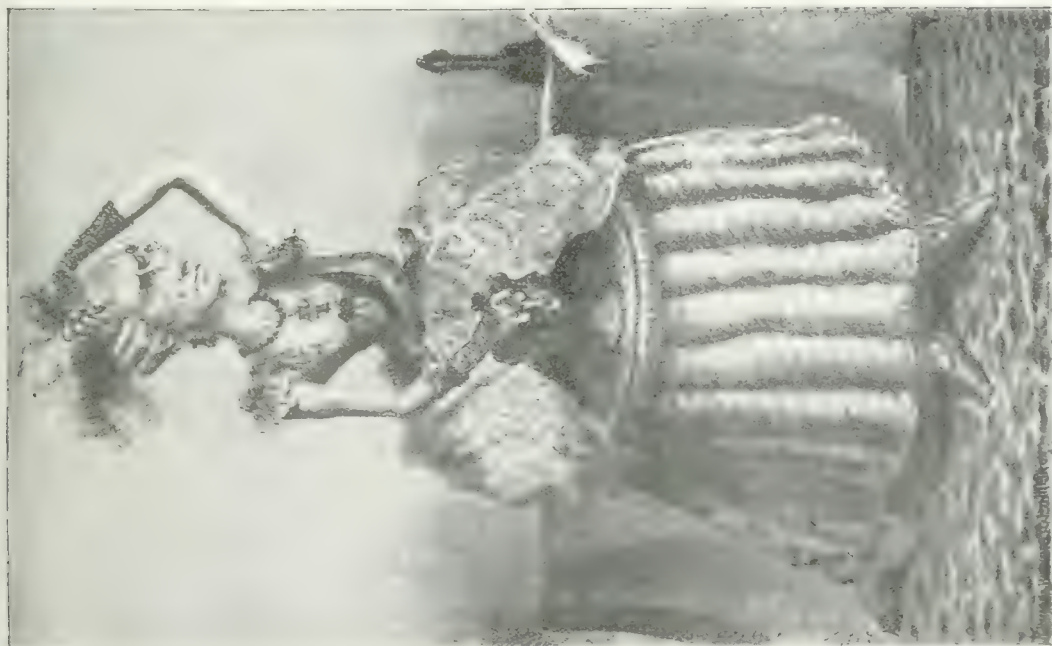
O Antonio Maria

LVII — Caridade em Monopolio — 1885

JÁ SEI, JÁ SEI

LVIII — O Imperador do Brazil — 1880

COM-SORTE

LIX — D. Fernando — 1880

ALMA MATER. A MAMÃ DOS BACHAREIS

LX — A UNIVERSIDADE DE COIMBRA — 1882

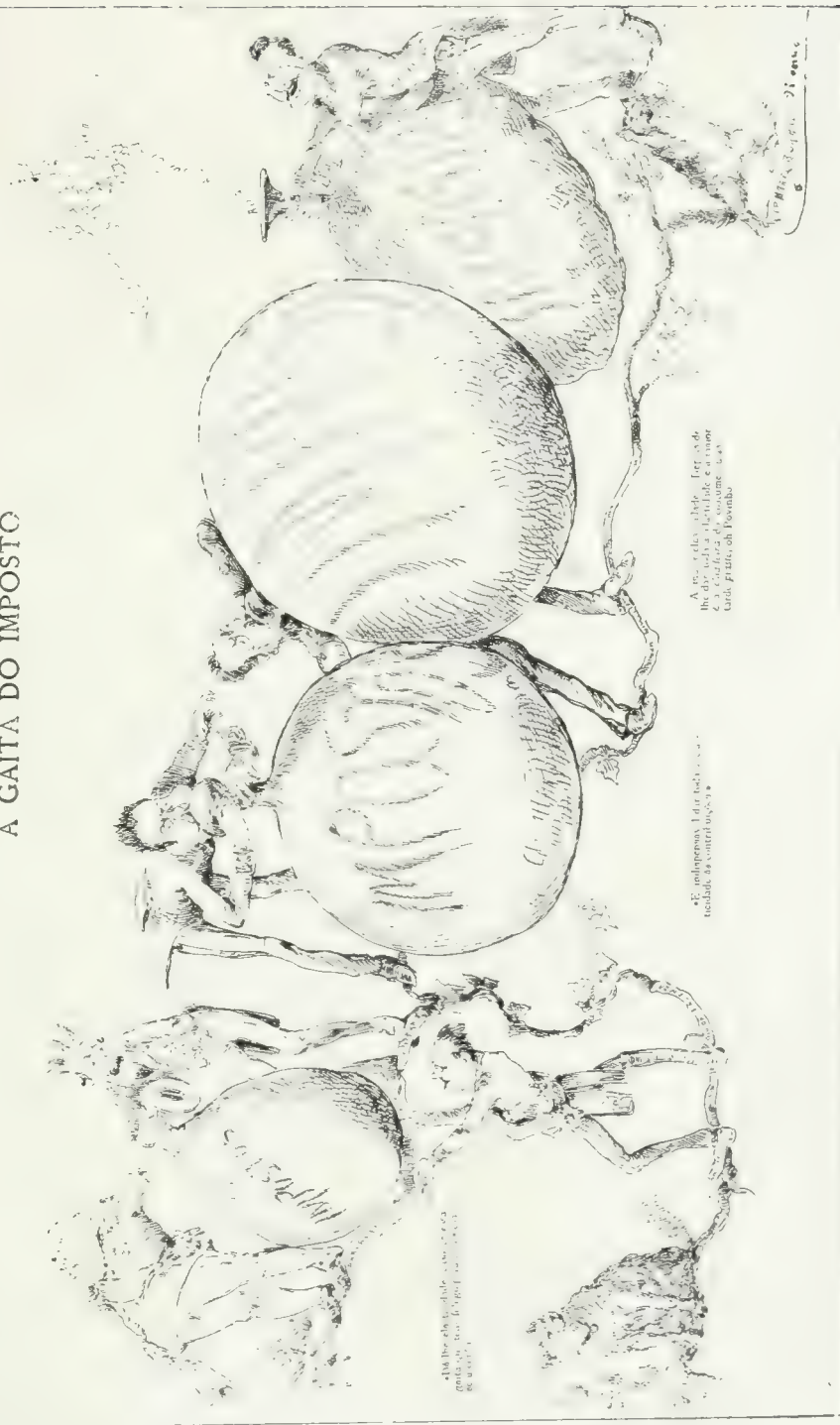
AZUL E BRANCO E CHEIRO D'ALFAZEMA

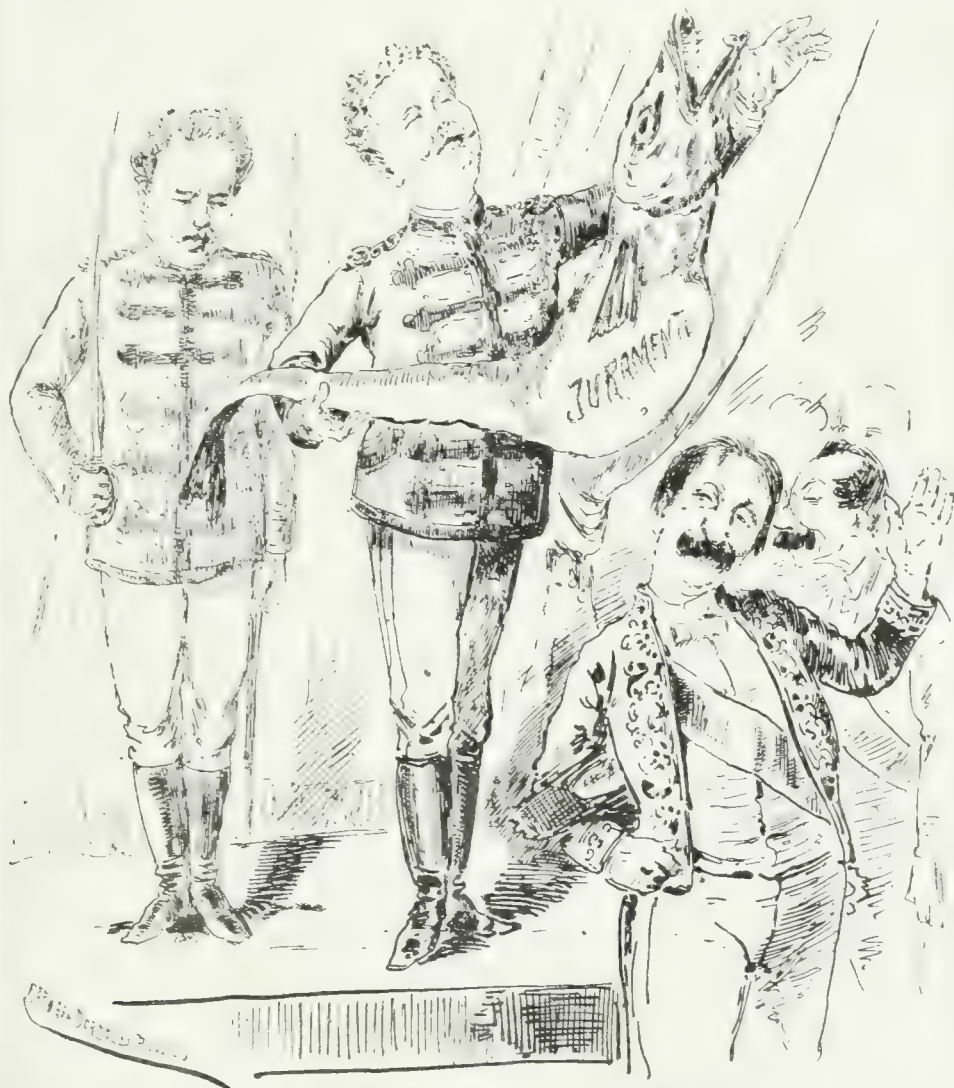
LXI — A CARTA CONSTITUCIONAL — 1882

LXII — Á ESCOLHA — 1885

LXIII — A GAITA DO IMPOSTO — 1886

Pontos nos ii

LXIV — A Escada de Zé — 1886

LXV — Uma partidinha de assalto — 1886

Pontos nos ii

Sua Alteza, no momento em que o parlamento vae dispersar, sacca d'uma pescada, e exprimindo-se por parabolas — qual outro Evangelho — assim falla a seu povo, fazendo a critica d'esta pittoresca regencia que acaba por onde devia ter principiado:

—«[illegible] pares do reino e senhores massadores da nação portugueza! Sabem que mais? [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]! E até á vista!»

O ESPIRITO DA FAZENDA, [illegible]: O Jesuino! toca o hymno!

(E cae o panno parlamentar.)

LXVI — A Sessão do Juramento — 1886

Pontos nos ii

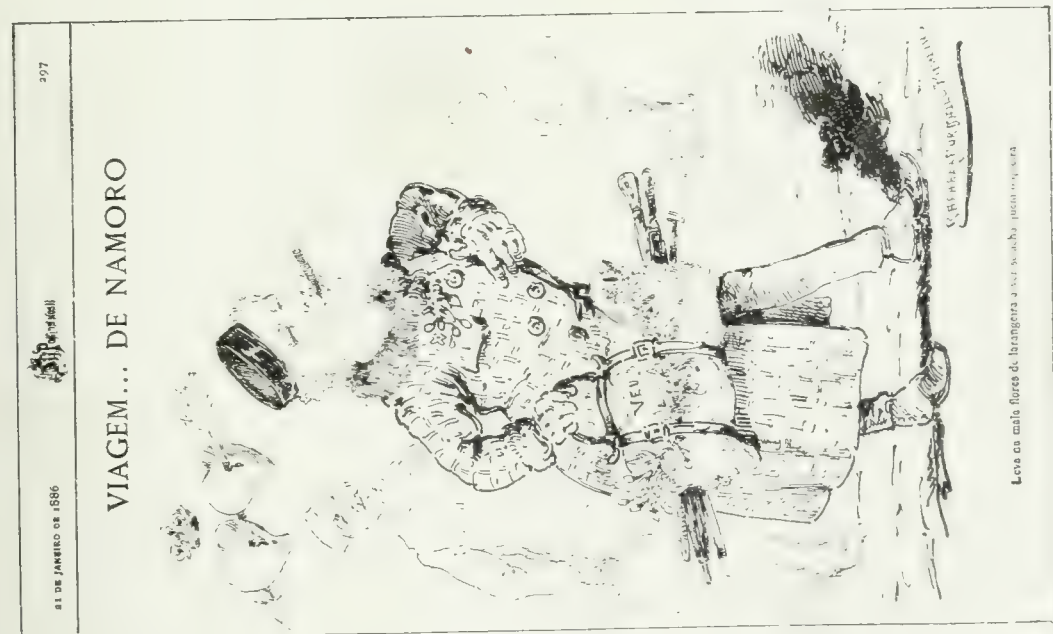
LXVII – As Eleições — 1887

Pontos nos ii

LXVIII — A Eterna Cabra-Cega — 1887

Pontos nos ii

LXIX—O Cortiço—1887

Pontos nos ii

LXX — VIAGEM... DE NAMORO — 1886

LXXI — AS REDEAS DO GOVERNO — 1888

LXXII EMQUANTO NÓS ENTRAMOS E SAHIMOS, JOHN BULL ALAMBASA-SE — 1889

Pontos nos ii

LXXIII — AMANHÃ — 1890

LXXIV — Tres attitudes differentes — 1890

O Antonio Maria

LXXV — A Moral do Tratado — 1891

O Antonio Maria

A miseria é grande, é enorme; o commercio parado; as industrias moribundas; o paiz agonisante—e os agiotas sem descerem da burra!

LXXVI — A monstruosa burra do paiz — 1891

O Antonio Maria

O ANTONIO MARIA

A VIDA NOVA

Assôa-te a este guardanapo

LXXVII — A Vida nova — 1892

O Antonio Maria

LXXVIII – Olaré quem brinca! — 1894

A Parodia

LXXIX — A FINANÇA: O GRANDE CÃO — 1900

LXXX — A RETHORICA PARLAMENTAR: O GRANDE PAPAGAIO — 1900

A Parodia

LXXXI — LÁ VEM DUAS HESPANHOLAS! — 1900

A Parodia

LXXXII — A ALLIANÇA INGLEZA — 1908

A Parodia

— Conheces-me?

LXXXIII — A ULTIMA MASCARA — 1901

A Parodia

LXXXIV — CONFITEOR — 1901

A Parodia

LXXXV — A Indifferença mascára a miseria — 1901

A Parodia

LXXXVI — Ao que chegámos! — 1902

A Parodia-Comedia Portugueza

FAZ FAVOR, EMPRESTA-ME O SEU LUME?

LXXXVII — VINTE ANNOS DEPOIS — 1903

A Parodia-Comedia Portugueza

Hontem inglezes, amanhã hespanhoes, mais tarde italianos ou francezes, nós somos positivamente um povo de braços abertos á Civilisação

LXXXVIII — O Nosso Povo — 1903

A Parodia-Comedia Portugueza

O CABAZ DAS COMPRAS

LXXXIX — A Politica de Negocios — 1904

A Parodia-Comedia Portugueza

XC — A Loteria do Natal — 1904

Indice